

Denise Pereira

(Organizadora)

Métodos e Práticas



Pedagógicas:



estudos, reflexões e perspectivas

Volume 6

Denise Pereira
(Organizadora)

**Métodos e práticas
pedagógicas: estudos,
reflexões e perspectivas**

Vol. 6

Ponta Grossa
2023

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadora

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Capa

AYA Editora©

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

**Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues**

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira
Miranda Santos**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas nos capítulos deste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a opinião desta editora.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas [recurso eletrônico]. / Denise Pereira (organizadora) -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 173 p.

v.6

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-279-1

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204

1. Educação. 2. Educação pré-escolar. 3. Adaptação escolar. 4. Aprendizagem. 5. Educação ambiental – Amapá. 6. Educação infantil. 7. Professores – Formação. 8. Programas de estágio. 9. Prática de ensino. 9. Educação física – Estudo e ensino. 10. Arte de contar histórias. 11. Psicologia educacional. 12. Cidadania. I. Pereira, Denise. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação..... 10

01

A creche: instrumento de acolhimento e autonomia da criança..... 12

Érica Frutuoso Araújo

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.1

02

A influência da brinquedoteca na educação infantil.. 27

Alana Somavilla

Laura Somavilla Michelin

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.2

03

Tempo de escola e qualidade na educação pública: uma análise da interação aluno x professor e seus reflexos educacionais oportunizados pela escola em tempo integral Professor Manuel Vicente Ferreira Lima – Coari/AM 36

Leidiano Lima Candido

Elioney Pereira Feitoza

Francisco Pereira da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.3

04

A atuação do professor na formação crítica do aluno do ensino médio numa perspectiva sociopolítica 47

Bruno Normando Gomes do Nascimento

DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.4](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.4)

05

A cidadania e a psicopedagogia: a necessidade de intervenções psicopedagógicas nas escolas públicas de Breves-PA 62

Luciano da Silva Leão Soares

Larissa Bruna Otoni de Lima

Clissia Gama Mercês

DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.5](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.5)

06

A importância do estágio curricular em gestão e coordenação pedagógica: relato de experiência em estágio no ensino fundamental em Breves-PA..... 78

Jucelia Rodrigues da Silva

Luciano da Silva Leão Soares

DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.6](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.6)

07

O desafio de compreender a aprendizagem e seus múltiplos caminhos 91

Maria Jacsonilma Lima Moura

DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.7](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.7)

08

O jogo da oralidade e a contação de histórias na prática pedagógica 106

Daniele Pamplona Soares
Jilvania Lima dos Santos Bazzo
Deise Leite Bitencourt Friedrich
DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.8](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.8)

09

Narrativa sobre o uso de materiais de baixo custo em propostas de ensino de física por investigação..... 116

Washington Martins dos Santos
DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.9](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.9)

10

O impacto da disciplina Trabalho Pedagógico e Formação de Professores na formação do fisioterapeuta: um relato de experiência..... 131

Jhulie Anne Pinheiro Kemerich
Sabrina Orlandi Barbieri
DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.10](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.10)

11

O esporte e sua função motivadora nas aulas de educação física 136

Juno Januário da Silva Neto
DOI: [10.47573/aya.5379.2.204.11](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.204.11)

12

O uso de métodos no ensino prático de avaliação ambiental em ecossistema aquático no município de Oiapoque, Amapá..... 143

Ana Paula Figueiredo Costa
Esthefanne de Araújo Leitão
Thayeweres Gustavo Alves Silva
Geiza Patrícia Gomes da Silva
Kleyton Pereira de Freitas Marques
Adriano Lucas Castilho Jean Jacque
Rulienderson Soares Pantoja
Emerson Monteiro dos Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.12

13

Educação ambiental e horta na escola: reflexões 159

Juno Januário da Silva Neto

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.13

Organizadora 166

Índice Remissivo..... 167

Apresentação

É com imensa satisfação e entusiasmo que apresentamos aos leitores o sexto volume da obra **“Métodos e Práticas Pedagógicas: Estudos, Reflexões e Perspectivas”**. Esta coletânea de capítulos, elaborada por renomados pesquisadores e educadores comprometidos com a excelência na educação, traz à tona um leque de temas pertinentes e atuais no campo da pedagogia.

A diversidade de enfoques presentes neste livro reflete a riqueza e a complexidade da prática pedagógica, bem como as variadas nuances que permeiam o processo educativo em suas diferentes etapas e contextos. Os capítulos aqui reunidos constituem um verdadeiro convite à reflexão e à busca constante por aprimoramento no campo da educação.

No primeiro capítulo, “A creche: instrumento de acolhimento e autonomia da criança”, mergulhamos em um estudo aprofundado sobre a importância das instituições de educação infantil como espaços propícios para o desenvolvimento da autonomia e da segurança emocional das crianças mais jovens.

Na sequência, o capítulo “A influência da brinquedoteca na educação infantil” nos conduz a uma reflexão sobre o valor do brincar no processo educativo, evidenciando a brinquedoteca como um ambiente enriquecedor para o desenvolvimento integral da criança.

Já no terceiro capítulo, os autores abordam o tema “Tempo de escola e qualidade na educação pública”, debruçando-se sobre a análise da interação entre aluno e professor, especialmente nos ambientes de educação em tempo integral, com um estudo de caso inspirador conduzido pelo Professor Manuel Vicente Ferreira Lima, em Coari/AM.

Outra importante temática é abordada no quarto capítulo, intitulado “A atuação do professor na formação crítica do aluno do ensino médio numa perspectiva sociopolítica”, que apresenta um olhar profundo sobre o papel do educador no estímulo ao pensamento crítico e à consciência social dos jovens estudantes.

Ainda no âmbito da psicopedagogia, o quinto capítulo, “A cidadania e a psicopedagogia”, ressalta a necessidade de intervenções psicopedagógicas nas escolas públicas, em específico em Breves-PA, visando contribuir para uma educação mais inclusiva e humanizada.

Os relatos de experiência adquirem destaque nos capítulos seguintes: “A importância do estágio curricular em gestão e coordenação pedagógica” oferece um panorama enriquecedor sobre vivências no ensino fundamental em Breves-PA, enquanto “O impacto da Disciplina Trabalho Pedagógico e Formação de Professores na Formação do Fisioterapeuta” relata experiências transformadoras que agregam valor à formação acadêmica.

Em um contexto mais prático e aplicado, “O jogo da oralidade e a contação de histórias na prática pedagógica” traz uma abordagem instigante sobre a utilização dessas técnicas para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos.

Explorando ainda mais o potencial das metodologias pedagógicas, o capítulo “Narrativa sobre o uso de materiais de baixo custo em propostas de ensino de física por investigação” revela uma perspectiva inovadora para o ensino da física, ao passo que “O esporte e sua função motivadora nas aulas de educação física” destaca o esporte como ferramenta de estímulo e aprendizado.

Também voltado para o ensino prático, o capítulo “O uso de métodos no ensino prático de avaliação ambiental em ecossistema aquático no Município de Oiapoque, Amapá” aborda questões cruciais no âmbito da educação ambiental e da preservação do meio ambiente.

Encerrando a obra, o capítulo “Educação ambiental e horta na escola: reflexões” traz à tona um diálogo profícuo sobre a importância da educação ambiental nas escolas e a valorização do cultivo de hortas, contribuindo para uma consciência mais sustentável e responsável.

Cada capítulo aqui presente é uma peça essencial no mosaico da educação, e o conjunto dessas abordagens enriquece sobremaneira o campo pedagógico. Ao mergulharmos nessas páginas, somos convidados a refletir, aprender e vislumbrar novos horizontes educacionais. Que este livro seja, portanto, um instrumento inspirador para educadores, pesquisadores e todos os que acreditam no poder transformador da educação.

Que a jornada pelas páginas deste livro nos conduza a uma maior compreensão dos métodos e práticas pedagógicas, permitindo-nos trilhar caminhos que conduzam a uma educação mais inclusiva, humanizada e comprometida com o desenvolvimento integral de nossas crianças e jovens.

Boa leitura!

A creche: instrumento de acolhimento e autonomia da criança

Érica Frutuoso Araújo

RESUMO

As creches no Brasil têm com objetivos cuidado e educação que atenda crianças de zero a três anos e onze meses; e, a denominação de PRÉ-ESCOLA para toda instituição, segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE) (2008). Caracteriza-se também como espaço de aprendizagem, de compartilhamento de significados, conhecimento e ações entre as famílias e a comunidade escolar. Para conhecer como essa prática é realizada, a pesquisa foi buscar o olhar na Creche Municipal Professora Maria Ferreira Bernardes, na cidade de Manaus. O objetivo da pesquisa foi estabelecer os procedimentos de acolhimento, adaptação na Educação Infantil como contribuição para autonomia da criança que irá ingressar na pré-escola. Com abordagem bibliográfica, quantitativo e com o método dedutivo, utilizou instrumento de coleta de dados um questionário de estrutura fechada. Com esta abordagem foi possível observar o desenvolvimento das crianças durante a adaptação e a socialização, os métodos que são realizados pelos docentes durante este processo. Como resultado ficou claro a importância da creche como um espaço de desenvolvimento integral da criança e o também um lugar seguro para as famílias que necessita de trabalhar e que o contexto histórico de assistencialismos vem desaparecendo e surge a aprendizagem e desenvolvimento integral dos pequenos.

Palavras-chave: creche. acolhimento. adaptação. autonomia.

INTRODUÇÃO

A Lei de diretrizes e base da educação, Lei 9.394/96 garante em seu artigo 29 que Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade e, em seu artigo 30 que ela será oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade e pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, 1996).

O direito das crianças há uma Educação Infantil de qualidade, refere-se ao direito das crianças e de suas famílias ao acesso a essa etapa educativa, como garantia de direito social. Há uma série de direitos, consolidados na e pela produção do conhecimento científico e no âmbito político e legal que precisam ser garantidos a todas as crianças nas



instituições de Educação Infantil brasileiras, reunidos – mas não limitados - no direito à brincadeira, aos conhecimentos, ao respeito a seu pertencimento étnico-racial, de gênero, social, cultural, religioso, etc., tendo como marco legal a Constituição Federal de 1988 e expressos em demais documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação.

O presente estudo investiga como a educação oferecida pela Creche Municipal Professora Maria Ferreira Bernardes, na cidade de Manaus, tem contribuído para o acolhimento, adaptação e autonomia da criança que irá ingressar na pré-escola, estimular e despertar reflexões acerca da temática, especialmente sobre os desafios encontrados na Educação Infantil.

Iremos discorrer sobre o processo de acolhimento das crianças dentro da instituição educacional, como este processo acontece no cotidiano do escolar. Detectar quais são os desafios enfrentados pela instituição, pelos professores e pela família no processo de acolhimento das crianças no ambiente escolar.

Compreender o processo de adaptação da criança dentro do ambiente escolar, quais são as reações, sentimentos, atitudes, relacionamentos com os coleguinhas no ambiente externo do seu cotidiano familiar.

Apresentar os resultados do processo de autonomia das crianças desde sua entrada até sua saída na instituição escolar para outra etapa da Educação Infantil. Na busca de contribuir com dados relevantes e novos desafios para futuras pesquisas a respeito da temática em Educação Infantil, em especial a oferecida nas creches, um processo educacional imprescindível para desenvolvimento integral da criança que precisa estar cercada de ambientes seguros, agradáveis e prazerosos que podem contribuir com significativas aprendizagens.

A CRECHE: UM DE ESPAÇO EDUCATIVO

Durante muito tempo a família foi a principal responsável pela educação das crianças, somente no XVIII com as transformações do processo produtivo e da tão conhecida revolução industrial, que mudou a característica do sistema produtivo agrícola para o industrial, aumenta a demanda de mão obra para a indústria que até então era somente ocupada por homens, a partir de então a indústria passa a absorver a mão de obra feminina.

Com as mulheres ocupando os lugares nas fábricas, surge a necessidade de um lugar para guardar as crianças, desta forma criam-se espaços com caráter assistencial-filantrópico, naturalmente para atender aos filhos das mulheres de classe desfavorecidas que tinham necessidade de ir ao mercado de trabalho e que pelo pouco que ganhavam, não tinham como pagar alguém para cuidar dos filhos e precisam de assistência, mas a criação deste espaços também deixa marcado a existência da falta moral e econômica das famílias que precisavam ser camuflada. As primeiras intuições surgem na França, ainda no século XVIII. De acordo com Rizzo (1992, p. 19):

O aumento do número de fábricas fez surgir na França as *'gardeuses d'enfants'* (criadeiras) com a finalidade única de retirar das ruas as crianças que perambulavam famintas enquanto suas mães trabalhavam nas fábricas, muitas vezes em regime de 16/18 horas de trabalho, e resguardar dos olhos da sociedade um segundo estorno que eram os filhos de uniões ilegítimas. Na verdade, foram esses os objetos iniciais das creches.

A natureza de criação das creches deixa claro seu papel, surgiram para “guardar” ou “esconder” as crianças pequenas e pobres, que representavam uma vergonha para uma sociedade que prezava pela “moral e os bons costumes” e que economicamente desabrocha. A história mostra que surgiram com instalações precárias, basicamente preocupados com os cuidados básicos de higiene e sem nenhum cunho educativo.

No Brasil, não diferente do mundo a fora, antes da criação das creches criam-se em 1726 nos hospitais, casa de misericórdia e conventos, instituições de caráter religiosos e filantrópico que ficou conhecida como “Casa da Roda¹” ou “Roda dos Expostos”, elas foram as pioneiras destinadas ao atendimento de crianças pequenas.

Vale ressaltar que eram também com objetivo de esconder a vergonha social de cuidar dos filhos das mães solteiras e viúvas que abandonavam as crianças nas portas das igrejas ou que ficavam abandonadas nas ruas.

Marcílio, (1998. P. 52), destaque que:

A roda dos expostos, como assistência caritativa, era, pois, missionária. A primeira preocupação do sistema para com as crianças nela deixadas era de providenciar o batismo, salvando a alma da criança, a menos que trouxesse consigo um bilhete que era muito comum – que informava a rodeira que o bebê já estava batizado. No caso de dúvidas dos responsáveis pela instituição, a criança era novamente batizada.

Outros fatores que também contribuíram para multiplicação destes espaços, para o cuidado com as crianças fora do âmbito familiar foi o alto índice de mortalidade infantil, a desnutrição generalizada que ocorria no âmbito familiar.

Esses fatores contribuíram para a criação de instituições que deveriam receber e cuidar das crianças. Podemos observar que as creches no Brasil surgiram para minimizar os problemas sociais decorrentes do estado de miséria de mulheres e crianças, ao contrário dos países da Europa, em que a expansão das creches decorria da necessidade do atendimento às crianças cujas mães foram recrutadas como mão de obra para as fábricas. Naturalmente o capitalismo deu novos direcionamentos a essa realidade no Brasil. Os altos índices de mortalidade no País, leva em 1899 a criação no Rio de Janeiro do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, que de acordo com Kramer (1992), tinha os seguintes objetivos:

Atender os menores de oito anos, elaborar leis que regulassem a vida e saúde dos recém-nascidos, regulamentar o serviço das amas de leite, velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e jardins de infância. (Kramer, 1992, p.23)

Com a Constituição de 1988, a educação pré-escolar é legalmente reconhecida como necessária, direito de todos, dever do Estado e deve ser integrada ao sistema de ensino. Desde então, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional brasileira, seguindo uma concepção pedagógica, complementando a ação familiar, e não

mais assistencialista, passando a ser um dever do Estado e direito da criança.

Um novo olhar é direcionado para as crianças, agora numa perspectiva pedagógica que a reconhece como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural. Ela desmascara a educação compensatória, que delega à escola a responsabilidade de resolver os problemas da miséria.

Os estudos apontam que surgimento das creches e pré-escolas tiveram origens bem diferentes, uma das outras, Ortiz (2012, p.19), em seus estudos nos diz que “enquanto as pré-escolas já nasceram nas estruturas educacionais, na Alemanha, em 1860, considerando as ideias de Froebel (educador alemão que disseminou a ideia do jardim da infância ambiente educacional que valorizava a infância como fase mais importante na formação humana), as creches nasceram da iniciativa privada, tanto na Europa como no Brasil”.

O espaço do Jardim da Infância, foi direcionado muito mais para atender as famílias abastadas do que as famílias operárias (atendidas pelas creches). As creches são demandas do avanço do capitalismo, a necessidade de manter as mulheres no chão das fábricas obriga a elite encontrar um arranjo de educação para as crianças das camadas populares.

A natureza da criação das creches levou ao estigma de serem consideradas como depósitos de crianças e não como instituição educativa. Frente a esta característica Didonet, (2001) pontua que:

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação Creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p.13)

Mesmo com a necessidade de espaços educacionais, essas instituições não deixaram de lado seu caráter, caritativo e compensatório de sanar as dificuldades financeiras das famílias pobres, pois, o trabalho desenvolvido nelas estava sempre voltado prioritariamente para cuidado com a higiene, alimentação e a segurança física das crianças, sem preocupação com o caráter educativo para o desenvolvimento integral da criança.

A CRECHE NA CIDADE DE MANAUS, UM DIREITO EM QUESTÃO

As creches fazem parte do sistema de ensino, garantidos tanto por nossa Carta Magna e ratificados em demais documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Estado da Criança e do Adolescente, faz-se necessário discutir o papel da creche no processo ensino-aprendizagem, não só do cuidar, mas, também do educar, dentro de seu contexto social, abrangendo a questão na qualidade do que é ofertado e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Os registros históricos, a maioria a partir dos relatórios da Província, mostram que na cidade de Manaus o processo de criação de instituições para o cuidado com as crianças

se deu de forma bastante lenta em comparação com outras capitais brasileiras, conforme nos mostra os estudos de Rizzini (2011, p. 12-13):

Era de conhecimento de todos e as observações etnográficas dos viajantes, nas mais diversas regiões brasileiras, demonstraram largamente os cuidados e o apreço dos pais pelos filhos. Não há referência ao abandono de crianças nesta época nos espaços urbanos amazônicos, embora nos orçamentos anuais estivessem previstas verbas para a criação e tratamento de expostos pelas câmaras municipais das cidades e vilas. No entanto, o abandono não deve ter atingido uma dimensão que sobrecarregasse as municipalidades, pois Belém e Manaus não instalaram rodas de Expostos, como ocorreu em várias capitais e cidades do Império, desde o século.

Manaus desde sua criação até os dias atuais concentra o maior desenvolvimento econômico como capital, em contraponto, as demais cidades do estado sobrevivem apenas da economia de subsistência, sendo que Manaus apresenta-se como atrativo para a população do interior, este fator produz no estado uma característica muito peculiar, as famílias da capital, sob a alegação de cuidar das crianças abandonadas ou pobres para terem um futuro melhor, trazem com autorização dos pais as crianças dos municípios do interior e na condição de tutores exploram o trabalho delas e em alguns casos comentem abusos e de violências sexuais com as crianças. E sob o silêncio ou olhar invisível da sociedade essa prática ainda acontece até os dias atuais.

Início do século XIX, a cidade de Manaus com o tão famoso período áureo da borracha, torna-se uma cidade prospera nos seus aspectos econômicos, estruturais e culturais. Ficou conhecida como a Paris dos trópicos, pois as características arquitetônicas de seus prédios eram inspiradas na arquitetura europeia. O progresso e a riqueza deste momento atraem a curiosidade do mundo a fora para conhecer a cidade moderna no meio da selva.

Em contrapartida ao progresso a desigualdade e a exclusão também fazem parceria, os relatos da obra literária “Um punhado de vidas” de Castro (2001) retrata que a realidade social do atendimento a crianças pequenas no período áureo da borracha é marcada pela desigualdade social, exclusão e ausência de políticas públicas. Havia concentração de riquezas nas mãos de uma pequena parcela da população, a maioria vivia em situação de miséria, sem acesso à educação, sem direito a dignidade para viver em sua terra, uma vida subjugada para os trabalhadores.

No Amazonas, a educação para crianças pequenas nunca foi prioridade, os registros mostram que um dos primeiros lugares que se registra o ingresso de crianças de quatro anos é o Instituto Benjamim Constant, o qual era utilizado para abrigar crianças pobres e órfãos.

Esta instituição não tinha finalidade educativa ou pedagógica, mas puramente assistencial, o único diferencial era o ensinamento de ofícios típicos para as mulheres, como: aula de costura, serviços e afazeres domésticos. O princípio básico deste período era educar, civilizar e impregnar o valor do trabalho na população, principalmente nas crianças.

Em 1900, surge a primeira proposta de criação de espaços educativos conhecido como jardim de infância, mas somente 17 anos depois a proposta torna-se realidade através do Regulamento Geral da Instrução Pública, Lei nº 938, de 16 de outubro de 1917, e do

Decreto N. 1.276, de 5 de abril de 1917.

Como existem grupos escolares e institutos que por essas crianças podem ser frequentados, seria conveniente a criação de Jardins da Infância, que tão bons resultados hão produzidos nos países cultos. O meio pedagógico de Froebel, considerado uma das melhores aplicação do methodo intuitivo do Pestalozzi, daria com certeza frutos entre nós, tiraria a nossa instrução primária essa característica rotineira que a desfigura. (RPAM, 10/07/1900, p. 21)

Durante esse período só se falou em jardim de infância, espaços que absorviam crianças de 4 a 6 anos, mas não se pensou nas crianças de 0 a 3 anos, foi então que Ephigenio Ferreira de Sales propôs em sessão na Assembleia Legislativa (RPAM, 14/07/1928, p. 39-41) a criação da primeira creche do qual se tem registro em Manaus, denominada “Creche Alice de Salles”.

Ela teve sua finalidade desviada, pois, na realidade, serviu de atendimento às crianças que tinham pais portadores do mal de Hansen¹³, ou seja, o estabelecimento era parte do sistema hospitalar, até a descoberta científica de que “filhos de pais leprosos não trazem consigo o mal de Hansen”. (AMAZONAS, 1928, p.39). Neste período a hanseníase se alastrava na cidade de Manaus e não havia estrutura para separar os doentes.

O direito pleno à educação para as crianças de 0 a 3 anos durante muito tempos foi negligenciado, sempre uma realidade distante, toda educação era baseada na assistência social, reflexo do contexto social e econômico da época: “as instituições de educação da criança pequena estão em estreita relação com as questões que dizem respeito a história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção e etc.” (KUHLMANN JR., 2010, p. 16).

A partir da implantação da Zona Franca de Manaus, ocorreu um acentuado ingresso das mulheres operárias no Distrito Industrial, pois estas eram consideradas mão de obra barata e por sua condição de mulher podiam se dobrar facilmente as exigências do patrão.

O capitalismo crescente da época guardava e ainda guarda a herança do nefasto colonialismo, o empresariado empregando a um baixo custo para obter lucros vultosos, a exploração da mão de obra presente no meio operário. A respeito desta assertiva Bertarelli (2010) em seus registros destaca que:

De fato, a Zona Franca tem contribuído para a criação de uma nova sociedade manauara, onde um processo de aculturação e imposição de modelos baseados no consumo vem se sobrepondo a organizações sociais e saberes tradicionais, que tem sido desrespeitado. Portanto, é preciso considerar a especificidade de Manaus e observar que a exploração da mão de obra feminina, além de realizada em condições de trabalho pesado e de baixos salários, é feita em detrimento de uma cultura que permanece dominada. (BERTARELLI, 2010, p. 62)

O processo colonizador na cultura amazonense enraizado pela cultura europeia, evidencia a exclusão de famílias de baixa renda da educação institucionalizada. A população amazonense era em sua grande maioria de indígenas, alvo de cobiça dos colonizadores que defendiam a necessidade de civilizá-los aos seus modelos. A hegemonia europeia com o uso da violência obrigava os nativos a cumprir seus desmandos.

Na década de 70, Manaus não diferente de outras cidades do Brasil, para garantir o acesso a creche para seus filhos, as mulheres precisaram reivindicar o direito. Foi necessário

organização, determinação e coragem das mulheres.

Elas, inseridas nos movimentos feministas assumem a luta por implementação e expansão de creches, na cidade de Manaus. De acordo com Torres (2005) essas mulheres inseridas nos sindicatos, conseguiram colocar como pauta das discussões a demanda e a necessidade de ampliação dos serviços de creches.

As mulheres trabalhadoras do Distrito Industrial, num ato de coragem e determinação não se deixaram intimidar frente aos posicionamentos autoritários de seus patrões e se lançaram a lutar por aquilo que necessitavam e defendiam naquele momento, rompendo com audácia o véu da subordinação no chão da própria fábrica, onde labutavam diariamente. (TORRES, 2005).

Recentes pesquisas sobre o tema ‘articulação e trabalho e família” mostram que as creches foram apontadas pelas mães como a melhor estratégia para o cuidado das crianças pequenas. Bruschini e Ricoldi (2009), por exemplo, afirmam que tanto para as mulheres com companheiro como aquelas sem companheiro, as creches são, sem dúvida, a melhor estratégia de cuidado infantil enquanto trabalham.

A VIVÊNCIA NA CRECHE E A AUTONOMIA DAS CRIANÇAS

Um dos conceitos segundo a visão da Organização Mundial de Saúde, é que a infância é um período da vida humana que compreende do nascimento até os 10 anos de idade, e recebem a denominação de criança. No dicionário Aurélio (2012), tem a seguinte definição: “a criança é um ser humano de pouca idade, menino ou menina; párvulo. Pessoa ingênua, infantil”. Neste caso reforça a ideia de dependência de outros, que é ressaltado ao longo de história.

É no século XVII que a infância começa a ser diferenciada, com características próprias. Para ARIÈS, neste momento a infância é considerada a idade fundadora da vida, a criança vai assumindo identidade, voz e estatuto legal.

Uma reflexão crítica sobre a infância e sua história refere-se à desigualdade e diferenças entre diferentes grupos de crianças, invalidando o conceito no sentido unitário e uniforme. Kuhlmann Jr e Fernandes (2004, p. 35) consideraram que:

[O]s fatores relativo à evolução da infância, na pluralidade de suas configurações, inscrevem-se em contextos cujas variáveis delimitam perfis diferentes. É indispensável discernir quais dessas variáveis são de fato atuantes em cada conjuntura e são, conseqüentemente, pertinentes na delimitação do território em causa. [...]A modernidade faz da denominação infância um guarda-chuva a abrigar um conjunto de distribuição social, relacionadas a diferentes condições: as classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, a raça, o gênero; bem como as diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola, (criança/aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e /ou de convivência /brincadeira). É nessa distribuição que a concepção de infância se amolda às condições específicas que resultam na inclusão e na exclusão de sentimentos, valores e direitos.

A criança tem um papel importante dentro de sua sociedade particular, a partir de suas interações com outras crianças na forma do brincar, afazeres domésticos, cumprimento de rotinas, elas acabam por constituir suas próprias identidades e papéis perante seu meio.

Neste paradigma identifica - se seis princípios abordados por James e Prout em 1990, são o alicerce para a compreender a infância. Citando Silva e Nunes (2002, p. 18), expõem tais categorias:

- A infância deve ser entendida como uma construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana. A infância, por oposição à imaturidade biológica, não é nem uma característica natural nem universal dos grupos humanos, mas aparece como componente específico estrutural e cultural das várias sociedades.
- A infância deve ser considerada como uma variável de análise social, tal como gênero, classe ou etnicidade, pois os estudos comparativos revelam mais uma variedade de "infâncias" do que um fenômeno único e universal
- As relações sociais e culturais das crianças são merecedoras de estudos em si mesmo, independentes da perspectiva e dos interesses dos adultos.
- As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que a rodeiam, e na sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.
- A etnografia é o método particularmente útil ao estudo da infância. Permite a criança a participação e voz mais diretas na produção de dados sociológicos do que normalmente é possível por meio das pesquisas experimentais.
- A infância é um fenômeno em relação ao qual uma dupla hermenêutica das ciências sociais está presente, ou seja, a proclamação de um novo paradigma da sociologia da infância também deve incluir e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade.

O conhecimento destas infâncias possibilita várias abordagens no espaço da Educação Infantil, pois faz com que se compreenda a criança como ser social de direitos e a Creche contribui no processo de formação da criança. Por isso está pesquisa propõe-se a verificar se é possível afirmar que as crianças que vivem a experiência de ingresso na creche garantem mais autonomia no processo educacional para o ingresso na pré-escola do que as crianças que não vivenciam essa experiência?

Sendo, que o município de Manaus, lócus da pesquisa atualmente dispõe de uma rede com 22 creches que atendem crianças de 0 a 3 anos. Mas, esse número ainda é insuficiente considerando sua população, em especial a infantil.

A creche é um universo promotor da construção de uma rede de cuidados que abrange toda a família. Desenvolve um papel significativo no acolhimento e educação das crianças, mostrando um mundo de novas experiências, o que possibilita a ampliação de seus horizontes de forma integral.

Para que isso aconteça é necessário ao entrar na creche, parte do seu intelecto começa a avançar: ela aprende a se posicionar diante dos vários ambientes e grupos onde convive (escola, família, sociedade), a desenvolver um raciocínio crítico e lógico.

Segundo Moreira e Lordelo (2002), a creche representa para as camadas sociais empobrecidas uma oportunidade de elevação da qualidade de vida da população, na medida em que atua como uma rede de apoio social e econômico.

Oportuniza, ainda, maior autonomia às mulheres e o seu acesso às políticas públicas, na proporção em que possibilita a sua participação no mercado de trabalho, na

vida social, contribuindo para a redução da desigualdade e violência de gênero.

Aponta-se ainda, que a creche representa um fator de proteção à criança, pois de acordo com as educadoras, muitas delas ficam sozinhas nas ruas ou em casa de pessoas desconhecidas, para que o responsável legal possa sair para trabalhar.

Diante deste contexto, revela-se a necessidade de postular sobre os resultados qualitativos do ensino infantil oferecido nas creches para as crianças e suas implicações no processo de ensino aprendizagens da criança.

METODOLOGIA

Nesta perspectiva a forma conduzida do processo educacional torna peça fundamental na superação e preparação do educando formando-o acerca de um cidadão crítico. Para constituição desse processo a base educacional é fundamental, nesse sentido desde o berçário o ensinar e educar deve ser pensado pelo professor, pela creche e pela família, na perspectiva de preparação do vir-a-ser do pequeno.

O processo de desenvolvimento da criança tem como início uma longa caminhada, onde cada condição proposta, seja, estímulo, seja instigar a criança ou mediá-la a um conhecimento composto de variadas ações levando-a para o encontro do seu “eu”.

Ou seja, compreender como lidar com crianças nesse período da primeira infância, uma vez que, as mesmas perpassam maior parte de seu dia-a-dia em creches. Na perspectiva de que a criança visa sua realidade para construir seus conhecimentos, encontrando a maturidade e passando para outra fase do desenvolvimento.

A ideia de não nascermos prontos e acabados nos informa que seremos eternos aprendizes, e isso vale para o desenvolvimento da criança, meio que ela está inserida vai modificá-la sempre que há necessidade. No caso das crianças que permanecem maior parte do tempo em creches, deve ser proporcionado algo que contribuía com esse período.

Por isso a importância das creches em trabalhar de maneira diversificada, onde os professores por meio de práticas pedagógicas trabalhem de forma eficaz, buscando meios para lidar com as diferenças em sala de aula, oportunizando aos pequenos a aprendizagem.

Mas é um caminho que enfrenta alguns obstáculos, pois ainda perpassa culturalmente por muitos pais que a Educação Infantil significa apenas brincar, sem o reconhecimento de oportunizar o desenvolvimento, infelizmente ainda nos deparamos com isso, entende-se que os pais precisam ser conscientizados da importância de cursar a educação infantil, pois os cinco primeiros anos de vida é o período que a criança mais se desenvolve e aprende impulsionado pela necessidade proposta em sua própria vivência.

Neste processo entende-se que essa pesquisa é importante e atual para o debate da educação escolar no Amazonas e no Brasil, pois ela poderá contribuir para novas reflexões, novos olhares e novas propostas para a oferta nesta modalidade de ensino na cidade Manaus-AM, como garantia de direito.

Para dar suporte a pesquisa foi utilizada abordagem metodológica bibliográfica, quantitativa, com métodos dedutivos, aplicando questionários com perguntas fechadas respondidas por membros da creche e da família. Na pesquisa bibliográfica fomos buscar o contexto histórico da formação da Educação Infantil até o atual modelo, é necessária essa busca pela formação das lutas social e política para educação da criança no Brasil.

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica.

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]

A utilização do método quantitativo, de maneira geral, pode incluir o resumo dos dados em tabelas de frequências, representações gráficas, e a estimativa de parâmetros ou indicadores estatísticos (também designados pela expressão “estatísticas”) (MARCONI E LAKATOS, 1996). Que no caso desta pesquisa foi utilizado questionário com perguntas fechadas, dessa forma formaram o gráfico para discussão das análises.

De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

Geralmente, abrangem um número maior de entrevistados, para o que a própria padronização das perguntas auxilie na tabulação das respostas (MARCONI E LAKATOS, 1996). E para o perfil da Creche pesquisada, foi a melhor forma de pontuar as indagações da pesquisadora em resposta aos objetivos da dissertação.

A CRECHE E SEUS MÚLTIPLOS DESAFIOS

É com a inserção da criança na Educação Infantil, através da creche que inicia o primeiro contato com o ambiente escolar e que ocorre sua primeira experiência de rompimento com os membros da família, é o momento da saída do seu porto seguro para um ambiente desconhecido, esse momento é muito importante na vida das crianças.

É o momento de novas relações com os educadores e com novos colegas, por isso a instituição, ambiente central de acolhimento deve proporcionar um espaço seguro e acolhedor, pois até o momento o lar da criança representa era o lugar mais seguro de convívio social e ao entrar na escola ele encontrará um mundo de diferentes possibilidades onde irá conviver e interagir com outras pessoas, esse ambiente novo poderá ser rico de novos conhecimentos e bem atrativo para as crianças, dependendo do que lhe será oferecido no espaço formativo.

A ação do acolhimento deve ser entendida como uma estratégia que dá início às práticas pedagógicas alicerçadas nos princípios da educação integral. Cultivada entre os estudantes, familiares e servidores de modo que possam, desde o primeiro contato, perceber as oportunidades que a escola oferece, permitindo a integração e a convivência social de todos, a partir do diálogo e trocas de experiências.

Desta forma precisamos compreender que a Educação Infantil é um processo que deve estar integrado com família e as ações educativas precisam estar conectadas, a instituição precisa conhecer e acolher a vivência da família no momento da inserção e assim proporcionar para as crianças um ambiente prazeroso de socialização que despertem novas aprendizagens.

Mesmo reconhecendo a importância do bom relacionamento entre família e as instituições de Educação Infantil e que também é defendida nos discursos educacionais e garantida por lei, ambas as instituições muito mais se acusam mutuamente do que buscam concretizar essa parceria, criando estratégias para solucionar os problemas surgidos na tentativa de se educar as crianças. (OLIVEIRA, 2002)

Para essa autora, a relação entre as instituições de Educação Infantil e a família sofre variações, por estar associada às situações, aos sistemas, às tradições e à representação feita do papel da coletividade em relação à família e a criança.

Encontramos aqui um forte desafio que precisa ser analisado, repensado e desconstruído, pois, Oliveira (2002), pontua que os profissionais da educação definem os pais como amadores em educação, independentemente da classe social à qual pertencem, sendo, portanto, superiores a eles. Essa concepção pode prejudicar a formação integral da criança.

Muitas instituições de Educação Infantil, por exemplo, incentivam a autonomia infantil, desde a se servir sozinha até a cuidar da sua higiene; já a família pode realizar essas tarefas pela e com a criança, por considerá-la pequena demais. A instituição educacional deve estar preparada para entender que a criança é um ser biopsicossocial, ou seja, ele é um ser completo e que existem influências biológicas, psicológicas e sociais que contribuem significativamente para sua formação, logo, essas características não podem deixar de ser observadas e precisam ser trabalhadas. Tal especificidade pressupõe, portanto, a inseparabilidade das dimensões do cuidado e da formação da criança.

Desse modo, destacamos a importância da função social do professor, partindo da sua formação social, destacando que, a formação inicial passa a ser um dos pilares importantíssimos para o exercício da docência, no sentido de contribuir para que o professor possa construir cotidianamente a sua concepção acerca do objetivo da profissão, ou seja, construir a sua identidade profissional.

Este processo de formação deve, assim, atrelar-se aos conhecimentos, atitudes, caracteres e valores presentes de forma inevitável nas próprias vivências, as quais tornam-se um reflexo significativo no fazer educativo.

Todavia, não basta tão somente que os professores possuam apenas saberes, é imprescindível que tenham tanto saberes quanto competências, pois: Saberes são conhecimentos teóricos e práticos necessários para o exercício profissional, competências são as qualidades, capacidades, habilidades e atitudes relacionadas aos conhecimentos teóricos e práticos e que permitem o exercício adequado da profissão. (LIBÂNEO, *apud* SILVA E GUIMARÃES, 2011, p. 15).

Sendo assim, o professor enquanto profissional da educação é um intelectual em processo contínuo de formação; necessita fazer da sua experiência prática, vivenciada cotidianamente por entre os muros escolares, a reflexão constante da sua prática docente com os saberes pedagógicos.

Diante deste contexto, é válido salientar que além da formação docente é fundamental incluir a preparação dos professores e escola para se relacionar com as famílias, para que estabeleça um vínculo de confiança na Educação Infantil.

Estes vínculos vêm em um crescente, que no processo pedagógico é chamado de autonomia, a estimulação de crianças em atividades grupais gera clima de alegria que incita a curiosidade e finalmente a aproximação natural da criança com seus grupos e os outros componentes da escola.

À medida que o bebê se adapta ao ambiente da creche, ele tende a apresentar melhor desenvolvimento em termos de sua oralidade, passa interagir melhor com os outros bebês, a tornar-se mais ativo fisicamente, menos agressivo e a relacionar-se melhor com os adultos da escola. (OLIVEIRA, 2001, p.12).

O conceito de autonomia significa “capacidade de tomar decisões não forçadas e baseadas em informações disponíveis” e a infância é um importante período no desenvolvimento da autonomia, por se tratar de uma fase da vida na qual a criança conhece e explora o mundo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/98 elaborado pelo MEC:

A autonomia pode ser definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprias, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é, nesta faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas (BRASIL, 1998, p.50).

A escola tem um importante papel nas conquistas das primeiras aprendizagens da criança, na formação do pensamento simbólico, no desenvolvimento da linguagem e no processo de se tornar um ser sociável. Importante lembrar que: dar autonomia na educação infantil significa alimentar na criança o sentimento de que ela é capaz de resolver problemas e superar desafios, de que é capaz de tomar decisões e lidar com as consequências de suas escolhas, as crianças sentem prazer nas suas primeiras conquistas e em experimentar o mundo a sua volta.

AS FAMÍLIAS E A APARCEIRA PARA O APRENDIZADO

O bom relacionamento entre instituição educacional e as famílias é fundamental para garantir o bom desenvolvimento da aprendizagem de uma criança. Mas de acordo com os estudos de Campos (2009a), a comunicação existente entre essas instituições e as famílias está longe de ser satisfatória, e ela, é um importante indicador de qualidade nesta modalidade de ensino. A autora pontua que:

A comunicação com as famílias, é muito ruim na maioria das instituições brasileiras. Isso é fundamental para a criança pequena, que depende muito do adulto, tanto do familiar como do professor. O que aconteceu com aquela criança a noite que no dia seguinte ela só chora na creche? O que ela comeu na creche que a fez passar mal quando chegou em casa? Essa comunicação é mal resolvida e um indicador de qualidade, comprovado por pesquisas quantitativas. (CAMPOS, 2009a, p.7).

Segundo a autora uma das causas da má qualidade da comunicação entre as instituições de Educação Infantil e a família, são as divergências de concepções e podemos acrescentar que pode ser também de formação. As famílias se baseiam no cuidado oferecido

às crianças, na realidade cotidiana da criança, já os educadores mantêm uma gama de preconceitos com respeito às famílias, que, em sua maioria, nas instituições públicas, são de baixa renda, com poucos conhecimentos, o que as torna (na visão dos educadores) incapazes de educar as crianças e promover o seu adequado desenvolvimento:

Portanto é importante, que as famílias tenham um papel fundamental na construção do caráter e da personalidade da criança em conjunto com a escola. Afinal, por meio delas que as crianças têm o primeiro contato com a existência do outro, o que a faz desenvolver noções de afetivo e de solidariedade.

É imprescindível que eles se relacionem da melhor maneira possível, com diálogo, harmonia e em complementaridade, pois todos saem ganhando.

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. (FREIRE, 1993, p.89).

A interação entre a creche e a família são constituídas no dia-a-dia, por isso desde a primeira vez que a família entra neste espaço, vai criando uma imagem de todos os contextos de possibilidades de desenvolvimento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A creche cria novas estratégias, cada sala possui um professor titular e um auxiliar, este auxiliar se torna o apoio para as crianças que não seguem as estratégias de acolhimento.

Este contexto não aparece nas respostas das questões de acolhida, porém ela existe, é necessário que haja um debate mais amplo sobre as estratégias pedagógicas de acolher as crianças e suas diversidades sociais, cognitivas e culturais.

Para uma adaptação mais tranquila é recomendável que os pais tragam as crianças para visitar a escola antes do período de adaptação, a fim de mostrar para a criança o novo ambiente e começar o seu processo de familiarização com as professoras e seus futuros colegas.

O ambiente, as novas rotinas, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam às crianças uma significativa exigência social e emocional que não pode ficar só em anotações das agendas diárias das crianças.

Visualizamos o crescimento das crianças pesquisadas, pontuada pelas famílias e professores como, retirada de fraudas, utilizar talher com autonomia, banho, compreensão de regas no guardar os brinquedos, retirada de chupeta e mamadeira e horários de dormir.

As de 3 anos já se envolvem em experiências mais elaboradas como pintura com diversos elementos, encaixes, brincadeiras com oralidades, lateralidade, domínio de corpo e espaço. As professoras apontam que estes seriam os desenvolvimentos que são característicos para as habilidades para Educação Infantil.

É preciso adotar políticas que permitam mais igualdade no acesso à educação de qualidade, e isso inclui na construção de mais creches, que ofereça um ambiente adequado e favorável ao desenvolvimento e aprendizado das crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS - Relatório de Instrução Pública (1926-1929), 1929.

AQUINO, T. de. 2001. Sobre o Ensino (De Magistro); Os Sete Pecados Capitais. São Paulo, Martins Fontes, 148 p.

BERTARELLI, Maria Eugenia. As vozes femininas: Um diálogo com as trabalhadoras da Zona Franca. In: Um olhar de gênero sobre o setor eletro-eletrônico da Zona Franca de Manaus. Rio de Janeiro: InstitutoEquit/Julhode 2010, p.55-63.

BRUSCHINI, Maria Cristina & RICOLDI Arlene. Família e Trabalho: Dificil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brinquedos e Brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação básica – Brasília: MEC/SEB. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CEB 022/98. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 1998 a. BRASIL, Secretaria de Educação Infantil. Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Vol. 1, Introdução. Brasília: MEC/SEI. 1997. _____ Lei de Diretrizes e Bases Nacionais. Lei Nº 9393/96. Brasília: MEC, 1996.

CAMPOS, M. M. A educação infantil frente a seus desafios. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, maio 2009a (Difusão de ideias).

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: Educação Infantil: a creche, um bom começo. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. V 18, n. 73. Brasília: editora 2001. p.11-28.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 Curitiba: Editora Positivo.

FREIRE, Paulo. Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIZZO, Gilda. Educação pré-escolar. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Achiamé, Rio de Janeiro, 1992.

KUHLMANN JÚNIOR, Moyses. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

- KUHLMANN, Moysés Jr. FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). *A Infância e sua Educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. Renato Pinto Venâncio. Universidade Federal de Ouro Preto. São Paulo, Hucitec, 1998
- MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; LORDELO, Eulina da Rocha. Creche em ambiente urbano pobre: ressonâncias no ecossistema desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, 2002, 6(1), 1-13.
- OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos. O51p O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância / Suélen Cristiane Marcos Oliveira. - Presidente Prudente: [s.n], 2018 260 f.: il.
- OLIVEIRA, Z.M. R. *Educação Infantil: Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORTIZ, Cisele, Maria Teresa Venceslau de CARVALHO: *Interação: ser professor de bebês- cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2012.
- RIZZINI, Irene. *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Cortez, 3 ed. 2011.
- RPAM, AMAZONAS. *Relatórios dos presidentes de província e dos diretores da Instrução Pública, 1830-1930*. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content/brazil/AMA.htm>> Acesso em: 01/03/2021.
- MENSAGEM apresentada pelo Presidente do Amazonas, Ephigenio Ferreira de Salles à Assembleia Legislativa em sessão ordinária, (RPAM, 14/07/1928, p. 39-41)
- SARMENTO, Manuel Jacinto; C ERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2004.
- SILVA, Fernanda Costa Fagundes. GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. *O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: CUIDAR OU ENSINAR? UM*
- TIRIBA, Léo. Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender os discursos e as práticas. In: KRAMER, Sônia. *Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005, p. 66 a. 86.
- TORRES, I. C. *As Novas Amazônicas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2005.

A influência da brinquedoteca na educação infantil

Alana Somavilla

Pedagoga pela Faculdade Anhanguera, 2022

Laura Somavilla Michelin

Pedagoga pela Faculdade Anhanguera, 2022

RESUMO

A brinquedoteca é um espaço educativo destinado às crianças na Educação Infantil, com o objetivo de promover o desenvolvimento cognitivo e social de forma lúdica e prazerosa. Nesse ambiente, as crianças podem explorar diferentes materiais e brinquedos, desenvolver a criatividade e imaginação, praticar a socialização e aprender de forma mais autônoma e autêntica. A brinquedoteca é um importante recurso pedagógico que pode ser utilizado por professores para complementar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem nas primeiras etapas da escolarização. Para que a brinquedoteca seja efetiva, é fundamental que haja um ambiente seguro e acolhedor e que os professores e funcionários estejam engajados em estimular a participação e interação das crianças com os brinquedos e atividades disponíveis.

Palavras-chave: educação infantil. brinquedoteca. desenvolvimento cognitivo. socialização. recurso pedagógico.

ABSTRACT

The toy library is an educational space for children in Early Childhood Education, with the aim of promoting cognitive and social development in a playful and enjoyable way. In this environment, children can explore different materials and toys, develop creativity and imagination, practice socialization and learn in a more autonomous and authentic way. The toy library is an important pedagogical resource that can be used by teachers to complement and enrich the teaching-learning process in the early stages of schooling. For the toy library to be effective, it is essential that there is a safe and welcoming environment and that teachers and staff are engaged in encouraging the participation and interaction of children with the available toys and activities.

Keywords: Early Childhood Education. toy library. cognitive development. socialization. pedagogical resource.



INTRODUÇÃO

No presente trabalho trazemos como tema a influência da brinquedoteca na educação infantil.

Não é de hoje que se discute a importância do brincar na formação da criança é por meio desta interação com o brinquedo que a mesma aprende a desenvolver suas habilidades confrontando com a realidade vivida. Tanto nas escolas, em casa ou nos espaços destinados aos momentos de lazer, pode-se perceber como as crianças buscam locais para poderem brincar, procurando sempre por lugares que estejam voltados para sua faixa etária e seus interesses.

Partindo do princípio de que a criança é um ser que possui a capacidade de pensar, sentir, relacionar-se, aprender e vive conforme sua natureza de criança, minha pesquisa aborda a importância do espaço da brinquedoteca na educação infantil.

Assim se adquire status de muita relevância, pois é um ambiente onde as crianças podem experimentar ocasiões do seu dia-a-dia e a criar, idealizar e desenvolver seu próprio conceito sobre si mesmo, valores morais e a socialização diante seus pares. “Brinquedoteca é um espaço para a criança brincar. Não é preciso acrescentar mais objetos, é preciso valorizar a ação da criança que brinca, é preciso transcrever o visível e permitir a seriedade do fenômeno” (SANTOS, 1997, p. 21).

É necessário pensar na aprendizagem da criança como condição de contribuir para que se sustentem, cotidianamente, relações recíprocas entre professor e aluno. Para tanto, cabe aos profissionais da educação ter clareza sobre o papel do professor frente ao grupo de crianças, nos espaços de educação infantil.

Embasado nessa intenção e no pensamento sobre a aprendizagem fora da sala de aula que escolhemos discutir a docência na educação infantil com ênfase na brinquedoteca.

O presente tema trata da educação infantil e sua relação com a brinquedoteca. Espaço esse onde os profissionais da educação utilizam com o objetivo de proporcionar a interação entre os alunos, coordenação motora e raciocínio lógico em um espaço mais prazeroso.

A educação infantil é um período crucial no desenvolvimento de uma criança. Durante esse período, elas aprendem por meio da brincadeira e do exercício da imaginação. Para promover um ambiente saudável para a criança é que foram criadas as brinquedotecas, espaços lúdicos e criativos que visam desenvolver diversas habilidades motoras, cognitivas e sociais.

A brinquedoteca é um espaço imprescindível no ambiente escolar, especialmente na educação infantil. É um espaço projetado para permitir às crianças a liberdade para brincar, criar e imaginar, sem se preocupar com as regras do mundo adulto. Um espaço onde podem explorar sua criatividade, descobrir novas formas de se relacionar e aprender a compartilhar. O ambiente é equipado com uma grande variedade de brinquedos e jogos pedagógicos, com o objetivo de atender às necessidades de aprendizado das crianças. Brinquedos que contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora fina, brinquedos

que contribuem para o reconhecimento de cores, formas e tamanhos, brinquedos que incentivam a concentração e o raciocínio lógico, entre outros.

Mas não é só isso, a brinquedoteca é também um espaço de convívio social, onde as crianças podem aprender a compartilhar, a respeitar os limites dos outros e a construir amizades. As atividades colaborativas, como jogos em equipe, também são muito importantes, já que estimulam o trabalho em equipe e a cooperação. Além disso, a brinquedoteca proporciona um ambiente seguro e supervisionado para as crianças. Como é um ambiente projetado especialmente para elas, os brinquedos e os jogos são escolhidos de acordo com sua faixa etária e nível de desenvolvimento, garantindo que eles estejam sempre se divertindo, aprendendo e crescendo de forma saudável.

Em resumo, a brinquedoteca é uma ferramenta valiosa para a educação infantil. Ela desenvolve habilidades motoras, cognitivas e sociais das crianças, além de proporcionar um ambiente seguro e supervisionado para que elas possam brincar, aprender e se divertir. Sendo assim, é importante que todas as escolas possuam seus próprios espaços lúdicos para contribuir efetivamente para o desenvolvimento dos pequenos.

Quando se fala em criança a primeira coisa que associamos a ela é a brincadeira, o ato de brincar, por este motivo que nos propomos a estudar sobre como estas brincadeiras podem auxiliar na aprendizagem da criança, deixando de ser tratado o brincar apenas como “passa tempo”, passando a ser visto como estratégia para envolver as crianças com o ensino desde os primeiros anos da inserção na escola, trabalhando a aprendizagem através do lúdico.

As brincadeiras, os jogos, as músicas, que farão parte da vida dos indivíduos, sempre deixam boas lembranças. É natural de toda criança brincar. Dessa forma, o lazer, como atividade livre e gratuita, é modelo do que representam as atividades lúdicas e do quanto contribuem para o desenvolvimento das crianças.

Partindo dessa definição, o lúdico no contexto educacional pode ser um grande aliado na educação infantil, auxiliando na construção do conhecimento e na aprendizagem das crianças. Ressalta-se que a atividade lúdica não pode ser conduzida descuidadamente, pois o ato de brincar na escola é um atrativo tanto para a distração, como para a construção do conhecimento, tornando o ambiente escolar agradável e divertido.

Assim, faz-se necessária a elaboração e a preparação de atividades pelos profissionais da educação infantil, sejam elas brincadeiras ou jogos, com o objetivo de estimular o conhecimento das crianças.

Santos e Cruz (2004) indicam que nas instituições infantis as atividades lúdicas são pouco exploradas, e, mesmo quando são realizadas, não lhes é dado o valor que elas merecem.

Brincar não é ficar sem fazer nada, como pensam alguns adultos, é necessário estar atento a esse caráter sério do ato de brincar, pois, esse é o seu trabalho, atividade através da qual ela desenvolve potencialidades, descobre papéis sociais, limites, experimenta novas habilidades, forma um novo conceito de si mesma, aprende a viver e avança para novas etapas de domínio do mundo que a cerca. É exatamente por esse motivo que a

formação lúdica deve estar presente na capacitação de educadores, alterando o contexto educacional, tornando possível a mudança de perspectiva, abandonando-se o conhecimento de repetição e assumindo-se um saber produzido e um conhecimento em construção.

Introduzir o brinquedo e a brincadeira na vida da criança é importante para o seu desenvolvimento, pois, como afirma Vygotsky (2000, p.56), “acima de tudo, o brinquedo é a lei suprema do pensamento egocêntrico”. Por isso, o brinquedo vem sendo estudado há muito tempo como uma ferramenta de destaque para o desenvolvimento social e mental no universo infantil.

Uma das peças importantes no processo educativo da criança é que através delas que possibilita a possibilidade de trabalhar os conteúdos afetivos, despertar o interesse nos conhecimentos e a sociabilidade.

Neste momento pode estabelecer e informar com muita clareza aos alunos as regras, limites e conseqüentemente dos atos praticadas e eles se tornam mensageiros a vossa família, ao ensinar algo positivo á crianças ela levará por toda uma vida.

O ato de aprender é talvez a mais remota habilidade humana, mas a conciliação de construir conhecimentos e da ética de aplicar nos dias atuais é um dos principais desafios na educação. O brincar a criança não está apenas um mero passatempo, ela ajuda no seu desenvolvimento conectivo, motor e descoberta do mundo.

É possível superar os problemas existentes e oferecer melhores condições de desenvolvimento às crianças, abrindo um leque de informação e a valorização o espaço e as oportunidades de brincadeiras.

A brincadeira traz vários benefícios para criança dentre elas a motricidade, saúde, socialização, felicidades e superação e algum problema que passou ou está passando, como um tratamento de saúde ou traumas.

Ao brincar as crianças ficam contentes por realizar uma atividade que lhes dê prazer, mas porque quando na vivência dele, direta e reflexivamente, as pessoas vão além da sua representação simbólica de vida. “A brincadeira é um meio de sair do mundo real para descobrir outros mundos, para se projetar num universo inexistente (KISHIMOTO, 2001, p. 68)”.

A brinquedoteca é um espaço que proporciona por meio de jogos e brincadeiras a construção de conhecimento e aquisição de habilidades cognitivas, além de integrar socialmente o sujeito no mundo da imaginação. Esses espaços lúdicos surgiram no Brasil na década de 1980, porém com um contexto diferente do modelo inglês, que fazia empréstimos de brinquedos após uma crise no país, que levava as crianças de uma escola próxima, a furtarem brinquedos de uma loja infantil, sendo assim o dono da loja resolveu emprestar brinquedos a elas.

Dessa forma compreende-se que a brincadeira proporciona um ambiente de aprendizado onde o infante atua além da sua conduta no seu cotidiano e com as crianças com a mesma idade. Na brincadeira, ela age como se fosse maior do que é na realidade, realizando simbolicamente, o que mais tarde realizará na vida real. Ao brincar constrói regras impostas pela situação imaginada, é capaz de criar situações, experimentar diferentes

papéis sociais, funções sociais generalizadas, a partir da observação do mundo que a cerca (BASEI; MATTE, 2010, p.15).

O profissional atuante da escola infantil deve proporcionar as crianças situações que favoreça um desenvolvimento completo. Situações essas em que a criança é o agente que irá executar e resolver a ação cabe a este profissional proporcionar situações prazerosas e conflituosas, a fim de que a criança crie noções de espaço e possibilidades de resolução de problemas.

A perspectiva teórica do sociointeracionismo destaca o papel do adulto frente ao desenvolvimento infantil, cabendo-lhe proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, a fim de que as crianças possam fortalecer sua autoestima e desenvolver suas capacidades. (KAERCHER, 2001, p. 31)

Ao ingressar nas instituições de educação infantil a criança se depara com novos desafios, pessoas que não fazem parte de sua rotina, o que justifica a importância do brincar e brincadeiras para a adaptação do novo ambiente. A brincadeira e o jogo devem estar presentes na escola. Santos (1997, p. 15) ressalta que, “brincar é a forma mais perfeita para perceber a criança e estimular o que ela precisa aprender e se desenvolver”. Ainda, no mesmo sentido, Freitas (2001, p. 12) afirma que “na prática, pedagógica, o jogo ajuda na aprendizagem da criança, possibilitando ao educador tornar suas aulas mais ricas e prazerosas”.

O jogo e o brinquedo constituem instrumentos fundamentais da ação pedagógica. Eles criam para a criança, o elo necessário entre o imaginário e o real.

A criança, por meio do jogo e dos sistemas simbólicos, se transporta para o mundo real. Segundo Wajskop (2012, p. 31), “[...] a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos”.

Pode-se ressaltar que esse primeiro contato mediado pelo brinquedo auxilia e propicia a aproximação do adulto com o infante, fazendo com que a inserção da criança no ambiente, como supracitado por autores acima, seja influenciada pelo espaço, brinquedo e as 8 brincadeiras, pois esses são meios de intervir para tornar essa iniciação mais prazerosa e eficaz.

É por meio do brincar que a criança desenvolve o respeito às regras, o respeito ao próximo, desenvolve sua afetividade, aprende esperar sua vez de se pronunciar e a ouvir o outro.

Quando o educando não fica em um ambiente que lhe proporcione a motivação, que não explore a criatividade, a criança acaba se retraindo e não desenvolvendo suas habilidades. Ao brincar a criança se sente livre, sem cobranças, ela está aberta para imaginar, fantasiar, se sentem mais confiantes, não se cansam. Oliveira (2000, p. 19) afirma que: O brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas.

Ao brincar de que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder

gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável.

O profissional deve traçar metas que favoreçam toda essa gama de aprendizagem, e deve propor que as crianças ao brincarem na brinquedoteca, explorem todas essas possibilidades por meio do lúdico, sempre proporcionando prazer e diversão. As escolas de educação infantil precisam garantir que as crianças possam brincar diariamente. Nessa perspectiva, o professor cumpre um papel fundamental nas instituições quando interage através de ações lúdicas ou se comunica através de uma linguagem simbólica, estando disponível para brincar.

Além das interações, a oferta e o uso e exploração dos brinquedos também contribuem nessa aprendizagem da brincadeira. As crianças precisam de tempo, espaço, companhia e material para brincar. Quanto mais veem, ouvem ou experimentam, quanto mais aprendem e assimilam, quanto mais elementos reais disponham em suas experiências, tanto mais considerável e produtiva será a atividade de sua imaginação.

O educador precisa ter formação ética e competência além de domínio de conceitos e habilidades necessárias para atuar junto às crianças.

É importante que esse profissional seja um pesquisador, que avalie as diversas formas de aprendizagem e que saiba aproveitar a riqueza das experiências vividas no seu grupo, deve saber lidar com suas emoções, desejos e com a imaginação, para tentar descobrir como acontece a aprendizagem da criança no ambiente que a rodeia. O papel do professor nesse processo é fundamental.

Marcantônio (*apud* FERRÃO, 2003, p. 27) prediz que “pesquisar é uma necessidade de todos os indivíduos. [...] Para alcançar a qualificação como um processo de investigação científica, requer o emprego da metodologia científica”. Através de pesquisas qualitativas por meio de análises bibliográficas, documentais e observação de ambientes educacionais quanto o fazer educativo lúdico, fazendo assim uma revisão aprofundada sobre o tema “brinquedoteca como uma ferramenta pedagógica”, percebemos que diversos são seus benefícios para os docentes e profissionais que utilizam deste espaço como um apoio para o pleno desenvolvimento da criança, que evidenciam a importância da brinquedoteca como um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento, onde a brincadeira é valorizada como um recurso pedagógico e as interações sociais são incentivadas como parte fundamental do processo educativo.

Existem diversas atividades que podem ser desenvolvidas em uma brinquedoteca de educação infantil. Algumas das principais são: brincadeiras livres - é importante que as crianças tenham a oportunidade de explorar e interagir com o espaço e os brinquedos da brinquedoteca sem muitas regras ou direcionamento, permitindo que possam desenvolver sua criatividade e imaginação. Jogos cooperativos: jogos cooperativos são ótimos para incentivar a cooperação e a socialização entre as crianças, sem a competitividade que muitos jogos tradicionais podem ter. Exemplos incluem jogos de tabuleiro em grupo, jogos de equipe e quebra-cabeças coletivos. Atividades de arte e artesanato: atividades que envolvem materiais de arte e artesanato podem ser estimulantes e divertidas para as crianças, além de ser uma forma de desenvolver a criatividade, coordenação motora fina e habilidades cognitivas. Aprendizagem lúdica: jogos e brincadeiras que oferecem aprendizagem sobre

letras, números, cores e formas podem ser incluídos na brinquedoteca para estimular o interesse das crianças pelos estudos de forma leve e divertida. Contação de histórias: contação de histórias pode ser uma forma muito eficaz de desenvolver a imaginação, linguagem e desenvolvimento cognitivo das crianças. Os professores e funcionários da brinquedoteca podem organizar sessões de contação de histórias com livros ilustrativos ou mesmo inventadas na hora.

Entretanto, ainda se percebe, não só nos alunos, mas na comunidade escolar como um todo, uma certa dificuldade em integrar a brinquedoteca na rotina da educação infantil. O primeiro passo para melhorar a interação dos alunos com a brinquedoteca na educação infantil é garantir que ela seja um ambiente acolhedor, atraente e seguro. Além disso, algumas estratégias podem ser adotadas pelos professores e funcionários para encorajar as crianças a aproveitarem ao máximo as atividades oferecidas pela brinquedoteca:

- Estimular a exploração livre: é importante que as crianças tenham a liberdade de explorar a brinquedoteca e os brinquedos disponíveis, sem muitas restrições ou direcionamento. Isso ajuda a desenvolver a criatividade e imaginação, além de incentivar a curiosidade natural das crianças;

- Criar desafios e objetivos: propor desafios e objetivos para as crianças pode ser uma forma interessante de estimular sua participação e engajamento com a brinquedoteca. Por exemplo, desafiar as crianças a criarem uma construção com blocos de montar ou a resolverem um quebra-cabeça em grupo;

- Promover a socialização: a brinquedoteca também é um excelente espaço para promover a socialização e o convívio entre as crianças. Propor brincadeiras em grupo e jogos cooperativos é uma forma eficaz de incentivar a interação e a colaboração entre os alunos;

- Oferecer variedade: é importante que a brinquedoteca ofereça uma variedade de atividades e brinquedos, de modo a atender aos diferentes interesses e habilidades das crianças. Isso ajuda a aumentar o interesse e a participação dos alunos;

- Incentivar o compartilhamento: é fundamental que os alunos aprendam a compartilhar os brinquedos e materiais disponíveis na brinquedoteca. Os professores e funcionários devem incentivar esse comportamento, a fim de criar um ambiente colaborativo e harmonioso.

Essas são apenas algumas estratégias que podem ser adotadas para melhorar a interação dos alunos com a brinquedoteca na educação infantil. É importante lembrar que cada criança é única e pode ter diferentes preferências e necessidades, por isso é importante estar atento e adaptar-se às demandas e expectativas dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de criar uma brinquedoteca em qualquer ambiente que valorize o aspecto lúdico, “é mudar nossos padrões de conduta em relação à criança; é abandonar métodos e técnicas tradicionais; é buscar o novo, não pelo modernismo, mas pela convicção do que

este novo representa; é acreditar no lúdico como estratégia do desenvolvimento infantil” (Santos, 1997). À reflexão da autora sobre a brinquedoteca, como exigência de mudança de postura frente à educação, acrescentaríamos a concepção da brinquedoteca universitária como possibilidade da realização de processo pedagógico formativo de educadores.

Processo de mudança não apenas porque demanda novos padrões de conduta pedagógica, mudanças de concepções e abandono de métodos e técnicas tradicionais, mas em razão de que não se realiza sem levar em conta o processo dialético de ação e reflexão, intimamente relacionado à realidade social.

A proposta de educação através do brincar vem resgatar a ludicidade como fator fundamental, pois, através dela podemos inserir no universo de várias aprendizagens.

A organização dos espaços na educação infantil é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, desenvolvendo suas potencialidades e propondo novas habilidades sejam elas: motoras, cognitivas ou afetivas. A criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela vivência emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem e sua relação com o mundo.

As aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis à criança são fundamentais na construção da autonomia, tendo a mesma como própria construtora de seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Referencial Curricular Para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CUNHA, NYLSE HELENA SILVA. Brinquedoteca: Um mergulho no brincar. São Paulo: Aquariana, 2007.

FERRÃO, Romário Gava. Metodologia científica: para iniciantes em pesquisa. Linhares: Unilinhares/Incaper, 2003.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KAERCHER, Gládis E. Educação infantil: para que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca - O lúdico em diferentes contextos. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Brinquedoteca – a criança, o adulto e o lúdico. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. O lúdico na formação do educador. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2000.

REGO, Teresa C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAJSKOP, Gisela. Brincar na educação infantil: uma história que se repete. 9 ed., São Paulo: Cortez, 2012.

Tempo de escola e qualidade na educação pública: uma análise da interação aluno x professor e seus reflexos educacionais oportunizados pela escola em tempo integral

Professor Manuel Vicente Ferreira Lima – Coari/AM

Leidiano Lima Candido

Licenciatura em Biologia e Química; Universidade Federal do Amazonas- UFAM Coari-AM, Brasil. Mestrado; Universidade Del Sol – Unades – Py. Docente da Rede Estadual do Amazonas, município de Coari-Am, Brasil; <https://orcid.org/ID-0000-0003-3555-3513>

Elioney Pereira Feitoza

Licenciatura plena em matemática; Universidade do Amazonas -UEA, Coari-Am, Brasil. Mestrado; Universidade Del Sol – Unades – Py. Docente da Rede Estadual do Amazonas, município de Coari-Am, Brasil; <https://orcid.org/ID-0000-0001-7782-1446>

Francisco Pereira da Silva

Licenciatura em Artes Visuais; Universidade Federal do Amazonas-UFAM Coari-Am, Brasil. Mestrando em Sociedade e Cultura Amazônica; Universidade Federal do Amazonas -UFAM Coari-Am, Brasil. Docente da Rede Estadual do Amazonas, município de Coari-Am, Brasil;

RESUMO

A presente trabalho objetivou a análise da interação aluno x professor e seus reflexos educacionais oportunizados pela escola em tempo integral professor Manuel Vicente Ferreira Lima – Coari/AM. Enquanto lócus investigativos, escolheu-se a Escola Estadual em Tempo Integral Professor Manuel Vicente Ferreira, pois se trata da única escola de tempo integral do município. Para a amostragem, o estudo selecionou alunos, seus pais e responsáveis e professores da referida escola, valendo-se de critérios de inclusão e exclusão para definição final dos participantes, que contribuíram mediante participação em entrevistas com perguntas abertas. A técnica de amostragem empregada foi a não probabilística e intencional, e o número final dos participantes se deu mediante técnica de amostragem por saturação, na qual se interrompeu a captação de novos componentes no momento em que os dados obtidos começam a se repetir de modo sistemático. O presente estudo também se valeu de fontes secundárias para sua composição, dentre as quais se destaca a análise documental coletada na legislação vigente, em periódicos, artigos científicos e em livros e estudos sobre o assunto utilizados para embasar o marco legal e possibilitar uma discussão com marco teórico. A análise dos dados foi realizada com base em uma exaustiva leitura dos materiais escritos por Demo (2002), Paro (2009), Silva (2018), Gonçalves (2006), Gatotti (2009)



e Teixeira (1960) que, em conjunto com outros autores e materiais consultados, forneceram aporte para o desenvolvimento deste estudo. A partir dos resultados da pesquisa, foi possível perceber que muito já se avançou com a oferta do ensino em tempo integral na comunidade analisada, possuindo tal iniciativa reflexos positivos tanto na esfera educacional quanto social. Entretanto, contatou-se que ainda há necessidade de se elucidar e explicitar os reflexos oriundos da oferta de uma educação em tempo integral, bem como a importância das horas-aula/dia a mais para êxito de uma educação integral que contemple as necessidades educacionais dos indivíduos e os preparem para o pleno exercício da cidadania.

Palavras-chave: ensino em tempo integral. educação integral. educação de qualidade; políticas públicas.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the student x teacher interaction and its educational reflexes provided by the full-time school Professor Manuel Vicente Ferreira Lima – Coari/AM. As an investigative locus, the Full-Time State School Professor Manuel Vicente Ferreira was chosen, as it is the only full-time school in the municipality. For sampling, the study selected students, their parents and guardians and teachers from that school, using inclusion and exclusion criteria for the final definition of participants, who contributed by participating in interviews with open questions. The sampling technique used was non-probabilistic and intentional, and the final number of participants was given through the saturation sampling technique, in which the capture of new components was interrupted at the moment when the data obtained began to be repeated in a systematic way. . The present study also made use of secondary sources for its composition, among which stands out the document analysis collected in the current legislation, in periodicals, scientific articles and in books and studies on the subject used to support the legal framework and enable a discussion with theoretical framework. Data analysis was carried out based on an exhaustive reading of materials written by Demo (2002), Paro (2009), Silva (2018), Gonçalves (2006), Gatotti (2009) and Teixeira (1960) who, together with other authors and consulted materials provided support for the development of this study. From the results of the research, it was possible to perceive that much progress has already been made with the provision of full-time education in the analyzed community, with such initiative having positive effects both in the educational and social spheres. However, it was noticed that there is still a need to elucidate and explain the consequences arising from the provision of a full-time education, as well as the importance of extra class hours/day for the success of a comprehensive education that addresses the educational needs of students. individuals and prepare them for the full exercise of citizenship.

Keywords: full-time teaching. comprehensive education. quality education. public policy.

INTRODUÇÃO

O presente estudo partiu da necessidade de se revelar os reflexos do ensino em tempo integral no Ensino Médio do município de Coari – AM após implementação da Escola Estadual em Tempo Integral Prof. Manuel Vicente Ferreira.

A relevância desta pesquisa se dá ao fato de não existirem estudos direcionados à comunidade local, que está sendo contemplada com o projeto desde o ano de 2017, o que favorece com o desconhecimento da população acerca da importância do fomento de iniciativas como esta.

Nessa perspectiva, pretendeu-se aqui lançar um olhar mais minucioso à escola em tempo integral, que por vezes é enxergada apenas como uma escola sem atrativos a mais, só que com uma carga horária maior.

Salienta-se que o cenário da referida escola alvo de análise é estar em um país com graves problemas sociais, que quase sempre estão associados não só às possibilidades de acesso e permanência, mas também à qualidade do ensino ofertado nas escolas.

Kersteneetzky (2006) reforça em seu estudo que o aumento da jornada escolar possibilita maior contato com os conteúdos didáticos. Neste contexto, o aluno recebe mais suporte educacional, pois as atividades de casa são feitas com auxílio e acompanhamento dos professores. Ademais, há maior participação em atividades extracurriculares, como artes, esportes e atualização tecnológica.

Dito isso, este estudo se apresentou como plenamente factível e foi desenvolvido com base em consultas oportunizadas por bancos de dados e indicadores educacionais disponíveis na internet. Além disso, como complemento, foram aplicados três questionários, sendo um direcionado aos alunos matriculados na unidade e os outros dois aos pais/responsáveis e professores, respectivamente. Sendo assim, este trabalho é resultante de pesquisas bibliográficas, coleta de dados e estudos de levantamentos no campo da educação, que por sua vez refletem, mesmo que de maneira fragmentada, as respostas buscadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino em tempo integral em solo brasileiro teve sua origem marcada pelas iniciativas educacionais de Anísio Teixeira - renomado educador e escritor brasileiro conhecido não só por ser o criador da escola pública no país, mas também como um dos responsáveis pela democratização do ensino brasileiro.

Inspirados pelos ideais educacionais de John Dewey, de quem fora aluno durante seu mestrado cursado na Universidade de Columbia, em Nova York, Anísio Teixeira se destacou como expoente do movimento que distribuiu os ideais da “Escola Nova” em contraposição à “Escola Clássica”, o qual primava pela necessidade de se colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

Em 1952, com o objetivo de consolidar a filosofia da Escola Nova no Brasil, Anísio Teixeira desenhou e construiu o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), localizado na cidade de Salvador – BA. A referida instituição de ensino fora criada com o propósito e missão de possibilitar um ambiente educacional que ofertasse, ao mesmo tempo, atividades práticas e intelectuais nas chamadas “Escolas-Classe” e “Escola-Parque”, distribuídas no decorrer de todo o dia.

Os escolanovistas, dentre os quais se inclui Anísio Teixeira, defendiam que a educação tradicional era centrada no professor e na transmissão do conhecimento. Ou seja, o professor detém todo o saber e a autoridade ao se apresentar como único condutor do processo ensino-aprendizagem.

Anísio Teixeira defendia o ideal de que a educação integral, modelo educacional que defende a promoção do desenvolvimento integral do indivíduo em todas as suas dimensões, ou seja, o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural, estaria intrinsecamente ligada à ampliação do tempo de permanência no espaço formal de ensino. Assim sendo, e em virtude disso, ao criar o CECR Teixeira defendeu que a partir dos moldes clássicos de educação deveria se criar um modelo de escola que abrigasse e ensinasse aos alunos em tempo integral, com o foco no aprimoramento global do indivíduo.

O acolhimento pela educação de tempo integral como objeto de estudo deve-se ao fato de que, para Anísio Teixeira, a criação de escolas públicas com este tipo de ensino possibilitaria a democratização das oportunidades educacionais de acesso a uma educação de qualidade, capaz possibilitar uma formação integral adequada às novas gerações, principalmente àquelas pessoas oriundas de camadas mais pobres da sociedade.

Entre nós, quase toda a infância, com exceção de filhos de famílias abastadas, podia ser considerada abandonada. Pois, com efeito, se têm pais, não têm lares em que possam ser educadas e se, aparentemente, têm escolas, na realidade não as têm, pois, as mesmas têm passado a simples casas em que as crianças são recebidas por sessões de poucas horas, para um ensino deficiente e improvisado. No mínimo, as crianças brasileiras, que logram frequentar escolas, estão abandonadas em metade do dia. E este abandono é o bastante para desfazer o que, por acaso, tenha feito a escola na sua sessão matinal ou vespertina. Para remediar isso, sempre me pareceu que devíamos voltar à escola de tempo integral (TEIXEIRA, 1960, p. 288).

Também vale ressaltar sobre a pedagogia da presença que é um método de ensino centrado no aluno e que o encoraja a assumir uma postura de autoaprendizagem, responsabilidade e autonomia. Este modelo de ensino está centrado na atenção contínua e no relacionamento oportunizado entre os professores e os alunos para que ocorra o desenvolver de habilidades de pensamento, aprendizado e descoberta.

A pedagogia da presença envolve o estabelecimento de vínculos entre o professor e os alunos, uma variedade de experiências, o processamento e aplicação dos conhecimentos adquiridos em contextos variados, desta forma a escola de tempo integral e um ambiente ideal e favorável para tudo isso.

Ela também incentiva o debate e a colaboração para a seleção consciente dos conhecimentos, proporcionando o desenvolvimento de habilidades e qualidades positivas. Além disso, a pedagogia da presença incentiva o crescimento acadêmico e pessoal, bem como a compreensão e aceitação de ideias diferentes.

Percebe-se, portanto, que o processo educativo não caminha isoladamente do aspecto social, pois os alunos são frutos do meio e, como tais, vão refletir as dificuldades apresentadas, sejam elas possuir pais analfabetos que não conseguem auxiliar nas atividades extraclasse ou até mesmo o fato de necessitarem trabalhar para compor a renda familiar.

METODOLOGIA

O estudo tem sua natureza classificada como pesquisa aplicada, pois visa gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos.

Ademais, os resultados e a análise dos dados serão aqui apresentados de modo a corresponder aos objetivos que tiveram o intuito exploratório, descritivo e explicativo.

Desenho: Fenomenológico;

Enfoque: Qualitativo;

Tipo de investigação: Exploratória, Bibliográfica e de Campo;

População: Alunos, pais/responsáveis e professores da Escola Estadual em Tempo Integral Prof. Manuel Vicente Ferreira Lima, localizada no município de Coari – AM;

Amostra: Docentes= 24; discentes= 93; Pais/responsáveis dos alunos= 25;

Critérios de seleção: Não probabilística; Alunos com 75% de frequência. Professores ativos na docência. Pais/responsáveis dos alunos matriculas com 75% de frequência;

Técnicas de Instrumentos e Coletas de dados: Guias abertos e discursivos, estudos bibliográficos;

Local da Pesquisa (local de estudos)

A Escola Estadual em Tempo Integral Professor Manuel Vicente Ferreira Lima foi fundada em 13 de fevereiro de 2017 através do Decreto Governamental 37.633, publicado no Diário Oficial com o nome de Escola Estadual em Tempo Integral Professor Manuel Vicente Ferreira Lima, pertencente à Coordenadoria Regional de Coari. A escola está localizada na Estrada Coari-Mamiá, S/N, e atende alunos de todos os bairros da cidade e das comunidades rurais, oferecendo-lhes o Ensino Médio Integral através do Programa PROETI.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a pesquisa consistiram em três questionários, todos com dez questões abertas/discursivas, sendo elas direcionadas aos pais/responsáveis, alunos e professores da Escola Estadual em Tempo Integral Professor Manuel Vicente Ferreira Lima.

Coleta de dados

Os dados necessários para a composição deste trabalho foram adquiridos por meio de estudo bibliográfico e da aplicação de três questionários, que foram repassados aos pais/responsáveis, alunos e professores em reunião, o que possibilitou uma análise mais realística do reflexo da educação em tempo integral na comunidade analisada.

Nesse contexto, a pesquisa fez o levantamento dos dados primários em referenciais bibliográficos, desenvolvendo, a partir de material já elaborado por diversos autores sobre o assunto, uma discussão que leve a reflexão sobre o objeto de estudo proposto que, somado aos dados obtidos junto à pesquisa de campo, responderão ao problema aqui elencado.

Para (STUMPF, 2006), a pesquisa bibliográfica é a base de toda e qualquer pesquisa, ou seja, planejamento global para o início de qualquer trabalho.

Como complemento, os questionários foram aplicados junto aos pais/responsáveis, professores e alunos em reunião agendada para tal fim.

O estudo se valeu ainda da técnica de observação que, segundo (MINAYO, 2009), requer do pesquisador atenção e cautela, isto é, o mesmo deverá criar um vínculo com o grupo no qual irá coletar os dados, possibilitando um clima de aceitação e confiança para que a investigação tenha sucesso.

Analise de dados

Para a análise dos dados, o estudo seguiu as orientações de (MINAYO, 2009, p.27), considerando os seguintes passos: ordenação, classificação e análise. Sistemáticamente, foi realizado um apanhado de todos os dados obtidos referentes ao público alvo da pesquisa.

Na análise documental/bibliográfica, pretendeu-se estabelecer articulações entre os referenciais teóricos e os dados coletados, respondendo às questões propostas nos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após coleta de dados de campo por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, realizou-se, com objetivo de trazer uma maior clareza aos dados obtidos, um agrupamento de respostas respeitando as opiniões e posicionamentos assumidos.

Na intenção de obter uma visão integrada dos dados e apreender detalhes específicos, foram realizadas análises de modo a responder à situação problema proposta. Isso se deu em virtude de o estudo ter sido guiado por uma meta que, para ser atingida, necessitou de um passo a passo, seguido por métodos e análise das informações adquiridas.

Dessa forma, faz-se imprescindível apresentar o que foi analisado, tópico a tópico, questão por questão, com o objetivo de compreender como as respostas trazidas pelas entrevistas serviram como norte à pesquisa e, conseqüentemente, para as considerações finais expressas neste estudo.

Nesse sentido, as sínteses de respostas por grupos (alunos, pais/responsáveis e professores) serão aqui discutidas ponto a ponto, apontando-se como cada um dos grupos enxerga o tema/questão abordada, bem como suas principais justificativas que amparam os posicionamentos assumidos.

INTERAÇÃO ALUNO X PROFESSOR E SEUS REFLEXOS EDUCACIONAIS

Ao serem questionados se acreditavam que a maior interação com colegas e professores tem ajudado nos seus resultados acadêmicos de forma positiva ou negativa, 91,40% (n=85) dos alunos responderam que sim. Destes, 50,54% (n=47) justificaram tal posicionamento devido ao fato de terem mais pessoas para dar apoio e às relações sociais construídas. Por sua vez, 40,86% (n=38) dos alunos que assinalaram sim não justificaram

seus posicionamentos.

Tabela 1 - A Maior Interação Tem Ajudado No Resultado Acadêmico De Modo: (Alunos)

Justificativa	Quantidade de Repetições	
	Não	Sim
Positivo, pois temos mais pessoas para dar apoio ao aluno e aprendemos a ter uma melhor relação com todos.		47
Negativo, pois depende da personalidade de cada pessoa e alguns tem dificuldade de relacionamento, tanto professor como aluno.	5	
Respostas sem justificativas.	3	38

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os que assinalaram não, conforme pode ser observado na Tabela 01, representaram 8,60% (n=8), dentre os quais 5,38% (n=5) justificaram que a maior interação tem sido algo negativo pois depende da personalidade de cada pessoa, e que alguns têm dificuldades de relacionamento, tanto professor como aluno, o que torna o ambiente, por vezes, conflituoso.

Ao direcionar o presente questionamento aos pais e responsáveis, o estudo acolheu como unanimidade (100% | n=25) o posicionamento de que a maior interação tem ajudado no resultado acadêmico de modo positivo.

Tabela 2 - A maior interação tem ajudado no resultado acadêmico de modo: (pais e responsáveis)

Justificativa	Quantidade de Repetições	
	Não	Sim
Positivo, pois o maior contato ajuda no aprendizado.		22
Positivo, pois as interações são favoráveis aos alunos.		3

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Todavia, ao justificar a razão por afirmarem ser favoráveis à maior interação professor x aluno, houve uma divisão das respostas que culminou no resultado em que 88% (n=22) dos pais ou responsáveis declararam que o maior contato ajuda no aprendizado enquanto 12% (n=3) afirmaram que as interações são favoráveis aos alunos.

Num terceiro momento, indagaram-se os professores se estes consideravam a interação entre docente e alunos como algo benéfico ao processo ensino-aprendizagem. Enquanto respostas, 83,33% (n=20) dos educadores defenderam que sim, enquanto 16,67% (n=4) sustentaram a afirmativa de que não.

Tabela 3 - A maior interação tem ajudado no resultado acadêmico de modo: (professores)

Justificativa	Quantidade de Repetições	
	Não	Sim
De forma positiva, pois quanto maior o tempo de interação, maior é o compartilhamento de experiências didático-pedagógica.		9
De forma negativa, pois se vê a necessidade de mais fluidez.	3	
Respostas sem justificativas.	1	11

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Dentre os que defenderam ser algo positivo, 37,50% (n=9) alegaram enquanto justificativa o pensamento de que quanto maior o tempo de interação, maior é o compartilhamento de experiências didático-pedagógica; por outro lado, 12,50% (n=3) dos professores entrevistados alegaram que tanta interação é um fator negativo, pois gera morosidade aos processos. Outros 45,83% (n=11) assinalaram que sim e 4,17% (n=1) que não, mas não justificaram suas respostas.

A INTERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NOS RESULTADOS EDUCACIONAIS

Neste momento, os entrevistados foram levados a detalhar os motivos que os fizeram acreditar que uma maior interação com colegas e professores tem impactado, seja de forma positiva ou negativa, no aproveitamento educacional.

Partindo para o primeiro grupo entrevistado, os alunos, constatou-se que 89,25% (n=83) deles consideram a interação dentro do espaço escolar como algo positivo. Destes, 46,24% (n=43) entregaram como justificativa, relatos de que a maior interação proporciona uma melhor relação social com todos, tornando a escola um ambiente mais agradável; por sua vez, 43,01% (n=40) argumentaram que a maior interação com os professores é muito importante, pois os ajuda a aprender mais.

Tabela 4 - Por quais motivos a maior interação tem impactado nos resultados acadêmicos (alunos)

Justificativa	Quantidade de Repetições
Nos proporciona uma melhor relação social com todos, tornando a escola um ambiente mais agradável que nos permitindo desenvolver melhor as atividades.	43
As relações impactam muito positivamente em nossa vida, mas no ambiente escolar às vezes atrapalha.	10
A maior interação com os professores é muito importante, pois nos ajuda a aprender mais.	40

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entretanto, conforme pode ser observado na Tabela 16, 10,75% (n=10) dos educandos entrevistados sustentaram que embora as relações sociais impactem muito positivamente em suas vidas, no ambiente escolar às vezes atrapalha.

Ao se entrevistarem os pais e responsáveis, constatou-se que 88% (n=22) deles acreditam que a maior interação no espaço escolar é algo benéfico. Dentre eles, enquanto 48% (n=12) emprega à resposta a justificativa de que o impacto da maior interação muito positivo, pois gera nos alunos mais prazer em ir à escola, 40% (n=10) alega que a maior

interação dos professores com os alunos cria uma proximidade que facilita o ensino.

Tabela 5 - Por quais motivos a maior interação tem impactado nos resultados acadêmicos (pais e responsáveis)

Justificativa	Quantidade de Repetições
O impacto é muito positivo, pois os alunos têm prazer em ir à escola.	12
O impacto é negativo, pois os alunos ficam muito soltos.	3
A maior interação do professor com aluno cria uma proximidade que facilita o ensino.	10

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Por sua vez, indo na contramão do defendido pela maioria da amostra, 12% (n=3) dos pais e responsáveis entrevistados defendem que a maior interação tem impacto negativamente dentro do espaço escolar, pois confere mais liberdade aos alunos.

Ao direcionar o mesmo questionamento aos professores, o estudo colheu como sendo positiva a maior interação dentro do espaço escolar para 87,50% (n=21) dos educadores entrevistados. Destes, 66,67% (n=16) alegaram que a maior interação contribui para o processo ensino-aprendizagem de modo positivo, pois, com a maior e melhor comunicação, tem-se facilidade para se ensinar e adquirir conhecimentos; por sua vez, 20,83% (n=5) dos educadores entrevistados foram sucintos na justificativa e se limitaram a contribuir que a maior interação é benéfica devido à troca de ideias.

Tabela 6 - Por quais motivos a maior interação tem impactado nos resultados acadêmicos (professores)

Justificativa	Quantidade de Repetições
De forma positiva. Pois com a maior e melhor comunicação se tem facilidade para transmitir e adquirir conhecimento.	16
De forma negativa pelo excesso de tempo gasto em sala de aula.	3
Positivo. Pela troca de ideias.	5

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entretanto, para 12,50% (n=3) dos professores ouvidos, conforme pode ser observado na Tabela 06, a interação tem peso negativo, pois demanda de muito tempo e acaba comprometendo o que deveria ser ensinado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne ao atingimento do objetivo principal delineado para este estudo, a presente pesquisa fora exitosa ao elucidar em seu marco teórico a relação entre tempo integral e qualidade da educação, no qual fica explícita a necessidade de horas-aula a mais por dia, conforme já acontece no ensino em tempo integral e em países com altos indicadores educacionais, para o desenvolvimento de um bom trabalho dentro do espaço escolar que resulte na garantia de uma oferta de educação de qualidade.

Desta forma com a referente pesquisa, que se limitou em verificar os reflexos causados pela educação em tempo integral na comunidade escolar, constatou-se que, para maioria dos entrevistados, a escola em tempo integral se apresenta como benéfica,

gerando tanto benfeitorias educacionais quanto pessoais dada a mudança comportamental dos alunos para uma postura mais comprometida e engajada.

Dentre os principais benefícios apontados pelos participantes, há claramente uma divisão entre aqueles que são propriamente vinculados aos aspectos educacionais e outros que se atrelam ao social.

Do ponto de vista acadêmico, apontou-se o ensino em tempo integral enquanto fomentador de uma educação de mais qualidade; com oferta de mais saberes necessários às demandas sociais. Isso, segundo dados obtidos nas entrevistas, é reflexo não só da maior quantidade de horas diárias de aula, mas sim dos contextos oportunizados por esta, dentre os quais se destaca uma maior interação entre aluno e docente - que é dedicação exclusiva e pode executar seu trabalho com mais afinco e direcionamento.

Por fim, espera-se que o resultado desta pesquisa tenha impactos positivos diante da implementação de novas iniciativas que fomentem o ensino em tempo integral e o ensino integral do indivíduo. Consequentemente, deseja-se que a oportunização de um ensino de mais qualidade seja a realidade de muitos outros brasileiros, e que a educação seja cada vez mais reconhecida enquanto um dos principais pilares que sustenta a sociedade e que, ao mesmo tempo que alicerça, a molda, fazendo-a evoluir positivamente.

Para a observação deste estudo e de seus determinantes e implicaturas, faz-se necessária a leitura de Leis e Normativas que tratam sobre o tema, dentre as quais vale se mencionar a constituição Federal de 1988 e a LDB/ 96. Neste sentido, recomenda-se uma profunda observação em relação aos princípios norteadores que o ensino em tempo integral e que alinham sua ação enquanto política pública.

Recomenda-se, também, a análise de todo processo histórico inerente ao tema, bem como da importância dos profissionais da educação em dedicação exclusiva para que se tenha sucesso em iniciativas que contemplem jornadas diárias de ensino iguais ou superiores a sete horas.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Introdução à Sociologia: Complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social. São Paulo: Atlas, 2002.

FREITAS, C. R. de; GALTER, M. I. Reflexões sobre a educação em tempo integral no decorrer do século XX. *Educere & Educare*, v. 2, n. 3, p. 123-138, 2007.

GADOTTI, Moacir. Educação integral no Brasil: inovações em processo. 2009.

JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). Desafios da pesquisa. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006.

KERSTENEETZKY, C.L. Escola em tempo integral já: quando quantidade e qualidade. *Ciência Hoje*, São Paulo, v.39, n.231, p. 19-23, 2006.

LEFEHL, N.A.S.; BARROS, A.J.P. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

- MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p
- MINAYO, M. C. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. Manual de recherche en sciences sociales. Paris: Dunod, 1995.
- SILVA, B. (Coord.). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Instituto de Documentação, 1986.
- STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. 51-61 p.
- TEIXEIRA, A. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, p. 78-84, jan. /mar. 1959
- TEIXEIRA, A. S. Centro de Educação Popular. In: ABREU, J. *et al.* Anísio Teixeira: pensamento e ação. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 284-291.

A atuação do professor na formação crítica do aluno do ensino médio numa perspectiva sociopolítica

Bruno Normando Gomes do Nascimento

Docente especialista em educação

RESUMO

O estudo em questão tem por objetivo analisar a atuação do professor na formação crítica do aluno numa concepção sociopolítica e, fundamentalmente descrever a influência desse professor na vida do aluno, haja vista que na sociedade o processo de transformações sociopolíticas é bastante acelerado e interfere justamente no comportamento do aluno. Nesse sentido, cabe verificar e observar de que maneira o professor contribui para que o estudante compreenda sua realidade e atue de forma decisiva na transformação do meio social em que vive e, conseqüentemente promova maior participação cidadã do mesmo. Essa análise da atuação do professor como construção teórica, contou com a participação de diversos teóricos importantes do mundo acadêmico, como também a dos atores sociais da escola pesquisada.

Palavras-chave: professor. formação crítica. aluno. concepção sociopolítica. participação cidadã.

INTRODUÇÃO

Há tempos a pesquisa é considerada de fundamental importância para dirimir diversas questões surgidas no âmbito educacional quando o assunto tratado é a atuação do professor na formação crítica do aluno numa perspectiva sociopolítica. Serve de instrumento extraordinário para a produção do conhecimento científico. Além disso, destaca o papel estratégico que o educador possui na formação de novas mentalidades, principalmente quando se objetiva a construção de indivíduos mais críticos e isso se faz necessário justamente no desenvolvimento da capacidade de entender e interferir na realidade da sociedade em que cada um vive.

Partindo deste princípio surge o seguinte questionamento: de que forma se dá atuação do professor na formação crítica do aluno do ensino médio – especificamente da Escola Estadual Dr. Justo Chermont, no município de Belém – numa perspectiva sociopolítica? Este tema, ou melhor, esta pergunta norteará todo o trabalho, pois se entende que é essencialmente importante trazer para o debate a educação como mola



propulsora de transformação social e política.

A questão da atuação do professor na formação crítica do aluno será analisada a partir de 2004 até os dias atuais, considerando as grandes transformações que ocorreram no Brasil. Este estudo tem como objetivo a obtenção de um panorama do papel e influência que o docente exerce na formação crítica do aluno. Segundo Alarcão (2011) esse processo pode essencialmente ser construído a partir da escola, onde, por exemplo, forma-se uma comunidade educativa (alunos, professores, funcionários etc.). Essa relação traz a ideia de um professor reflexivo que edifica o conhecimento, partindo do princípio do pensamento que influi na sua prática. E a escola é o melhor lugar para o aprofundamento dessas relações.

A pesquisa sobre a atuação do professor na formação crítica do aluno teve sentido a partir de sua realização, devido sentir-se a necessidade de verificar essa atuação como influência dentro da consciência crítica do discente, haja vista existir uma série de problemas sociais e políticos que, de sobremaneira, influencia no comportamento do educando. E isso com certeza faz da reflexão e ação do pesquisador em questão um processo fundamental. Esta verdade se apresenta na verificação dos altos índices de repetência e evasão escolar encontrados nas respostas dos entrevistados. Outrora constatada também a manifestação na fala dos alunos pela melhoria das escolas, na questão das instalações físicas e na qualificação dos professores.

No que tange a construção de um processo mais crítico, é extremamente necessário o entendimento da realidade de cada sociedade. Entende-se que o aluno, para poder intervir, precisa compreender e participar de uma forma mais contundente nas questões conflitantes, principalmente aquelas de ocorrência frequente no espaço que habita. Precisa olhar de forma crítica e constatar o quanto é fundamental o seu entendimento sobre a realidade que o cerca e também o que contribui para que ele viva de maneira indigna, sem saneamento básico, saúde, educação, etc.

A compreensão da realidade será de suma importância para que esta população não se restrinja e fique calado, mas sim que busque mudanças em sua condição social e participe de movimentos amplos, de greves com sentido de causa, e de ações sociais que por ventura possam propiciar mudanças na qualidade de vida e em todas as suas esferas.

Sendo assim, este tema para a ciência possui grande relevância, pois haverá a partir de então novos debates, novas posições que darão embasamento teórico para o surgimento de trabalhos científicos que possibilitarão sempre um olhar diferente e renovado a respeito da escola, dos alunos e da atuação do professor enquanto agente transformador de mentalidade. É importante compreender que, ao longo do tempo, a atuação deste educador mudou, pois era considerado detentor de todo o conhecimento e apenas o repassava a seus alunos e pronto, estes se reduziam a uma mera “concepção bancária da educação” como afirma Freire (1987, p.58). Esta educação para Freire (1987, p.58) se caracterizava como um “ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Entende-se com isso que não acontecia o que se propõe hoje na educação que é ensinar a pensar, a questionar e ler a nossa realidade, possibilitando a outros a construção de opiniões próprias.

Nesse sentido Freire (1987), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, ressalta que é extremamente necessário o diálogo como prática da liberdade para que se atinja a essência da educação. A ação e a reflexão são fundamentais nesse contexto das práxis do educador com relação ao aluno. É fundamental também para que essa realidade seja cada vez mais presente o professor preparar um terreno fértil que possa produzir frutos. Há a necessidade de dar exemplos e também cultivar a cada dia uma boa relação com seu educando. Dessa forma, o professor tem como contribuir para o surgimento de um aluno pesquisador, questionador e também crítico da realidade que o cerca.

Com relação à questão social é fundamental que se analise a atuação professor que contribui bastante para formação de pensamento crítico do educando. Este mesmo profissional é um formador de opinião que pode transformar realidades e conseqüentemente “salvar vidas”, principalmente porque contribui na luta de seus alunos por direitos a fim de promover mudanças em sua realidade dura.

As contribuições da pesquisa para a sociedade são diversas, principalmente porque esse processo é dialético de debates e busca a possíveis mudanças. No que tange a concepção pedagógica, é importante que se destaque a possibilidade de mudanças de prática dos professores que devem repensar suas ações e contribuições na vida de cada aluno, possibilitando uma renovação e impulso para a formação de uma escola transformadora, permitindo que o estudante seja também questionador, crítico e produtor de conhecimentos, para essa nova realidade que faz com que os educadores e os educandos, neste contexto, possam permanecer no mesmo patamar e, conseqüentemente, permitam haver interrogações constantes entre eles.

Na pesquisa realizada, houve também a questão antropológica justificada pelo fato de que há algumas décadas o homem passa por diversas transformações que acabaram por influenciar na sua prática profissional e, conseqüentemente, no comportamento do aluno. Nesse sentido, faz-se necessário compreender essas mudanças que influenciam no comportamento de ambos. Logo, é fundamental compreender o papel das relações sociais que são construídas ao longo do tempo por esses atores nos mais diversos meios sociais como a família, o trabalho, a escola, etc.

Numa concepção social o importante é analisar o papel do professor como agente que forma mentalidade crítica, que contribui para mudanças sociais e políticas que diretamente acabam por influenciar a vida do educando e, inevitavelmente, a sociedade já que se observam nela várias problemáticas que somente poderão ser resolvidas com conhecimento, por todos, de seus direitos.

Na educação transformadora de hoje é fundamental que o educador tenha esse papel, pois somente assim possibilitará a formação de alunos críticos, reflexivos e cidadãos conscientes de seu papel na sua transformação da social, Freire (1987). Entretanto, não se pode conceber nesse contexto de hoje apenas educandos voltados para o mercado de trabalho, falando num sentido técnico, mas também cidadãos preocupados com a realidade em que vivem e suas perspectivas em modificá-las.

Do ponto de vista pedagógico, a possibilidade de rever a prática docente é absolutamente extraordinária porque atinge diretamente as ações no exercício da sua

profissão, podendo mudar atitudes no dia-a-dia da escola, fazendo dela um ambiente crítico e transformador. Deixa-se, muitas vezes, de lado a pedagogia tradicional, centrada no professor como único detentor do conhecimento, para uma pedagogia que permita a troca e construção do conhecimento científico com o aluno, possibilitando mutuamente o pensar e o repensar de ambos. Assim será concebida uma escola acolhedora, inclusiva e transformadora.

Diante do cenário educacional que se observa atualmente, assiste-se a escolas sucateadas, com alunos cada vez mais desrespeitosos com o professor e também de grande evasão escolar. Qual deve ser realmente o papel do educador? Daquele que reproduz ou de que transforma?

A atuação do professor na formação crítica do aluno

É de fundamental importância compreender nos dias de hoje o papel da escola e do professor como agentes eficazes que buscam o desenvolvimento de uma sociedade igualitária e mais justa por vias da democracia, pois é função do ambiente escolar formar cidadãos críticos, além de proporcionar aos alunos os saberes importantes de que eles necessitam para viver socialmente e trabalhar neste mundo que se encontra em constante processo de transformação, bem como orientá-los sobre a vida cotidiana, estimulando-os no seu processo de desenvolvimento total, através da formação e aplicação de conteúdos que sejam críticos, promovendo o pleno exercício da cidadania que consiste em que propiciem a consciência plena de seus direitos e de seus deveres.

Entendemos a educação em um processo natural que brota em cada indivíduo, pois quando nascemos, adquirimos uma série de conhecimentos que foram apreendidos, e através deles podemos promover a harmonia, a compreensão, a tolerância e a paz na sociedade. Agora, é claro que a percepção é de que a educação não é um produto que se encontra nas prateleiras dos supermercados, ela é construída e valiosa. E essa construção se dá através da transmissão de culturas e conhecimentos que recebemos e retransmitimos cotidianamente em nosso meio.

Segundo Saviani (2012) a educação é mediação, portanto, não se justifica por si mesma, mas tem sua razão na questão dos efeitos que se prolongam dela própria e que persistem mesmo após o término da ação pedagógica do professor. Conforme anteriormente citado, sobre o caráter da educação como mediação no meio da prática social global, para Saviani (2012) o processo da relação pedagógica tem na sua prática social o seu ponto de partida e o seu ponto de chegada, o que se permite chegar a uma conclusão que possibilite verificar o nível de democratização dentro da escola que deve ser inteiramente buscado na prática social.

De acordo com Saviani (2012) o processo educativo se caracteriza na passagem da desigualdade à igualdade. Tanto que somente é possível analisar o processo educativo numa conjuntura democrática sob a condição de se diferenciar a questão da democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada.

Entende-se que a educação contemporânea, em outra perspectiva, não se constitui em limitar a formar os alunos para a dominação de determinados conteúdos, mas para que

tenham a possibilidade de pensar, refletir, propor soluções sobre problemas e questões atuais, trabalhar e cooperar uns com os outros. Para tanto, a escola deverá buscar o favorecimento a formação de pessoas críticas e participativas, com consciência reflexiva de qual seja seu papel nas possíveis transformações sociais.

Thomaz e Oliveira (2009) acreditam que educar não se caracteriza apenas em instruir pessoas, mas que possa oferecer experiências significativas que vise a preparação para a vida. E as reflexões que são utilizadas cotidianamente na escola contribuem para uma vivência de alunos e professores com a cidadania e também com outros segmentos da sociedade. Então se evidencia que a escola não trabalha só o lado intelectual do aluno, mas também a questão da cidadania na formação de um sujeito ético e participativo.

É fundamental também fazer com que atitudes cidadãs sejam constantes na escola, na sala de aula e espaço escolar como um todo. Que sejam contínuas essas práticas, pois elas criam uma cultura de participação mais intensa de cidadãos que pensam na construção de um mundo melhor para si e também para os outros, gerando uma sociedade inclusiva e solidária.

É sabido que a educação não é mérito de um único professor ou de uma única escola ou sala de aula, mas se caracteriza como o objetivo que perfaz a vida docente e também de toda comunidade escolar. Nesse sentido Freire (1987) enfatiza que ninguém consegue escapar da educação, seja ela em casa, na rua, na igreja ou na escola todos nós sempre envolvemos pedaços cotidianos do meio em que vivemos e convivemos, o que permite a educação ser vista como momento de mudanças de construção que para aprender, para ensinar, para saber, para fazer ou para conviver, todos os dias deve ser misturada a vida numa relação bilateral. Tanto que Freire (1987) destaca que uma pessoa não consegue educar a outra, como tampouco essa pessoa não educa a si mesmo, a educação se dá entre os partícipes que dela fazem uso, onde existe uma troca de conhecimentos em comunhão. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p.78). Sob este olhar, entende-se que a caminhada deve ser comunitária. Cada qual age como sujeito da sua própria história, não podendo esquecer que sua participação precisa estar atrelada aos demais atores sociais, comungando do mesmo objetivo social, para isso tem que haver respeito mútuo entre ambos.

A Constituição da República Federativa do Brasil, CF (1988, p.9) destaca em seu art. 205, capítulo I, seção I, que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.... A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (9394/96, p.10) em seu artigo 1º diz que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Isso demonstra o quanto à educação é um importante viés para construção de cidadania plena, principalmente no que trata das questões relacionadas aos direitos e deveres do cidadão. Porém, na prática a educação nem sempre se portou desta forma, uma vez que inicialmente a escola se submetia a determinados grupos que representavam a oligarquia brasileira. Então, verifica-se nesse contexto que a escola serviu como aparelho ideológico do Estado, evidenciando assim um processo eminentemente de controle social, o que mostra que a educação sempre terá uma intencionalidade. Sobre o assunto em questão Althusser (1980,

p.20) considera o Aparelho Ideológico do Estado (AIE) como: “[...] um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Para o autor essas instituições se apresentam como: “o aparelho escolar, o aparelho religioso, o aparelho familiar, o aparelho político, o aparelho sindical, o aparelho de informação, o aparelho cultural, etc.” (ALTHUSSER, 1980, p.26).

Tanto isso é fato, que se percebe a existência de uma mudança na realidade escolar que busca a melhoria na qualidade da educação contemporânea, e o que se pretende é a assertividade por tentar mudar a realidade existente, podendo então assumir o seu papel de formação de mentalidade crítica, mas considerando que isso é um processo gradativo. É por meio de um trabalho reflexivo e da busca dos partícipes pelo direito à cidadania, que a escola juntamente com o professor deve mostrar aos futuros usuários deste espaço democrático, a importância de cada um deles em exercer seus direitos fundamentais, e em consequência entender seu papel neste contexto social, sendo vistos enquanto cidadãos com senso crítico e com nível de consciência positiva sobre seus direitos e deveres, para tanto faz-se necessário que a escola, na figura do educador, tente compreender e entenda também que um de seus papéis nesse sentido é propiciar ao aluno condições para que o mesmo possa tentar ser inserido no meio social a qual pertence.

A educação global na formação do aluno

Com relação ao procedimento de desenvolvimento do educando, necessitar induzir em estima que o próprio é componente de um contexto muito amplo e complexo em que a educação precisa ser vista dentro de uma esfera global. E para que isso seja entendido é necessária primeiramente a compreensão do significado da educação global e, em seguida, de quanto ela é importante e determinante para o desenvolvimento de um ser humano que convive num espaço globalizado de constantes transformações.

Segundo a afirmação de Maastricht do ano de 2002, assinalada no guia prático da educação global (2010), a educação global é uma instrução acertada para abrir os olhos e as imaginações das pessoas para as coisas do mundo, despertando-as para cooperarem para um mundo com mais probidade, igualdade e direitos compassivos para todos. E esse propósito vai de encontro com aquilo que se pretende que é essencialmente formar indivíduos capazes de transformar sua realidade e também de outras pessoas que estão nas mais diversas localidades do planeta.

Quando se fala em educação global é imprescindível que se pense de uma forma de transmissão de valores em escala planetária e, principalmente, também que estejam ancorados em objetivos que levem a educação para o desenvolvimento, para os direitos humanos, para a sustentabilidade, para a quietação e cuidado de confusões e a educação intercultural, assim como tenham extensões integrais da educação para a cidadania.

A concretização dos valores citados acima só será possível na medida em que se observa o que diz Freire (1996) com relação ao amor. Ele afirma que o diálogo para a construção do mundo que tanto se sonha através da educação global, somente existirá se houver amor profundo ao mundo e aos homens. Desta forma, estando embasado da conversa, o amor é também diálogo.

Há um processo intrínseco quando se fala em amor e diálogo, pois ambos são importantíssimos na reconstrução do espaço global de ciência de si, dos diversos e do planeta. E nesse aspecto é fundamental discutir o contexto educacional de uma forma ampla e plural.

E nesse empenho de avaliação da educação global, têm ainda numerosas informações que se relacionam com a ideia. Um deles que é importante destacar é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, principalmente porque ela diz que a educação contém quão desígnio a integral extensão da individualidade humana e adesão dos direitos do homem e das liberdades constitucionais que possibilitam a compreensão, a questão da tolerância e a amizade. Todas as nações, grupos raciais ou devotos necessitam olhar entre si esses valores, bem como o desenvolvimento nas nações unidas que possuem em seu bojo atividades que caracterizam a manutenção da paz.

Nessa ótica da educação global Delors (2006, p. 10) sustenta que:

Somos levados, deste modo, a revalorizar as dimensões ética e cultural da educação e, nessa acepção, a munir os expedientes a que todo chegue a incluir o diverso em sua especificidade, além de envolver o mundo em sua procura confusa de acertada união; porém, antecipadamente, combina iniciar pela compreensão de si próprio em alguma condição de viagem interna, permeada pela cognição de informações, pela reflexão e pelo aprendizado da crítica a si mesmo.

Seguindo essa linha, o mesmo autor destaca que nesse assunto da educação, quaisquer exterioridades são essenciais para que de fato exista consolidação dessa ideia como: as reivindicações de ordem científica e metodologia, o autoconhecimento e a pacto do meio ambiente, igualmente quanto a edificação de competências que aceitem nortear a atuação de todo qualquer bem como componente de uma família, cidadão ou quão um bem-sucedido elemento da coletividade.

Dentro desse contexto, como contribuição, o guia prático da educação global (2010, p. 20), afirma que:

A instrução global significa algum termo guarda-chuva a apreciações pedagógicas arrolados com os fatos do mundo atualmente. Versar, assim, de um julgamento cavado, em melhora, multidimensional, de oportuna educação geral. Mais à frente, é ainda afrontado como algum revide grupal e holística a provocação histórica de amparar cidadãos globais acionados na invenção e recriação de um mundo distinto, mais social, imparcial, sereno e sustentável, aperfeiçoado na dependência recíproca.

O que ajuda muito a construir esse conceito de educação global é a dissipação de conceitos extremamente atrelados ao desenvolvimento de questões como informações, capacidades, valores e caracteres que vêm ao encontro justamente daquilo que já foi anteriormente discutido sobre uma sociedade melhor. É interessante discutir e propiciar através da educação global o processo de aprendizagem e conhecimento a respeito de temas que influenciam diretamente na existência desse cidadão e de que forma criativa também ele pode agir dentro do contexto em que vive.

Para que essa realidade seja colocada em prática, é necessária uma unidade e harmonização com relação ao teor, a configuração e o conjunto em que se produz a questão da aprendizagem. Nessa perspectiva, deve-se pensar numa educação de transformação social que possibilite um rompimento com o conteúdo tradicional que de, sobremaneira,

reproduz o sistema. A mudança de mentalidade é perfeita para a concretização dessa nova realidade de educação global.

É interessante ressaltar, por exemplo, na fala de Delors (2006) que após intensa transformação dos grupos clássicos da essência humana, há uma obrigação quase que natural de incluir melhor o distinto e o mundo em que se exija compreensão mútua, ajuda pacífica e harmonia. Esses são valores essenciais no mundo em que queremos ter.

Essa nova forma de pensar dentro do processo de aprendizagem possibilita que educadores e educandos construam uma reação profícua que busque soluções, novas ideias, análises, reflexões que venham enriquecer de forma decisiva e criativa a produção de conhecimentos.

Nesse bojo as várias situações devem ser levadas em consideração, principalmente aquelas que dizem respeito às diferenças de gênero, classe social, etnia, religiões, socioeconômicas e culturais. Tudo isso consistir em trazer para a pendência precisamente com a finalidade de todos, independentemente da condição ou papel que exerça na sociedade, colaborem para que a aprendizagem seja constantemente reabastecida. Isso pode ser corretamente envolvido na afinidade dentre suposição e aprendizado que acaba por interferir nas práxis que, nada mais nada menos, é a mudança de comportamento na ação.

É muito importante pensar a educação através desse novo conceito, pois podemos encontrar soluções para problemas que são micros, mas que muitas vezes têm estreita relação como os problemas macros. Pensar desta maneira é contribuir na construção de uma nova metodologia que permita resoluções mais efetivas para questões globais.

Exemplo de que é possível estabelecer a educação global nesse contexto social é a Escola de Summerhill, na Inglaterra, fundada em 1921. Consiste numa escola democrática e autônoma na qual os adultos e as crianças têm o mesmo estatuto. A escola tem como filosofia permitir a liberdade para o indivíduo. Cada criança tem a possibilidade de trilhar seu próprio caminho na vida, pois será aquilo que querem ser, atendendo seus próprios desejos. Isso é bom, pois gera autoconfiança e aceitação naquilo que é.

A importância da filosofia no ensino médio

A sociedade nos tempos de hoje vive um intenso processo de globalização e também um grande avanço tecnológico. Visto deste ponto é de extrema importância que seja necessário um investimento tanto no ensino público como no particular na educação e na família para que se possa edificar qualquer coletividade consciente dos seus direitos, participante politicamente e cidadão.

Diante dessa eminente indigência social, a Filosofia é um importante instrumento no Ensino Médio, porque constitui nessa etapa que o estudante permanece no tempo de intervenções aperfeiçoadas a juventude e evidencia uma criticidade perante os princípios que regem a vida social. Essa significa uma fase na qual se apresenta a ideia de que o jovem apresenta os primeiros contatos com o mundo do trabalho e em seguida entende que ele se encontrar cada vez mais competitivo devido ao progresso tecnológico e que para se manter ativado e conquistar seu espaço, necessita de qualificação (FREIRE, 2008).

Outra questão fundamental para a compreensão desta realidade é que todos os indivíduos são de convivência social e, de um jeito ou de outro, encontrar-se inseridos em uma sociedade em constante processo de evolução e para conseguir sobreviver e atuar nela, todos precisam apresentar algum referencial a ser adotado, principalmente para que possam acompanhar a evolução tecnológica que o mundo passa.

Nesse sentido podemos trazer como contribuição à filosofia que vem desde o mundo grego buscando esclarecimentos lógicas para os elementos da natureza, haja vista que os gregos estavam insatisfeitos com as explicações da mitologia. Desta forma, a filosofia traz para a sociedade de hoje a busca pelo conhecimento que se alia juntamente a este jovem do ensino médio que tanto almeja espaço social, mas nem tanto conhecimento, e procura de certa maneira transformações no contexto em que vive com o desígnio de amenizar as iniquidades sociais.

A Filosofia é esse campo de entrosamento, portanto ajustamo-nos a ele, adquirimos reflexões sobre a cotidianidade dos seres humanos. De atos igualmente simples, como é o depararmos com as pessoas, até a cotidianidade antes complicada que pode ser a imaginação sobre o sentido e o acaso da humanidade (LUCKESI, 2011).

Nessas observações percebe-se que, a Filosofia se manifesta nos seres humanos com o objetivo propiciar a compreensão da sua existência, visto que ela possibilita dar uma direção para a ação do indivíduo, nesse caso o aluno do ensino médio. Ela constitui algum grupo disposto e coeso de “visão de mundo” que dá sustentação desta forma a alguma conjectura preparada e coerente para agir. Então, se “age por agir”. Age-se, sim, por certa razão que pode ser ampla ou mais restrita em termos de indivíduos inseridos num contexto de sociedade.

Freire (2008) garante que o aluno do Ensino Médio é notado pelo caminho do senso comum para o senso crítico, do apropriado formato e que a Filosofia nasceu do movimento do mito para a Filosofia. O jovem idealiza a transmutação do simples para o complexo e a Filosofia faz o caminho da fábula para a razão.

A partir dessa concepção de transição do mito para a razão, a filosofia passou por diversas transformações tanto que se permite dizer que a mesma não se diminui à período, entretanto advém de uma postura ética que fundamentalmente se alicerça com as experiências, empenhos e a cosmovisão das pessoas que se realizam dentro de uma determinada realidade. E é esta a grande contribuição desta ciência, principalmente quando se traz para a realidade do aluno do ensino médio que busca transformar sua realidade com grande e importante contribuição do professor na formação crítica do aluno numa concepção sociopolítica. E para colaborar nesta mesma linha de raciocínio Da Silva e Hoffmann (2012, p. 7) dizem que:

É preciso pensar o que está acontecendo, pensar a realidade de modo profundo e sistemático. Não se pode agir sem compreender, como não se pode compreender sem agir. É por isso que dizemos que o homem é e pensa historicamente. Ele é quem faz a história, participa dos eventos e está dentro deles. Por isso o ser humano é diferente, segundo o tempo e as épocas.

A Filosofia significa um componente extraordinário nessa fase da instrução, principalmente para o jovem que nesta fase possui muitos conflitos e, é através da sua

característica de ciência reflexiva e investigativa dos acontecimentos, que pode ser algum assunto de alusão para o educando que conservar-se em uma idade de imaginações sobre a definição da sua própria vivência e do seu desempenho na sociedade.

A Filosofia em particular induz o estudante à conveniência de ampliar algum pensamento livre e decisivo, que divulgue, aceite e induza ele conhecer um refletir singular. Compreende-se que toda ciência exhibe suas próprias qualidades bem como ajuda a ampliar capacidades exclusivas do pensamento que é abordado.

Segundo Esquisani (2001, *apud* DA SILVA, HOFFMANN, 2012, p. 8):

O estudo da filosofia enriquece a imaginação intelectual da pessoa e faz diminuir a arrogância dogmática. Sobretudo porque engrandece o espírito, tornando-o capaz de perceber a multiplicidade de pontos de vista e articulações possíveis entre os mesmos, ajudando-o a compreender que o caminho é um processo, mas que pode ser para cima e para frente.

Partindo desse pressuposto, destaca-se também que o ensino da filosofia no currículo escolar é extremamente desafiante visto que esta disciplina deve proporcionar um espaço de aprendizagem significativa. Um local em que o aluno tenha a oportunidade de ser estimulado e desafiado a pensar, fazer juízo e criticar, tudo com o intuito de construir o conhecimento.

Nos últimos tempos a Filosofia começou a se destacar e auferir um lugar de extensão na educação de crianças, adolescentes e jovens, principalmente nas escolas públicas e particulares. É concordância em meio a educadores e educandos que a filosofia na educação escolar abre passagem para o amplo espírito crítico, detém a desconfiança metodológica para a imprevisibilidade da investigação e da reflexão. Suscitar isso no aluno é fundamental, pois fará com que ele se reconheça como um ser de uma força propulsora de transformação política e cidadã. É dessa forma que se percebe o quanto é decisiva a construção do conhecimento dentro do pensamento filosófico, juntamente com a importante ação do professor.

O pensamento reflexivo, no que expõe importância ao ensino da filosofia no ensino médio, contribui com certeza com a prática pedagógica do professor. Fundamentalmente a Filosofia enquanto cognição de sabedorias é aberta, flexível sem se ater a tal grau de escolaridade, entretanto, determina uma atitude crítica e disciplina intelectual que é importante para o aluno e também para o professor que é agente formador e transformador de realidade social e política.

O desafio do professor frente às novas tecnologias

A discussão acerca do surgimento das novas tecnologias da sociedade em que vivemos, é de fundamental significância, já que em que estas trazem diversas possibilidades de mudanças no processo produtivo, e também no meio educacional com as TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação). Tanto é verdade que essas novas tecnologias possibilitam subsídios para novas formas de aprendizagem.

A velocidade com que essas novas tecnologias têm atuado no processo educativo tem favorecido com uma grandiosa movimentação na prática pedagógica dos professores, que busca tornar suas aulas mais atrativas. Isso faz com que a absorção do conhecimento

pelo aluno seja mais significativa dentro do processo ensino-aprendizagem. E isso fica claro quando se verifica maior participação.

Segundo Cantini *et al.* (2006) a escola, vista como sendo um dos lugares mais beneficiados pelo discurso, pela produção e organização do conhecimento se obriga a oportunizar a seus colaboradores e estudantes a utilização de aparatos tecnológicos que possam ficar à disposição no ambiente escolar, objetivando estimular e intensificar o desenvolvimento de ensino e da aprendizagem. Nas escolas consideradas particulares o processo de implantação do recurso tecnológico é mais fácil, até mesmo pelos custos que acabam sendo transferidos para as mensalidades, diferentemente do que tem ocorrido com as escolas públicas já que elas dependem de políticas públicas que residem na área de tecnologia da educação, exemplo disso tem-se o Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO, que foi criado pelo governo federal em 1997.

Para que isso efetivamente ocorra nas escolas, procurou-se destacar-se nessa conjuntura o papel do professor enquanto articulador do processamento de construção de um cidadão com aptidão para exercer papel preponderante diante de inúmeras inovações tecnológicas, e o maior desafio nisso é ajustar as ferramentas tecnológicas necessárias ao processamento do ensino e da aprendizagem. Entende-se que a formação contínua e os mecanismos de troca e parceria são fundamentais para o sucesso da utilização das novas tecnologias.

Dentro dessas questões Fagundes (1999, s/p) reporta que:

Conseguir alguns computadores é só o começo. Depois é preciso conectá-los à internet e desencadear um movimento interno de buscas e outro de trocas. Cabe ao professor, no entanto, acreditar que se aprende fazendo e saindo da passividade da espera por cursos e por iniciativas da hierarquia administrativa.

Partindo deste princípio, também é muito importante perceber que não somente cabem maciços investimentos em recursos tecnológicos, mas são necessárias também diversas políticas de inclusão digital para melhorar a utilização de tecnologia na questão do ensino aprendizagem. E nesse contexto muitos meios de comunicação têm destacado o quanto o computador é essencial para essa nova realidade, mas o que se vê na questão do uso da tecnologia está muito distante, talvez seja pela resistência em aderir a mesma.

Valente e Almeida (1997, *apud* CANTINI *et al.* 2006, p. 877) enfatizam que:

A informática na educação ainda não impregnou as ideias dos educadores e, por isto, não está consolidada no nosso sistema educacional, sendo este ainda um dos obstáculos a serem ultrapassados. O professor necessita incorporar as ferramentas tecnológicas buscando melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, necessidade esta emergente nessa sociedade de constantes inovações.

Diante da realidade do processo tecnológico eminente, compete ao educador enquadrar-se a esta situação na educação, devendo ampliar e transformar o ambiente da sala de aula de diversas formas, gerenciando aulas em um distanciamento, encaminhando projetos e pesquisas com os educandos, utilizando os instrumentos disponíveis de forma a encaminhar os alunos no que diz respeito à utilidade das tecnologias de forma contextualizada e colaboradora. Isso demonstra que o conhecimento não está mais centrado no professor e sim ele se torna um facilitador, intermediando a movimentação do aluno rumo ao conhecimento.

É importante o professor realmente se atualizar e inovar, mas é imprescindível que nasça nele o desejo e a motivação. A escola, enquanto instituição, também deve promover mudanças que garantam renovação e modernização de seus laboratórios assim como dando condições reais e adequadas ao professor para que este possa realizar atividades dinâmicas, inovadoras, instigadoras, aplicando todo o aparato tecnológico que ela dispõe a serviço de seus alunos. Diante dessa importância, Moran mostra:

O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável. (MORAN, 2004, p. 15)

Tal processo propõe um modo de transformação de paradigma das Instituições de ensino, e na maneira de ensinar de muitos professores de Universidades que do mesmo modo, de acordo com a sua formação, estão afastados, em sua maior parte, da utilização e das possibilidades dos aparatos tecnológicos no processamento do ensino e da aprendizagem e no seu desenvolvimento profissional, situação que evidencia um fosso existente por meio do discurso e da prática efetiva na utilização de recursos tecnológicos.

Hoje, com relação aos processos tecnológicos, é de fundamental importância discutir, por exemplo, o pioneirismo da universidade do vale do Silício no USA, onde não há existência de professor. Isso parece surreal, pois ao longo do texto vem se discutindo a figura do professor na escola e na vida do aluno. É algo extremamente espantoso, mas ao mesmo tempo compreensivo diante dessa sociedade onde a educação é global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do professor na questão da formação crítica do aluno se depara com inúmeros obstáculos existentes em nossa sociedade que muitas vezes não reconhece ou valoriza seu papel. Além disso, enfrenta-se no espaço escolar gestores que não são comprometidos, ou melhor, que não fornecem condições respeitadas de trabalho para o professor fazer a sua parte e, conseqüentemente, para construir o diferencial na vida dos alunos. É preciso que a escola juntamente com a direção, alunos e professores se unam e reconheçam a importância de cada um dentro de uma visão global sobre os problemas, as limitações e os desafios enfrentados e que irão possibilitar a construção da cidadania dentro da escola.

É notório a observação de certos cenários com muitas dificuldades e instabilidades que o professor necessita enfrentar com coragem, mesmo que às vezes nele tente nascer um sentimento de desânimo e de impotência. Precisa-se ser forte para lutar contra diversos problemas que se encontram essencialmente em raízes culturais e históricas. E a solução para essas questões está nas mãos professores que conscientizados podem modificar um quadro educacional delicado.

Quando proposta a realização do trabalho científico que visava avaliar a atuação do professor na formação crítica do aluno numa concepção sociopolítica, tinha-se como objetivo verificar se o docente realmente possuía influência e tinha a capacidade de formar efetivamente uma mentalidade crítica em seus alunos e isso, de fato, ficou comprovado ao longo da pesquisa através de dados quantitativos e qualitativos.

Este processo somente ficou claro quando se passou a discutir que o professor precisava fazer uma reflexão de suas práxis pedagógicas para poder influenciar a vida de seu aluno. Esta tomada de consciência foi de fundamental importância e vai refletir pontualmente na ação do professor. A fala da professora Alarcão (2011, p. 44) reforça que:

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa.

O contexto anteriormente citado dá a possibilidade ao professor de fazer as interferências que julgar necessárias na vida do aluno, dando ferramentas que possam gerar reflexões e conseqüentemente mudança de mentalidade. Diante disso é bem fácil se verificar a influência do professor, principalmente quando se identifica cada vez mais as lutas desses alunos por uma educação melhor, por democracia, por melhores condições dentro da escola e também por moradia digna.

A sociedade que deve ser construída nos dias de hoje tem há de ser pautada a partir das transformações que se originam das questões sociais e políticas e isso só será possível a partir das observações de que existem professores altamente comprometidos com a educação e que promovem cidadania.

Segundo Saviani (2012), a práxis pedagógica pode contribuir de maneira específica, isto significa ser propriamente pedagógico para uma sociedade democrática na medida em que entende como se posiciona a questão da democracia relativamente ao ambiente próprio do trabalho pedagógico. E essa condição logicamente estimula uma participação significativa do aluno para questões que são consideradas fundamentais na escola e na sua comunidade.

Constata-se que o problema de pesquisa que gerou todas as inquietações foi resolvido. A aplicação dos questionários respondeu o quanto a ação docente é fundamental para transformação da vida do aluno, da escola e também da sociedade, pois o resultado são pessoas mais críticas que questionam as mudanças no espaço e também na sua própria existência enquanto indivíduos que compõem maciçamente o meio social.

Tal constatação é percebida também quando o que se constava nos objetivos foi prontamente ratificado nos autores e nos dados de pesquisa coletados e que deram credibilidade a este trabalho. Os objetivos, tanto o geral quanto os específicos, são extremamente importantes para o desenvolvimento do próprio trabalho científico e eles precisam ser perseguidos, por vezes, sob pena de não responderem ao problema de pesquisa.

Nesse sentido quando se avaliou o papel do professor na formação crítica do aluno numa concepção sociopolítica, chegou-se à conclusão do quanto é importante tratar a educação como viés de transformação social, já que é ela quem concede por meio do professor a construção de uma escola e também de uma sociedade cidadã onde todos lutem por seus direitos e cumpram com seus deveres. E o professor nesse processo tem sido importantíssimo visto que muitos alunos hoje em dia reivindicam melhores condições

na escola porque estão cansados de presenciar nos seus locais de estudo uma estrutura deficitária que não possibilita uma aprendizagem de qualidade.

É por meio da propagação de valores éticos, morais, políticos e de ações de cidadania que vários alunos têm transformados suas vidas e de suas comunidades. Essa atitude tem que se fazer presente cada vez mais se quisermos uma sociedade justa e igualitária. Acredita-se que essa relação professor e aluno tem que ser fortalecida para o bem da escola e para o bem de todos, já que este professor considerado de suma importância na vida do aluno deverá rever constantemente a sua prática pedagógica através da sua autorreflexão.

Luckesi (2011) afirma que tendo como base as características indispensáveis do educador e do educando vistos como pessoas e como sujeitos da prática pedagógica, foi constatado que o papel do educador é o de criar situações e condições para o educando aprender e se desenvolver de maneira ativa, inteligível e sistemática. Esse contexto beneficia o aluno que adquiri conhecimentos que darão embasamento para sua tomada de atitude e, conseqüentemente, refletirá na sua ação político- cidadã.

Através da discussão da ação do professor como um dos atores sociais que mais influenciam na mudança de mentalidade e também no que isso afeta na tomada de decisão do aluno é que se pode chegar à conclusão de que os objetivos traçados para o trabalho de pesquisa foram plenamente atingidos. Isso demonstra que o professor é sim formador de opinião e que sua prática pedagógica sempre existirá uma intencionalidade, pois só assim é que se formarão sujeitos críticos, agora é claro, dentro de uma educação libertadora.

A realização deste trabalho acadêmico de cunho científico possibilitou que fosse aberto um debate para discutir o papel do professor na vida do aluno, permitiu-se também que algumas coisas fossem ratificadas e outras desmentidas. Porém, o mais importante foi verificar que essa discussão não se encerra por aqui, pois se acredita que é extremamente necessário discutir o papel do professor numa escola sem partido para contrapor a esta corrente.

Entende-se que ao falar do professor se abre uma discussão bastante complexa sobre este assunto já que se vive em uma sociedade de mudanças de constantes transformação e que influencia culturalmente a sua prática pedagógica. Dessa forma, ele precisa estar cotidianamente antenado com tudo o que ocorre no mundo para formar sua opinião própria e poder compartilhá-la com seus alunos. Também se faz necessário entender que este deve buscar mecanismos que possam rever sua prática cotidiana, pois no processamento do ensino e aprendizagem dentro da escola há um processo dialético do conhecimento bastante grande e é fundamental essa atuação do professor ser impar para uma formação mais crítica e reflexiva de seu alunado.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL, 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.8).

ALTHUSSER, Louis. Ideológico e aparelhos ideológicos do Estado. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

CANTINI, M.C *et al.* O desafio do professor frente às novas tecnologias. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-081-TC.pdf. Acesso em: 20//10/16.

_____. Educação: um tesouro a descobrir - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI, 2006.

Escola Summerhill de AS Neil. Disponível em: <http://www.summerhillchool.co.uk/>. Acesso em: 23.12.16.

ESQUISANI, *apud* DA SILVA & HOFFMANN. O ensino da filosofia no ensino médio – UNIFRA, 2012. Disponível em: jne.unifra.br/artigos/4725.pdf. Acesso em: 25/09/16.

FAGUNDES, Léa, Revista Nova Escola, ano 1999.

FREIRE, Danilo. Filosofia no ensino médio. Grupo café com filosofia – Phipsi. Disponível em: <https://filosofojr.wordpress.com/2008/08/08/filosofia-no-ensino-medio/>. Acesso em 25/09/16.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. Saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (coleção Leitura).

_____. GUIA PRÁTICO PARA A EDUCAÇÃO GLOBAL: Conceitos e Metodologia no Âmbito da Educação Global para Educadores e Decisores Políticos. Editado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa – Lisboa, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/ago. 2004. Quadrimestral.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 42.ed – Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

THOMAZ, Lurdes & OLIVEIRA, Rita de Cássia. A educação e a formação do cidadão crítico, autônomo e participativo. Paraná, 2009. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1709-8.pdf. Acesso em 06/09/16.

VALENTE & ALMEIDA, *Apud*. CANTINI *et.al.* O desafio do professor frente às novas tecnologias. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-081-TC.pdf. Acesso em: 20//10/16.

A cidadania e a psicopedagogia: a necessidade de intervenções psicopedagógicas nas escolas públicas de Breves-PA

Luciano da Silva Leão Soares

Esp. Psicopedagogia e Educação Especial pela FIAMA, Esp. Psicologia Organizacional pela Focus, pós-graduando em Psicanálise na UniBF, Formando em Artes Visuais (R2) pela UniBF, graduado em Gestão de Recursos Humanos na UNICID, Formando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPA – campus Breves.

Larissa Bruna Otoni de Lima

Graduanda 8º período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – campus Breves.

Clissia Gama Mercês

Graduanda 8º período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – campus Breves.

RESUMO

O objetivo desse estudo foi discutir sobre o conceito histórico em relação a cidadania e democracia realizando uma comparação sobre sua efetivação com nossa realidade atual vivenciada em casos de Bullying e violência física em escolas públicas de Breves/PA, no Marajó. É uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza básica, que fez uso de observação comportamental de alunos do 4º e 5º ano na escola e análise documental sobre casos não levado a público voltados para violência e *Bullying* em três escolas públicas, a investigação ocorreu durante os estágios da universidade Federal do Pará. No artigo se trabalhou inicialmente a partir das contribuições de pensadores e estudiosos do marxismo, Vygotsky (2007) com a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem no cognitivo, Marx no que se refere a compreensão sobre a sociedade capitalista existente, em continuação com Barbosa (2020), Papalia e Feldman (2013) com a psicobiologia, análise do comportamento humano. Baseando-se na fundamental e posteriormente a discussão, concluímos que o conceito de Cidadania por mais belo que seja encontra-se corrompido em nossa sociedade capitalista, pós ainda existem muitos casos de violência, Bullying e exclusão social.

Palavras-chave: psicopedagogia. cidadania. educação e formação. Marajó.

ABSTRACT

The objective of this study was to discuss the historical concept in relation to citizenship and democracy, comparing its effectiveness with our current

Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas - Vol. 6

DOI: 10.47573/aya.5379.2.204.5



reality experienced in cases of Bullying and violence in public colleges in Breves/PA, in Marajó. This is qualitative research, of a basic nature, which used behavioral observation of students in the 4th and 5th school and document analysis of undisclosed cases of violence and bullying in three public schools, the investigation took place during the Internship at the Federal University of For. The article initially worked from the contributions of thinkers and scholars of Marxism, Vygotsky (2007) with developmental psychology and cognitive learning, Marx about the understanding of the existing capitalist society, in continuation with Barbosa (2020), Papalia and Feldman (2013) with psychobiology, behavior analysis. Based on the fundamental and subsequent discussion, we conclude that the concept of Citizenship, however beautiful it may be, corrupted in our capitalist society, after all there are still many cases of violence, Bullying and social exclusion.

Keywords: psychopedagogy. citizenship. education and training. Marajó.

INTRODUÇÃO

Somente existirá a cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação dos espaços, da pugna para então fazer valer os direitos dos cidadãos existentes em nossa sociedade Brasileira, assim neste sentido a prática dentro da cidadania pode ser a classificada como gestão de estratégia, desenvolvida em excelência, para construção de uma sociedade melhor. (MANZINI, 2007, p.10)

A Cidadania e a Cultura são aspectos muito relevante e discutido a décadas dentro de nossa sociedade, sendo ainda um forte assunto de debate e inevitável de ser discutido no séc. XXI, principalmente por ser um dos maiores fatores de intolerância que desenvolve o *Bullying*¹ e a violência em escolas públicas, com agravo pós a pandemia causada pela Covid-19.

Nesse sentido, acredita-se que tais problemas ocorrem em razão da falta de práticas psicopedagógicas na escola. No objetivo de analisar as concepções de cidadania e democracia e se estão fazendo efeito em casos isolados, nossa orientação de investigação se deu pelo seguinte problema: “a partir dos conceitos históricos da cidadania e da democracia quais fatores levam alunos de escolas públicas de Breves-PA a desenvolverem o *Bullying*, exclusão social e a violência?”.

Com o objetivo de desenvolver tal questão, utilizamos primeiramente as contribuições de alguns autores, estudiosos e pensadores Marxistas presentes no artigo, basilares na investigação que realizamos para a compreensão da cidadania e a Psicopedagogia. Metodologicamente, a pesquisa é de caráter qualitativo, com estudo documental, utilizou da observação participativa para o desenvolvimento complementar do trabalho. Pensando nos discursos de pedagogos e relatos de famílias sobre casos de *Bullying*, violência e exclusão em sala de aula, entre as obras utilizadas, citam-se Vygotsky (2007) e aspectos da análise do autor sobre a exclusão social e injustiças com o diferente, desenvolvimento e a aprendizagem com o social. Assim, também emprestamos a concepção de Marshal (1967) a respeito da cidadania, também, as importantes pesquisas de Papalia e Feldman (2013) e Barbosa (2020) com a compreensão do fator biopsicológico do desenvolvimento da criança

¹ A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *Bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

e do pré-adolescente. Por fim Teixeira (2007) e sua compreensão sobre a formação do indivíduo como cidadão.

O estudo de nosso artigo está dividido em 6 partes. Primeiramente buscamos esclarecer a proposta da pesquisa por meio da introdução acima vista, tendo como base as fundamentações teóricas que se utilizou. No segundo momento, na Cidadania e grupos: contextualização, buscou-se a focar nos conceitos da cidadania e grupos sociais – identidade social. Em terceiro, no Papel psicopedagógico na cidadania, vamos abordar qual o papel que o psicopedagogo desempenha em nossa sociedade no aspecto da cidadania. Em quarto, pós a compreensão dos conceitos e papéis, entra a relevância do psicopedagogo com atendimento na escola em casos isolados voltados para a cidadania envolvendo problemas recorrentes em nossa realidade breve no Marajó. Em quinto, na Análise dos resultados, será apresentado os resultados obtidos por meio da pesquisa. Por fim, as considerações finais do trabalho.

CIDADANIA E GRUPOS: CONTEXTUALIZAÇÃO

Em nosso séc. XXI, os debates da cidadania e da cultura são recorrentes em todos os lugares do mundo e principalmente no Brasil pela sua rica construção social, histórica e de atual diversidade. As escolas estão cada vez mais trabalhando na inclusão e no respeito, entretanto ainda existem diversos fenômenos que interferem no processo de desenvolvimento da criança como cidadão.

Entendemos que a partir do Art. 5º² da Constituição da república Federativa do Brasil que todos somos iguais e redutores de direitos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo assim ao cidadão brasileiro e a estrangeiros naturalizados ou residentes no país a inviolabilidade do direito direitos.

Assim compreendemos que o cidadão é composto por direitos e deveres, nos quais o Estado³ tem a obrigação de garantir políticas públicas que proporcione a efetivação dos direitos, entre as leis, podemos destacar a seção II da Cultura – Constituição Federal, no Art. 215º onde afirma que “ O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, dentro do artigo encontra-se as seguintes implementações:

§1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

2 DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS: Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade

3 De acordo com a Constituição brasileira, as funções do Estado são três Poderes distintos e independentes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Devem funcionar em harmonia, de maneira a se complementarem e se limitarem em suas ações. Dessa forma, um Poder necessita do outro.

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

II produção, promoção e difusão de bens culturais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

IV democratização do acesso aos bens de cultura; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

V valorização da diversidade étnica e regional. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

A partir dessa análise entende-se que a cultura é direito do indivíduo brasileiro, assim como a qualificação pessoal para a gestão da cultura para a qualificando o cidadão. Entretanto atualmente as políticas implementadas em Breves-PA não são o suficiente para manter tais leis em ação ativa, tendo como base a ausência de museu, bosques, casa da cultura mais enriquecida e falta de ações das escolas com meios culturais, assim como de locais representativos em instituições de ensino superior pública que envolva a cultura local.

O Brasil, por meio das mídias digitais de notícias é famoso pelos seus direitos constitucionais e propostas peculiares que permitem seus moradores a terem o direito de ir e vim e sua liberdade de expressão, sendo assim um lugar democrático. O dever do cidadão é seguir as regras estabelecidas na ética, moral e jurídica pelo bem da sociedade. Para chegarmos a esse nível, existiu todo um processo democrático, inspirados em mortes, guerras, revoltas, conquistas e lutas que ocasionaram os movimentos hoje conhecidos pela luta para a liberdade e igualdade para o “ser social”, como exemplo a própria Organização das Nações Unidas (ONU)⁴.

O ser social é constituído com missões dentro de nossa sociedade, ou seja, possui um papel a desempenhar como um cidadão de bem, tornando-se indispensável para o conhecimento do meio sociocultural em que vive, mas para isso, é necessário uma formação, um preparo para o “bom” cidadão, nesse contexto entra a escola, órgãos competentes, juntamente com a família do aluno que irão trabalhar a mente, o caráter e a formação social do indivíduo, criando assim um ser pensante, atuante e com as “competências básicas” para um indivíduo conviver em sociedade e respeitar a ética e moral.

No Ministério da Educação, no Programa de Ética e Cidadania, diz em sua apresentação que: “Toda criança e todo jovem têm o direito de aprender o sentido da cidadania na sua concepção mais ampla. Portanto, é dever da escola ensinar e agir fundamentada nos princípios da democracia, da ética, da responsabilidade social, do interesse coletivo, da identidade nacional e da própria condição humana”. O ambiente escolar deveria existir para haver cidadania e inclusão cultural, assim como orientações e cuidados com a saúde mental e física do aluno de forma democrática onde o discente por meio do seu consciente

⁴ Segundo a Fundação Escola Superior (FMP) do Ministério Público a ONU surge como a principal organização governamental com o intuito de conseguir alcançar a paz mundial e ainda de desenvolver os direitos humanos, auxiliando no desenvolvimento socioeconômico e nas ações protetoras ao meio ambiente

apropriar-se dos conhecimentos propostos no currículo da escola, entretanto ainda existem escolas cujos princípios religiosos silenciam assuntos como gênero, violência na escola, Bullying, sexualidade e diversidade de culturas/religiões, sendo esses elementos parte da composição da cidadania.

Segundo Barbosa (2020, p.68), a autora aborda que o desenvolvimento psicossocial da criança desde o início de sua segunda infância, destaca-se a formação do conceito de “Eu” que tem como viabilizadora a própria linguagem, ou seja, a capacidade das crianças de nomear o mundo perante o contexto social em que se encontra faz com que a criança possa nomear a si mesma, dessa forma os elementos aprendidos dentro da escola e da família permitem a construção do “Eu” e do cidadão.

Ainda nesse processo de constituição de ideias e formação do eu cidadão, o indivíduo analisa a si mesmo entendemos, incorporam sua identidade sexual e se adaptam à cultura da sociedade na qual está inserida. Nesse processo de desenvolvimento. A iniciação a formação como cidadão ocorre entre 0 e 6 anos por meio da percepção da criança com o ambiente ao seu redor, pois sua aprendizagem é mais rápida. Segundo Vygotsky (2003), o autor esclarece que a atividade lúdica de brincar nessa faixa-etária permite o desenvolvimento da inteligência e da personalidade da criança, ou seja, as funções psíquicas superiores, como a sua atenção ativa, a produção de memória, a linguagem e associações, assim como o pensamento lógico, morais e éticos.

Nesse contexto a criança precisa de apoio em seu desenvolvimento para o processo de cidadão Brasileiro, a própria Legislação Brasileira garante no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) a promoção da educação gratuita e acessível a todos, para que assim possa existir qualidade de ensino e capacidade de abranger a sociedade ao seu redor, para a formação de um indivíduo com amplas competências e um cidadão de “bem” para com nosso ambiente social, representado no Art. 205 da Constituição Federal de 1988 diz que:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988)

Compreendemos assim que o primeiro passo se inicia na formação psicossocial do aluno, sendo em parte responsabilidade da escola formar e capacitar seus membros a melhorar suas habilidades e competências por meio de práticas pedagógicas que envolva o ensino-aprendizagem estabelecidas no Projeto Político Pedagógico (PPP)⁵ da Escola.

Quando abordamos sobre cidadania e seus eixos, devemos entender seus conceitos definidos por Marshall (1967), onde o autor define como um conjunto de direitos e regras garantidos progressivamente aos cidadãos competentes a sociedade, sendo colocado em três escalas de cidadania:

- I. Cidadania civil, os direitos de liberdade da pessoa que tiveram um desenvolvimento significativo no século XVIII;
- II. Cidadania política, ou os direitos de participar na vida política, conquistados pelas classes trabalhadoras no curso da luta pela igualdade política no século XIX; e

⁵ Segundo LIBÂNEO (2004) define o PPP como documento que irá descrever e caracterizar objetivos, diretrizes e ações do processo educativo que serão desenvolvidas dentro da instituição de ensino.

III. Cidadania social, que consiste no reconhecimento e ampliação durante o século XX de uma série de direitos sociais em períodos de desemprego e de doença, para permitir às pessoas participar do bem-estar econômico e social da comunidade. (MARSHALL, 1967)

Em complementação aos três tipos de cidadania, foi realizada uma investigação por Starkley e Osler (2005), os autores fizeram uma proposta do conceito sobre o ser cidadão ao introduzir uma nova forma de percepção, sendo ela a cidadania como um sentimento. Segundo os pesquisadores a relação entre os indivíduos e o Estado é descrita como esfera, ou seja, conjunto de direitos e garantias para com os cidadãos e o governo, que em compensação contribuem socialmente através de impostos para a melhoria da sociedade capitalista⁶.

Quando adentramos na cidadania, em relação a gestão das pessoas, dentro de nossa sociedade existe os comportamentos grupais, que surgem em grupos que tem uma característica em comum e que se proeminência em partilhar objetivos, tal característica é classificada como coesão. Segundo Rodrigues (1999) a “coesão” é a quantidade de pressão psicológica/mental exercida sobre os componentes de um grupo com o objetivo que nele continuem e sigam suas normas e regras.

Para que exista a coesão deve existir primeiramente a atração de algum modo, seja pelo grupo que a criança deseja ingressar ou por um de seus praticantes e quanto maior a coesão, maior será a necessidade dos membros se comunicarem entre si, em busca de uniformidade e equilíbrio entre todos, assim a busca pela participação e aceitação dentro de um grupo cultural específico pode gerar violência, humilhação e traumas (FESTINGER, 1950). A exemplo, grupos de alunos em escolas que cometem *Bullying* e se denominam classe “superior”, para outra criança ingressar nesse meio, precisará ser como eles, ou fingir ser igual para não sofrer ataque.

Ao analisar a cidadania num contexto psicossocial, perceberemos por meio de observação do comportamento dos alunos na escola que as crianças e os adolescentes inseridos no 4º e 5º ano em diversos casos tendem a se preocupar em se encaixar em um grupo social e temem sua saída dele, quando a inclusão não ocorre, é realizado o afastamento, a exclusão, seja pela diferença de culturas, fator econômico, por ser ou não alfabetizado e até mesmo de cor de pele. Vygotsky (2003) ressalta que a “educar significa organizar a vida”, assim é necessário organizar a vida na escola, a partir de planejamentos e realização de práticas psicossociais educativas que tornem a instituição de ensino um ambiente acolhedor e de vivências democráticas.

A exclusão que ocorre na sociedade causa sequelas nas mentes dos indivíduos, principalmente nas crianças, a falta de diálogo constrói um indivíduo com “déficits”. Segundo Vygotsky (2007) o fator social onde a criança está inserida também é primordial para sua formação, pois o indivíduo além de ser biológico se desenvolve por meio da sociedade em que está inserido, ou seja, o ambiente social e físico irá construir suas competências, que classificamos como cidadão sociável e idôneo.

O termo cidadania com o passar das décadas teve em seus conceitos diversas evoluções, ou seja, transformações para a “melhoria” da sociedade. A cidadania é uma *6 Segundo os estudos do Materialismo histórico-dialético de Marx, o capitalismo produz a luta de classes entre a burguesia e o proletariado. Na obra “O capital” de Karl Marx, ele avalia a sociedade capitalista e os diferentes tipos de realidades socioeconômicas que nela existem, realizando assim uma análise crítica sobre o sistema capitalista.*

prática social e ao mesmo tempo uma forma de conceito dentro do campo político, pois é o seu caráter que marca a energia dos conflitos, das aproximações da vida real e sua instabilidade diária na vida da população, tais conhecimentos devem ser repassados para a criança na expectativa de seu desenvolvimento .

Devido casos de corrupção da ética na cidadania e política surge uma das formas de combate mais comum em nossa realidade, a implementação de conteúdos voltados para direito e cidadania no ensino fundamental para a formação das identidades sociais e o multiculturalismo, podemos perceber tais fatores a partir de análise das propostas implantadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entretanto por se tratar de códigos e que segundo relatos de docentes de escola pública “acabam limitando o trabalho pedagógico” os professores por sua vez utilizam o necessário afim de produzir as aulas.

Nessa perspectiva, compreendemos o conceito de identidade social, nesse caso politizada à medida que o alcance dos direitos da cidadania pensado como resultado direto dos inúmeros conflitos dos grupos sociais existentes, e com o avanço negativo do capitalismo gera as agitações, balburdias, sendo tais conflitos visualizados como núcleos de identificação intersubjetivas.

Segundo Tótorá (1999), através da análise da obra de Florestan Fernandes apresentou que o desenvolvimento capitalista no Brasil se processou dissociado da democracia, a partir de formas absolutistas de poder, com esse avanço do capital os grupos sociais que se formam possuem novas características e cada vez mais seletivos.

Um dos maiores fatores que gera dificuldade para se estabelecer a cidadania é a desigualdade, a pobreza e a corrupção existente em nosso país. Marx define a origem da desigualdade social está na relação que a burguesia desenvolvia com o proletariado. Tendo em vista esse processo de identidade social e toda a descaracterização que ao longo do tempo a cidadania e a democracia vem sofrendo a escola surge como uma das formas de amenizar os impactos existentes, na expectativa de desenvolver a formação de cidadãos mais capacitados e honestos para o desenvolver de atividades que melhorem o nosso país.

A constituição brasileira de 1988 assegura a todos os sujeitos um país democrático de direitos e deveres, assim, também assegurando o exercício da cidadania por todos. A cidadania está diretamente ligada com a relação entre o povo e o direito de participar nas decisões administrativas do estado. Estabelecendo vínculo com os direitos, sejam eles políticos ou econômicos, na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no Art. 1º diz que: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político”, em seu parágrafo único diz que “ todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Assim para a formação do indivíduo como cidadão deve existir e ser aplicado o direito a educação de qualidade, sendo essa condição primordial para que a sociedade seja factível através do desenvolvimento individual e social, de espírito científico, assim como de espírito democrático (Teixeira, 2007). Nessa garantia deve existir seguimentos

para os ensinamentos a serem desenvolvidos e ações garantidas, no art.206, Capítulo III, na Seção da educação, da Cultura e do Desporto: Seção I da Educação, diz que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - Valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União;

VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - Garantia de padrão de qualidade

Com essa base em Lei deveríamos ter uma educação que envolva o acesso ao conhecimento múltiplos e de diversas metodologias para aprendizagem e desenvolvimento, assim como profissionais capacitados e competentes que desenvolvam o acolhimento e atendimento psicossocial dentro da escola, uma vez que, a sociedade desequilibrada ao redor da criança pode corrompê-la. De acordo com Mannheim, uma sociedade democrática deve oferecer condições para que cada grupo cultural possa sentir-se integrado a ela.

Por isso que, a educação assume um caráter social, ou seja, o papel da escola como entidade de cidadania e cultura é indispensável para formação de sujeitos verdadeiramente cidadãos e assim indivíduos competentes, pois é partir dos conhecimentos adquiridos no ambiente educacional que a criança compreende o ambiente em que está inserido. A seguir vamos entender o papel do psicopedagogo nesse contexto de desenvolvimento da cidadania, envolvendo sua importância em casos isolados.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA CIDADANIA

A educação no município de Breves se encontra com défices na perspectiva de conhecer seus alunos e a formação social deles, sendo colocado em contexto a falta de conhecimento dos alunos sobre a cidadania e seus aspectos, como parte da liberdade de formação social, de expressão e cultural, cada escola tem sua peculiaridade para trabalhar esses temas quando permitido, podendo escolher a formação a partir de seu currículo, em casos de relatos de coordenadoras pedagógicas da escola A e C, explicam que:

Os professores estão focando muito nos códigos da BNCC e se limitando a trabalhar temas que não estejam esclarecidos ou descritos como 'passo-a-passo', e cada vez mais ocorre problemas dos professores não se darem bem com os alunos. (COORDENADORAS PEDAGÓGICAS)

Quando os docentes focam obsessivamente na Base Nacional Comum curricular, acaba por fazer ações rasas para o processo de desenvolvimento dos alunos, pois eles são seres completos que leem o ambiente para sua construção pessoal. As desconexões entre docentes e discentes está cada vez mais alta em Breves, com casos de responsáveis reclamarem sobre a falta de sensibilidade, humanização e respeito, causando assim convergência na formação do ser pensante e atuante dentro da sociedade.

O psicopedagogo⁷ entra para aprofundar tais aspectos e melhorar a qualidade da vida escolar e social, no âmbito da instituição educacional o profissional tem o papel de auxiliar na formação do aluno para seu sucesso escolar, assim como para a vida, atuando em com práticas voltadas para aprendizagem, questões emocionais e comportamentais, dando suporte no crescimento dos alunos, para com a sociedade que ele enfrenta: as múltiplas culturas e as diferentes percepções de mundo, todavia as funções irão variar de acordo com a contratação ou concurso.

A partir dos estudos de Paula *et al.* (2020), que trazem as contribuições de Wallon, diz que segundo Wallon a aprendizagem e o emocional andam em conjunto, dessa forma não se pode trabalhar um e deixar de lado o outro, assim cria-se a necessidade de desenvolver o controle e a compreensão do emocional para ampliar o desenvolvimento da aprendizagem.

Quando abordamos sobre o emocional dos alunos, devemos levar em consideração que existem diversos casos que podem influenciar no seu desenvolvimento, nesse contexto o psicopedagogo necessita entender tais fenômenos e desenvolver metodologias que possam amenizar, conflitos, dificuldades de aprendizagem e práticas pedagógicas.

Por meio da conversa com alunos, assim como ouvidoria dos professores em seus relatos e comprovações, é possível realizar o mapeamento de problemas que os alunos podem apresentar, assim como utilização de feedback (ação de ouvir os relatos, reclamações e apontamentos) com docentes quando existem casos de conflitos internos entre os professores.

Vamos agora abordar casos isolados deles que estão sendo comuns em escolas públicas de Breves-PA.

Mediante ao exposto, nossa observação ocorrida em 3 escolas públicas de caracterizações diferentes, por meio de relatos de docentes e coordenação pedagógicas conseguimos produzir uma tabela, tal mapeamento levou em consideração nossas observações.

⁷ Segundo Soares e Sena (2012) diz que: O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas.

Tabela 1 - Escolas Públicas observadas no ensino fundamental series iniciais

Mapeamento – 1				
Escolas	Princípios Religiosos?	Atendem alunos em situação de vulnerabilidade?	Possuem Psicopedagogo da instituição?	Possuem Atendimento voluntários psicopedagógicos?
A	Sim	50% dos casos	Não	Não
B	Não	80% dos casos	Não	Sim
C	Não	80% dos casos	Não	Não
Mapeamento – 2				
Escolas	Possuem projetos sociais para melhorar a participação social dos alunos?	Todos os docentes são pedagogos?	Coordenação pedagógica faz papel psicopedagógico?	Possuem alunos ribeirinhos?
A	Sim, 1	Não, ainda possuem profissionais com magistério	Sim, afirmam que mesmo não fazendo parte da função, mas que acabam fazendo.	Não
B	Sim, 2 aos sábados			Sim
C	Sim, 1			Não

Fonte: Soares, Lima e Mercês, 2023.

A partir dessa compreensão sintetizada das escolas, é necessário entender que todas atendem mais de 500 alunos ao todo, não possuem atendimento psicopedagógico próprio, entretanto a escola B possuem um psicopedagogo, mas que atua por projeto voluntário, todos esses fatores influenciam no desenvolvimento da instituição de ensino pública e no rendimento dos alunos em sala de aula. Os projetos sociais existentes em todas elas possuem relevância na qualidade do comportamento das crianças que se tornam mais ativas e interessadas para continuar seus estudos, tendo em vista que os projetos são ligados automaticamente a frequência, comportamento e notas dos alunos.

Cada escola possui metodologias de ensino diferentes, assim como levam em consideração suas bases psicopedagógicas de acordo com seus valores, a exemplo, a escola A utiliza a visão de Piaget, já a escola B a de Vygotsky, entretanto a escola C não centraliza sua visão apenas em um autor, mas coleta fragmentos de ideias para suas ações. A seguir vamos entender o papel do psicopedagogo em casos isolados, focando no *Bullying* e violência física.

PAPEL PSICOPEDAGÓGICO EM CASO ISOLADO: BULLYING E VIOLÊNCIA FÍSICA

Sabemos que o conceito de *Bullying* foi importado do inglês para nossa sociedade há pouco tempo e, apesar de existir um equivalente na nossa língua “bulimento”, já se tornou popular em nossas linguagens.

Diversos casos ocorrem em nosso município que envolvem o ato de violência verbal, do *Bullying*, alguns profissionais da educação em Breves-PA podem desprezar a complexidade do assunto, assim como famílias que tendem a associar tal ação com a birra, ou mesmo tratando o *Bullying* como “frescura” de crianças fragilizadas.

Entretanto, essas ações de ignorar a violência verbal é desconhecer o óbvio e fechar os olhos para muitas tragédias que acontecem nos educandários em decorrência do *Bullying* entre eles o prejuízo no rendimento escolar (notas e participação ativa), evasão escolar, violência, assédio moral e difamação. No Brasil, segundo uma pesquisa da ONU, publicado pela revista Edição do Brasil⁸, apresenta que 43% das crianças brasileiras sofrem *Bullying*, a partir da visão psicanalista, afirmam que as vítimas podem ter inúmeras consequências, em sua colocação “A agressão fere a autoestima, dificulta o aprendizado e a socialização, traz ansiedade, medo e, em alguns casos, a depressão.

Neste sentido, o acompanhamento do psicopedagogo no eixo psicológico é fundamental, pois o processo irá ressignificar a violência sofrida para conseguir amenizar os impactos existidos. Esse profissional também irá orientar os pais a lidarem com toda a situação, o que é essencial para que a criança se recupere dos traumas.

A Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABP)⁹ publicou, em 2014, especialistas em Psicopedagogia, que trouxeram o tema “O papel do psicopedagogo em relação ao *Bullying*”. A pesquisa de Silva e Costa (2014) apresenta o *Bullying* como um “vilão” que permeia a educação, as autoras propõem que desde professores até os responsáveis legais elaborem planos de ação em que valores políticos e éticos, sejam mais visíveis dentro da escola e nas famílias, valores muitas vezes esquecidos em tempos atuais, onde o individualismo e a exclusão social imperam. Assim o psicopedagogo capacitado atua no contexto da prática do *Bullying*, com os discentes, a família e a escola, sensibilizando-os sobre a importância de sua conduta, da ética, moral e da cidadania.

Nessa perspectiva, Silva e Costa (2014), permitem a visão de que o objetivo geral do trabalho psicopedagógico, é contribuir para a anticoncepção ou redução de dificuldades de aprendizagem, objetivando favorecer um ambiente educacional saudável sem bloqueio ou limitação da aprendizagem, por meio de métodos de intervenção psicológicos e pedagógicos, ações preventivas com os alunos, a equipe de profissionais da escola para atuação de qualidade e a família.

Alunos que sofrem *Bullying* por razão de não se encaixar nos grupos sociais que estão presentes em sua escola ou sociedade cidadã acaba por ser mais propício a se tornar uma criança com depressão e/ou ansiedade, em alguns casos torna-se agressivas, tais comportamentos refletem de forma negativa em seu desenvolvimento e afetam sua aprendizagem acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula precisam de intervenção dentro do aspecto psicopedagógico, a psicopedagogia nesse caso isolado de *Bullying* ocorrido em escola pode intervir nesse processo de forma que possibilite a ouvidoria do acontecimento, diferente da ação do coordenador pedagógico, o psicopedagogo irá traçar possibilidades e hipóteses dos problemas e assim desenvolva técnicas e práticas que possibilite o aluno de desabafar e (re)estruturar.

Quando falamos sobre violência na escola, é comum associar o papel de resolução do conflito e do problema ao coordenador pedagógico, por ser a representação da instituição de mediador, orientador e supervisor, tais profissionais pedagógicos acabam por fazer especialização na área para conseguir mediar os problemas que nela ocorrem

⁸ <https://edicaodobrasil.com.br/2022/03/11/43-das-criancas-brasileiras-sofrem-bullying-segundo-a-onu/>

⁹ A Revista *Psicopedagogia* (ISSN-e 2179-4057) é um periódico científico, revisado por pares e editado pela Associação Brasileira de Psicopedagogia

desenvolvendo suas habilidades de comunicação e atenção voltadas para o desenvolvimento de conversa e esculta, entretanto sabemos que a função acaba por ser de outro profissional, do psicopedagogo da escola. O fato de não existir nas escolas públicas de Breves-PA, psicopedagogo institucional para dar o apoio e construir um ambiente saudável psicológico e pedagógico para o desenvolvimento desses alunos faz com que exista maior sobrecarga nas atividades dos coordenadores pedagógicos.

Entre os problemas mais vistos em escolas, primeiramente a violência verbal que há relatos de coordenadores pedagógicos das escolas observadas onde afirmaram ocorrer diversas vezes entre professor e aluno casos de discussões seja por desrespeito ou por não obediência a regras da instituição de ensino, ocorrendo mais comumente em escolas que possuem o 5º ano com adolescentes entre 12 até 14 anos.

Segundo os casos de violência física (brigas) entre colegas de sala de aula ocorrem rotineiramente casos de “confusão”, existe diferença entre a atuação do coordenador e do psicopedagogo, e a falta do psicopedagogo para desenvolver o atendimento dentro da instituição acaba limitando a escola no processo de acolhimento e desenvolvimento de práticas que possibilite a tolerância e o respeito ao diferente no ambiente escola, pois o profissional deveria orientar e cuidar do bem estar mental dos alunos a partir de suas competências.

Apartir das ideias de Vygostky (1978), trazendo para a compreensão psicopedagógica, podemos realizar associação de seus princípios sobre o desenvolvimento da zona proximal, no qual consiste no campo Inter psicológico, constituído na e elas interações sociais existentes ao redor do indivíduo, em que os sujeitos se encontram e assim se envolvem em problemas ou situações que envolvem convergências de ideias e princípios, o que desenvolvem a violência em casos não controláveis, no caso da criança ela define suas funções que ainda não estão concretas, mas sim em processo de amadurecimento e podem absorver que, por exemplo, certas piadas podem serem feitas, que certas atitudes que vemos como negativas podem ocorrer.

O profissional da psicopedagogia então irá buscar entender e identificar a origem da causa da violência ocorrida e quais fatores estão envolvidos nesse contexto, promovendo debates e discussões, se necessário entender a partir de conceitos freudianos para a formação do cidadão, a partir da psicanálise, pois ela auxilia o psicopedagogo a dar significados mais aprofundados ao vínculo e à relação, nesse caso entre professor e aluno, ou com o indivíduo com quem ele atua. Outro aspecto importante que merece ser enfatizado dentro da psicopedagogia no eixo da psicanálise é na relação entre o professor e a criança, no caso a amnésia infantil.

Segundo Prizskulnik (2004), Freud se refere a amnésia infantil, interpretada e explicada pela ciência como uma imaturidade funcional¹⁰ da criança para registrar as suas impressões, apresentando uma explicação específica. Laplanche e Pontalis (1976, p. 52), diz que a amnésia normalmente cobre os fatos dos primeiros anos de vida que se inicia na sexualidade infantil e se estende até a totalidade dos acontecimentos da infância,

¹⁰ Refere-se a comportamentos de respostas aos estímulos que o ambiente proporciona e forma de percepção do indivíduo.

Essa amnésia infantil irá distanciar o adulto da própria infância e é inevitável, por essa razão o psicopedagogo irá ser um elo que trabalhe com ambas as partes para o desenvolvimento da relação entre professor e aluno, tendo em vistas que todos somos enigmas a serem compreendidos, ou seja, no contexto escolar a criança sempre interpretará os docentes (como o professor também interpretará seus discentes). Portanto, entender que os alunos são sempre um enigma para o nos é reconhecer que a relação entre docente e aluno não está “resguardada” de contradições de pensamentos, choques de realidades e conflitos que possam ocorrer pelas questões culturais e de cidadania.

A seguir vamos apresentar os resultados de nossa pesquisa, com base nas observações, entrevistas e aplicação de questionários semiestruturados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nossa pesquisa iniciou a investigação a partir dos conceitos históricos da cidadania e da democracia disponível em nossa sociedade atual, recorrendo a entrevistas e questionários semiestruturados para compreender quais são os fatores que estão levando alunos de instituições públicas do ensino fundamental de Breves-PA a desenvolverem o *Bullying*, exclusão social e a violência. Encontramos como resultado, a partir das observações do comportamento social das crianças e com base em relatos de coordenadores pedagógicos e principalmente dos agentes de apoio da escola (serventes/agentes de alimentação, vigia e agentes de limpeza) os seguintes fatores: Negligência, Soberba e etnia como causas que geram *Bullying*, violência ou outros fatores. Abaixo veremos uma tabela com uma representação dos discentes que observamos e a quantidade em que cada um se encaixa.

Tabela 2 - Resultados das observações técnicas

	Negligência	Soberba	Etnia
Meninos	16	15	20
Meninas	13	20	12
Total	29	35	22

Fonte: Soares, Lima e Mercês, 2023

A partir dessa análise, mostra a necessidade de intervenções psicopedagógicas com equipes multidisciplinares em Breves, pois a partir das escolas observadas esses são os casos visíveis, mas devemos entender que cada caso é único, pode existir similaridade, mas o que impera é a singularidade de cada uma criança, pois seus fatores sociais e emocionais são únicos e se encontram em desenvolvimento, por essa razão a tabela de resultados pode se agravar futuramente com números maiores em escala, dependendo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município. Para entendermos cada ponto afirmado na tabela, analisaremos assim:

I – Negligência: Nessa caso a criança acaba por desenvolver 2 tipos de atitudes, entre elas de ser agressiva ou de querer atenção na escola, tendo como figura paterna/materna a pessoa que ali lhe ensina, ou seja, o docente, isso ocorre pela ausência e o vazio criado por seus responsáveis legais. A falta da participação dessas entidades na construção social e cidadã da criança acaba por negligenciar os direitos dela. Sendo mais comum durante as observações nas escolas em meninos que buscavam esse conforto e

acolhimento com os pedagogos, por exemplo.

II – Soberba: Acreditar que por vim de família mais equiparada, com renda ou cargos maiores que de outros e sem o devido treinamento social dentro de casa a criança acaba por crescer com a ideia de superioridade, sendo mais comum durante as observações em meninas que julgavam a qualidade de seus materiais escolares, ou mesmo da roupa e acessórios uma das outras. Processo esse que nem sempre é trabalhado pela família e acaba virando padrão do capitalismo que influencia o social.

III – Etnia: As especificidades existentes entre as crianças de Breves, no contexto sociocultural, linguagem, religião e a maneira de agir, todos esses fatores quando trabalhado pelas famílias como princípio único de “ação certa” faz com que a criança entenda que, por exemplo, só existe um caminho correto e assim de alguns colegas que não seguem os mesmos princípios ou cor de pele, ideologias, estão errados e por isso gera problemas grave no contexto social.

A partir de nosso estudo nas escolas conseguimos obter essas respostas para o questionamento de nossa pesquisa, compreendemos que nossa base se envolveu a partir de três instituições públicas do ensino fundamental series iniciais, mas que se ampliássemos para mais escolas e nos aprofundássemos mais perceberíamos outros fatores negativos que implicam atualmente no processo de construção do eu das crianças.

Todavia entendemos que a psicopedagogia dentro da escola possui um papel muito importante e deveria no contexto marajoara, brevense, ajudar diversas instituições a melhorar a qualidade do processo de desenvolvimento da cognitivo e ensino-aprendizagem gerar maior cuidado com relação ao bem-estar de seus cidadãos que frequentam o colégio, para essas ações ainda existe maior necessidade de investimento do poder do Estado com políticas públicas que proporcione a inclusão desses profissionais de forma presente na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais nossa democracia juntamente com a cidadania é resultada de guerras e conquistas que iniciam nas lutas pelos seus direitos a partir de povos antigos no qual se sacrificaram para que seus descendentes conseguissem disfrutar de suas lutas. Nossa sociedade é divergente e variante por diversos motivos e diversidade, porém em relação aos direitos não deve existir convergência de valores, mas sim o bem comum no pensar da melhoria da sociedade como um tudo e no equilíbrio para a paz e boa convivência.

O reconhecer e o valorizar inicia na educação familiar e passa para a escola como complementação, as escolas lutam pelos direitos da criança e adolescente compreendidos pela ECA e que devem ser repassados para a nova geração. Com a educação transformamos a percepção didática da cidadania na tentativa de plantar a curiosidade nos alunos para quererem conhecer seus direitos e deveres éticos e morais.

A psicopedagogia precisa quebrar a barreira social existente dentro da instituição pública de ensino fundamental, barreira essa que influencia e se constrói por diversos fatores como, por exemplo, falta de compreensão das múltiplas culturas ou de gêneros,

na qual são áreas que as escolas não estão em sua maioria capacitadas para trabalhar em Breves-PA, assim como a educação sexual para evitar a violência, como o abuso sexual, nessa perspectiva o profissional necessita de quebrar esses tabus que atrapalham o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos no aspecto do conhecer e reconhecer.

Ademais, é de suma importância ressaltar que a luta pelos direitos possibilita que não somente a escola, mas também a sociedade possa criar caminhos novos e que levem a liberdade, emancipação e autonomia do ser social seguindo nossas regras éticas e morais que envolvem o bem-estar social.

Em nossa realidade Brevense a necessidade de construção de novos meios didáticos e lúdicos que envolvam a psicologia e educação para a abordagem do ser pensante na tentativa de desconstruir os tabus que geram o Bullying e os diversos tipos de violência, é de suma importância, mas para isso se faz necessário que o município encontre meios de contratar esses profissionais capacitados para desenvolver as ações que vão influenciar na qualidade de nossas crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1998.

_____. Ministério da Educação, Programa Ética e Cidadania, disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13607#:~:text=Toda%20crian%C3%A7a%20e%20todo%20jovem,e%20da%20pr%C3%B3pria%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana.

_____. Ministério da Educação e Cultura Lei nº 13.185 <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2013.185%2C%20em,e%20apelidos%20pejorativos%2C%20entre%20outros>.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil – Art. 5º, disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/constituicao-federal/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil>

CONSTITUIÇÃO da república federativa do Brasil de 1988, disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

FORACCHI, Marialice. Introdução. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). Mannheim: sociologia. São Paulo: Ática, 1982. p. 9 - 48.

GONÇALVES, Leonardo *et al.* Bullying está associado a sintomas de ansiedade em amostra de escolares de 10 a 17 anos. Salão de Iniciação Científica (20.: 2008 out. 20-24: Porto Alegre, RS). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DH Gbal 2014| PNUD Brasil, disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>

IDH e IDHM, disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/indice-de-desenvolvimento-humano-idh-e-idhm>

LAPLANCHE, J., & PONTALIS J. B. (1976). Vocabulário da Psicanálise. Lisboa: Moraes.

LEHER, R. Democracia e Construção do Público: no pensamento Educacional Brasileiro, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LIBÂNEO, J.C. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

MANNHEIM, Karl. Liberdade, poder e planificação democrática. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

MANZINI COVRE, Maria de Lourdes. O que é cidadania/ Maria de Lourdes Covre. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. O que é cidadania. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARSHALL, TH. Cidadania Classe social e Status. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1967.

PAULA, Marlúbia Corrêa de; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; NASCIMENTO, Maria Manuel Silva; VIALI, Lorí. Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 19, n. 56, p. 181-192. 2020

PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. Psic., São Paulo, v. 5, n. 1, p. 72-77, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jun. 2023.

SILVA, Adalgisa Conceição Ferreira da; COSTA, Alice Maria Figueira Reis da. O papel do psicopedagogo em relação ao Bullying. Revista Psicopedagogia, v. 31, n. 94, p. 56-62, 2014.

SOARES, Matheus; SENA, Clério Cezar Batista. A contribuição do psicopedagogo no contexto escolar. Associação Brasileira de Psicopedagogia, p. 1-9, 2012.

TEIXEIRA, Anísio. Educação é um direito. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

_____. Educação não é privilégio. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.

TÓTORA, S. A questão democrática em Florestan Fernandes. Lua Nova, São Paulo, n. 48, p. 109-126, Dec. 1999.

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In:

_____; LURIA, A. R.; LEONT'EV, Aleksei Nikolaevich. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 5. ed. p. 103-117. São Paulo (SP): Icone: EDUSP. 1994.

VYGOTSKY e a pedagogia. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo (SP) Martins Fontes 2007.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a oportunidade que as instituições de ensino pública do ensino fundamental nos proporcionaram durante nossos estágios de pesquisa e que possibilitou o desenvolvimento de nosso estudo. Assim como nossas famílias que colaboram com nossas ações com apoio emocional e financeiro e aos docentes que transformaram nossa percepção a respeito da cidadania no contexto da psicologia e educação.

A importância do estágio curricular em gestão e coordenação pedagógica: relato de experiência em estágio no ensino fundamental em Breves-PA

Jucelia Rodrigues da Silva

Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) – campus Breves, Marajó. Voluntária no Projeto de Extensão “Formação cidadã de crianças e adolescentes do 5º do ensino fundamental em uma perspectiva cultural, artística e lúdica” do coord. Dr.º Leonildo Guedes.

Luciano da Silva Leão Soares

Esp. Psicopedagogia e Educação Especial pela FIAMA, Esp. Psicologia Organizacional pela Focus, pós-graduando em Psicanálise na UniBF, Formando em Artes Visuais (R2) pela UniBF, graduado em Gestão de Recursos Humanos na UNICID, Formando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPA – campus Breves. Voluntário como psicopedagogo no PIBID da coord. Dr.ª Solange P. da Silva, Estagiário (secretaria) Defensoria Pública do Estado do Pará – Breves no âmbito da pedagogia jurídica.

RESUMO

Sabemos que a atuação no campo da gestão escolar é um processo que assim como na docência requer um estudo e formação contínua, para trabalhar com os recursos humanos e materiais, que também enfrenta diversas dificuldades socioeconômicas. Nossa pesquisa qualitativa tem como objetivo desenvolver uma discussão acerca da importância do estágio de gestão e coordenação pedagógica em escola pública, tendo como lócus 2 instituições do ensino fundamental series iniciais, localizadas no núcleo urbano e rural do município de Breves, Marajó, Pará. A análise ocorreu por meio do Estágio de Gestão e Coordenação Pedagógica realizado pelo curso de Licenciatura Plena de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) campus Breves. Em nosso processo de obtenção dos dados utilizamos a observação participante, entrevistas semiestruturadas e tabela de análise organizacional. Como um dos resultados identificamos que a habilidade prática desenvolvida por meio do estágio é primordial para a formação do discente do curso de pedagogia, pois permite entender aspectos da gestão escolar e coordenação pedagógica que são convergentes as teorias que estudamos em sala de aula, devido a existência de realidades sociais diferentes que envolvem as múltiplas culturas e os fatores psicológicos existentes no ambiente institucional.

Palavras-chave: gestão. educação. coordenação pedagógica.



ABSTRACT

We know that working in the field of school management is a process that, just like in teaching, requires study and continuous training, to work with human and material resources, which also faces various socioeconomic difficulties. Our qualitative research aims to develop a discussion about the importance of the management internship and pedagogical coordination in a public school, having as locus 2 elementary education institutions, initial series, located in the urban and rural centers of the municipality of Breves, Marajó, Pará. The analysis was carried out through the Management and Pedagogical Coordination Internship carried out by the Full Degree in Pedagogy course at the Federal University of Pará (UFPA) Breves campus. In our data collection process, we used participant observation, semi-structured interviews, and an organizational analysis table. As one of the results, we identified that the practical skill developed through the internship is essential for the formation of the student of the pedagogy course, as it allows understanding aspects of school management and pedagogical coordination that are convergent with the theories we study in the classroom, due to the existence of different social realities involving multiple cultures and psychological factors existing in the institutional environment.

Keywords: management. education. pedagogical coordination.

INTRODUÇÃO

A Faculdade de Educação voltado para o curso de Pedagogia em Licenciatura plena da UFPA – campus Breves, Marajó, Pará, está segundo o regulamento dos estágios curriculares supervisionados do curso de Pedagogia (2013) amparado pela Lei nº 11.788/2008¹ diz que: “Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior (...)”.

Devemos entender que a atuação no campo da gestão escolar e coordenação pedagógica é um processo multidisciplinar que assim como na docência requer um estudo de técnicas (teóricas e metodologias) e ainda de formação continuada² para ampliar a qualidade do profissional e de suas competências para trabalhar com os recursos humanos e materiais existentes dentro de uma instituição pública de ensino.

Entre as diversas dificuldades encontradas por meio da observação e bem como das entrevistas, destaca-se como o diferencial os fatores socioeconômicos que diferem seus conceitos dentro das funções pedagógicas trabalhadas com a comunidade escolar (responsáveis, alunos, professores, diretores, coordenadores e demais funcionários) em seu meio social e a formação cidadã.

O presente artigo em formato de relato de experiência ocorreu por meio do estágio de gestão e coordenação pedagógica pela Universidade federal do Pará (UFPA) – campus Breves, Marajó, Pará. Possuindo como problema de pesquisa: “Quais os desafios atuais pós o contexto pandêmico da gestão e coordenação pedagógica observados durante o estágio acadêmico ocorrido em duas escolas públicas do município de Breves-PA dos anos iniciais do ensino fundamental e quais aprendizagem é possível adquirir por meio do estágio curricular realizado? ”

¹ Art. 1º - Lei federal nº 11.788 aprovada em 25/09/2008, pela resolução nº 4.399 de 14 de maio de 2013 na qual a prova o regulamento de Ensino de Graduação, complementado pela resolução nº 4.262, de março de 2012, ambas do CONSEPE da UFPA.

² O que é formação continuada segundo quem?

Ademais, o objetivo de nossa pesquisa qualitativa é mostrar a importância do estágio em gestão e coordenação pedagógica em ambiente escolar público, por meio da realização da observação participativa, desse modo nosso artigo possui como tema “O processo de Gestão e coordenação pedagógica na educação pública de Breves-PA”.

Após a realização do Estágio em Gestão Escolar e Coordenação pedagógica em 2 (duas) escolas públicas de Breves-PA, sendo elas na zona rural/urbana e que atendem alunos em contextos socioeconômicos e culturais diferentes, ou seja, em casos específicos crianças em situação de vulnerabilidade social³. Desse modo percebemos a relevância de compreender a dinâmica desenvolvida pela gestão escolar e pela coordenação pedagógica em suas múltiplas funções nas referidas instituições de ensino públicas a partir do estágio curricular em gestão e coordenação pedagógica, pois com base na autora Pimenta:

“É importante desenvolver nos alunos, futuros professores, habilidades para o conhecimento e análise das escolas, espaço institucional, onde ocorre o ensino e a aprendizagem. Envolve, também, o conhecimento, a utilização e avaliação de técnicas, métodos e estratégias de ensinar em situações diversas. Envolve habilidade de leitura e reconhecimento das teorias presentes nas práticas pedagógicas das instituições. O estágio, assim realizado, permite que se traga contribuição de pesquisas e o desenvolvimento das habilidades de pesquisar” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 20)

Entretanto tendo em vista que a resolução 02/2019 aprovada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que entrou em vigor e autoriza a divisão do curso de licenciatura plena em pedagogia em: licenciatura (atuação exclusiva), por exemplo, Plano nacional de professores (PARFOR) de 2023 onde irão se formar pedagogos única e exclusivamente para a educação infantil no âmbito da docência no município de Breves-PA, o bacharelado (Gestão em ambientes não escolares), por exemplo, atuações em defensorias Públicas no âmbito jurídico, Fórum e Centro de Referência de Assistência social (CRAS) e tecnólogo (secretaria-escolar) que irá formar profissionais voltados para atuação em secretarias com competências pedagógicas.

Com base nesse ato abrupto de rompimento da pedagogia, surge a necessidade de mostrar por meio de relatos de experiência a importância da disciplina curricular de estágio de gestão escolar e coordenação pedagógica nas futuras formações de pedagogos que venham a ser produzidas pelas instituições de ensino superior no Brasil. Desse modo, surge nossos objetivos específicos sendo o primeiro de “Compreender a diferença entre gestão escolar e coordenação pedagógica em um ambiente de ensino fundamental series iniciais. O segundo de “Expor o processo de ensino-aprendizagem no estágio em gestão e coordenação pedagógica”. Por fim, “discutir a importância da psicologia organizacional como influenciadora no processo da gestão escolar”.

Nosso trabalho está dividido em sete partes, sendo a primeira essa introdução desenvolvida para compreensão do que será abordado e o que o leitor irá encontrar em nosso trabalho. Na Segunda, onde será realizada a contextualização histórica acerca de nosso estudo. Na Terceira, apresentaremos os procedimentos metodológicos realizados durante nossa pesquisa no estágio. No Quarto, abordaremos sobre as atribuições da coordenação pedagógica e seu papel desenvolvido a partir de nossa perspectiva. Em seguida, no quinto,

³ Segundo Oxfarm.Org, pessoas em Situação de Vulnerabilidade Social são os indivíduos que fazem parte das estatísticas de desemprego ou subemprego, em meio a desorganização familiar e que carecem de assistência social. A vulnerabilidade está marcada pelas condições precárias de trabalho aliada à fragilidade de um vínculo social, inevitavelmente acaba excluindo as pessoas da sociedade

o papel da gestão pedagógica a partir de nossa análise. Em sexto, discutiremos sobre a importância do estágio curricular de gestão e coordenação pedagógicas no curso de pedagogia. Por fim, realizaremos a conclusão de nosso artigo.

A seguir vamos abordar sobre o referencial teórico utilizado e como ele implica em nosso processo de pesquisa, por meio da contextualização será possível entender nossa base de investigação.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Para a realização de nossa pesquisa, utilizamos os seguintes autores Gandin (1991), Minayo (1994), Libâneo (2008), Bautzer (2019), Vasconcellos (2006), Barbosa (2020, p. 79-87) entre outros que ofereceram subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento de nossas ações e observações.

Para a compreensão inicial, devemos entender o conceito de pesquisa qualitativa, segundo a autora Minayo (1994) a pesquisa qualitativa é relacionada a investigação com indivíduos, ao qual, não pode ser quantificado com exatidão, uma vez que, envolve culturas, opiniões, ideais e princípios únicos e peculiares. A pesquisa qualitativa então, responde a questões individuais, adentrando em realidades diferentes que não pode ser quantificadas e ainda trabalha com um universo de múltiplos significados, ou seja, valores, crenças, culturas e atitudes.

Ademais, a partir das necessidades de aporte teórico para a compreensão do processo de gestão escolar e coordenação pedagógica nas escolas públicas, é imprescindível o estudo sobre o estado da arte, para ampliar nosso conhecimento acerca da temática em estudo para a construção desse trabalho, uma vez que ele se configura como qualitativo, ou seja, que nos permite entender quais elementos a compõem e quais atividades realizaríamos.

Nessa perspectiva, segundo Libâneo (2008) em sua pesquisa sobre a organização e gestão escolar no aspecto da teoria e prática pedagógica, ele explana uma análise crítica das realidades sociais dentro de uma instituição de ensino, pois discorrer sobre as finalidades sociopolíticas da educação acreditando que não se resume apenas a questões administrativas e burocráticas. No entanto a partir da observação realizada no estágio de gestão escolar e coordenação pedagógica pós a pandemia causada pela COVID-19⁴, depreende-se que tanto coordenação pedagógica quanto a gestão escolar encontram-se atualmente em uma realidade com uma demanda excessiva de trabalhos desenvolvidos nos aspectos administrativos e burocráticos.

Quando falamos sobre burocracia e administração devemos lembrar que existe planos pedagógicos para nortear as ações pedagógicas que devem ser realizadas no ambiente escolar, Vasconcellos (2006) “Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula”, o autor propõe uma percepção de análise sobre a aplicação e a importância do Projeto Político Pedagógico (PPP) no decorrer da trajetória dentro do ambiente escolar, tendo em vista que o PPP é uma trilha que devemos

4 Segundo o Ministério da Saúde, A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global que ocorreu durante o período de 2019 na China e se espalhou pelo mundo até atualmente.

seguir para não nos perder de nossa meta, se desorganizar frente aos trabalhos pedagógicos e ficar sem objetivos a cumprir dentro da gestão da escola.

Em relação as metas que devem ser alcançadas no ressoito escolar, devemos lembrar que Gandin (1991) com o texto “A prática do planejamento participativo”, mostra que devemos ter clareza em nossas decisões, pois o planejamento participativo nos permiti reunir diversas ideias, dividir/socializar várias opiniões, não deixando que situações problemáticas pessoais como “estéticas” e *bullying* perdurem e possam interferir no ambiente de trabalho pedagógico e conseqüentemente desencadeando prejuízos na qualidade do trabalho desenvolvida em uma instituição educacional.

No ambiente de trabalho de instituições de ensino público, há vários fatores que interferem no clima organizacional. Tendo em vista que os indivíduos que compõem a escola são seres completos com culturas, vocabulários e experiências de vida que muitas vezes divergem entre si, ou seja, a escola abarca uma sociedade de múltiplas culturas. Deste modo, o ambiente escolar possui grupos socioculturais, que expõem suas problemáticas provenientes das diferenças individuais. A gestão escolar é fundamental para nortear a conscientização e respeito frente a essas diferenças que cada pessoa traz consigo para a escola. A escola sendo a principal responsável pela formação cidadã, deve além de gerar conhecimento, transmitir valores aos alunos, usar ações pedagógicas e proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade. Logo, segundo a pesquisa de Paro escola deve ser:

[...] entendida como agência educativa, em seu sentido mais radical, tomada a educação como apropriação cultural, e entendida esta como o conjunto de conhecimentos, valores, crenças, arte, filosofia, ciência, tudo, enfim, que é produzido pelo homem em sua transcendência da natureza e que constitui como ser histórico. (PARO, 2007, p. 33).

Assim, de acordo com a autora Barbosa (2020, p. 79 - 87) com o livro *Psicologia Geral e do Desenvolvimento*, focando no tópico de desenvolvimento do adulto à velhice por se tratar de um aspecto fundamental, permite a compreensão do processo de desenvolvimento dos trabalhadores dentro de uma instituição escolar, considerando situações e conflitos que podem aparecer dentro da instituição de ensino, todavia o gestor e coordenador pedagógico lida em diversos momentos com conflitos, desafios e estratégias, precisando sempre está apto para resolver as problemáticas que surgem cotidianamente.

O processo de compreensão entre as pessoas e seus conflitos torna-se relevante destacar a perspectiva de Bautzer (2019, p. 81 - 94) com o livro “*Psicologia das Organizações Desafios da gestão contemporânea*”, pois o autor trata sobre o esta temática, destacando os seguintes aspectos das pessoas: as origens, os elementos pessoais que as compõe, pois eles formam o ser humano, bem como o conceito e o papel que devemos desenvolver, assim como a gestão das pessoas e os conflitos de ideias que existem em uma instituição educacional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos como lócus 2 instituições do ensino fundamental localizadas no núcleo urbano e rural do município de Breves, Marajó, Pará, aonde por razões étnicas vamos nesse trabalho denominar de escola M e S.

Nossa pesquisa teve como problema de investigação o seguinte problema “Quais os desafios da gestão e coordenação pedagógica observados durante o estágio acadêmico ocorrido em duas escolas municipais dos anos iniciais do ensino fundamental? ”.

Para realizar a investigação qualitativa com estudo bibliográfico, obtivemos como base os seguintes referenciais teóricos: Gandin (1991) Minayo (1994) Libâneo (2008), Bautzer (2019), Vasconcellos (2006), Barbosa (2020, p. 79 - 87), entre outros que forneceram subsídios teóricos e práticos para nossa pesquisa, entretanto abordaremos os principais utilizados:

Minayo como citado anteriormente serviu como base na pesquisa qualitativa. Contudo Libâneo (2008) em sua pesquisa sobre a organização e gestão escolar: teoria e prática, explana uma análise crítica das realidades sociais dentro do ambiente escolar, pois discorrer sobre as finalidades sociopolíticas da educação acreditando que não se resume apenas a questões administrativas e burocráticas.

Vasconcellos (2006) “Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula”, mostra uma percepção de análise sobre a aplicação e a importância do Projeto Político Pedagógico (PPP) no decorrer da trajetória dentro do ambiente escolar, tendo em vista que o PPP é uma trilha que devemos seguir para não nos perder de nossa meta, é um dos fatores que devemos observar na pesquisa.

Conquistar e/ou cumprir metas no ressoito escolar, Gandin (1991) com o texto “A prática do planejamento participativo”, mostra que devemos ter clareza em nossas decisões, pois o planejamento participativo nos permiti reunir diversas ideias, dividir/socializar várias opiniões, não deixando que situações problemáticas pessoais como “estéticas” e “piadas” perdurem e possam interferir no ambiente de trabalho pedagógico e conseqüentemente desencadeando prejuízos na qualidade do trabalho desenvolvida em uma instituição educacional.

No ambiente de trabalho de instituições de ensino público, há vários fatores que interferem no clima organizacional. Tendo em vista que os indivíduos que compõem a escola são seres completos com culturas, vocabulários e experiências de vida múltiplas. Barbosa (2020, p. 79 - 87) com o livro Psicologia Geral e do Desenvolvimento, focando no tópico de desenvolvimento do adulto à velhice por se tratar de um aspecto fundamental, permite a nossa compreensão do processo de desenvolvimento dos trabalhadores dentro de uma instituição escolar, considerando situações e conflitos que podem aparecer dentro da escola, todavia o gestor pedagógico lida em diversos momentos com conflitos, desafios e estratégias, precisando sempre está apto para resolver as problemáticas que surgem cotidianamente.

Sobre o processo de compreensão entre as pessoas e seus conflitos, Bautzer (2019, p. 81 - 94) com o livro “Psicologia das Organizações Desafios da gestão contemporânea”, o autor trata sobre a esta temática que visávamos entender, destacando os seguintes aspectos das pessoas: as origens, os elementos pessoais que as compõe, pois eles formam o ser humano.

Como forma de avaliação e comparação da qualidade das instituições no âmbito da gestão na educação desenvolvemos uma tabela para entender os aspectos de organização,

atendimento, abaixo as tabelas de dados das escolas que foi conseguimos desenvolver, onde o nível de qualidade colocada possui uma explicação do motivo, todavia a escola S se encontra em zona urbana e a escola M em zona rural.

Tabela 1 - Mapeamentos Institucionais e Organizacionais.

Mapeamento da Escola S			
Aspecto	Qualidade Geral da Instituição no âmbito da gestão		
	Bom	Excelente	Regular
Atendimento ao público		Desenvolvido de forma responsável e eficiente em resiliência.	
Organização de dados	Necessidade de atualizar o Projeto Político Pedagógico no âmbito da estrutura organizacional.		
Gestão dos funcionários		Conseguiram desenvolver com aspectos de liderança, compromisso e responsabilidade ética.	
Clima organizacional da instituição	Necessidade de comunicação ampliada entre os funcionários.		
Resiliência em resolver problemas		Equipamentos de comunicação para contato interno na resolução dos problemas escolares.	
Formações continuadas			Ausência de Formação continuada
Estrutura e organização do espaço			
Mapeamento da Escola M			
Aspecto	Qualidade		
	Bom	Excelente	Regular
Atendimento ao público		Compreensão, ética e solidariedade com os pais/responsáveis.	
Organização de dados		Usam divisão física em sala de arquivo e a tecnologia	
Gestão dos funcionários	Possuem dificuldade em serem compreendidos		
Clima organizacional da instituição	Mantem o equilíbrio e a marketing social		
Resiliência em resolver problemas		Agilidade em resolver os problemas.	
Formações continuadas			Ausência de formação continuada na escola
Respeito e Clima Organizacional			Divergência entre ideias e valores
Estrutura e organização do espaço	Pequeno, precisando de ampliação e novas salas		

Fonte: Soares e Silva (2023).

A tabela possui como objetivo identificar os problemas existentes dentro das duas instituições e realizar uma comparação para compreender se são próximos ou divergentes. Todavia os Aspectos ainda foram em discutidos e organizados com a coordenação tanto da instituição de ensino fundamental, como os demais servidores.

Com base na tabela que desenvolvemos com as informações obtidas por meio de entrevistas, observações e mapeamento institucional, compreendemos que existe diversos fatores que podem implicar no desenvolvimento das atividades da gestão e coordenação pedagógicas, entretanto não serão os mesmo em cada escola, pois cada instituição possui recursos próprios e profissionais em alguns casos mais competentes do que outros, ou mesmo espaço e material em maior quantidade, até mesmo o público de usuários da escola influência no processo de atendimento e de gestão.

No próximo tópico vamos discutir acerca da gestão e a coordenação pedagógica pós a covid-19, onde vamos abordar os resultados de nossa pesquisa, apresentando alguns problemas que verificamos e quais os impactos no processo de desenvolvimento do trabalho dos gestores o que entendemos sobre as atuações pós os impactos da Covid-19 no ambiente educacional.

ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

O trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico envolve diversas atividades fundamentais para o funcionamento da instituição escolar. Nesse sentido, é fundamental a compreensão de suas atribuições realizadas, pois antes eram vistos como fiscais para observar e manter controle do trabalho dos professores, uma relação de dominância e falta de humanização entre eles, o que desenvolvia falta de empatia entre os profissionais e gerava desconforto. Contudo ao longo do tempo, a função da coordenação pedagógica passou então a se relaciona mais frequentemente com o auxílio aos professores nas práticas escolares, bem como intermediar a relação entre a escola e a família. De acordo com Franco (2008, p. 128):

Essa tarefa de coordenar o pedagógico não é uma tarefa fácil. É muito complexa porque envolve clareza de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Como toda ação pedagógica, esta é uma ação política, ética e comprometida, que somente pode frutificar em um ambiente coletivamente engajado com os pressupostos pedagógicos assumidos.

Assim complementasse o conhecimento de que as atribuições da coordenação pedagógica envolvem uma rotina que consiste em manter a comunicação entre a família, alunos, professores e a gestão escolar, visando manter uma conexão dinâmica entre todos que fazem parte da comunidade escolar. Entretanto, a principal função do coordenador pedagógico é acompanhar o processo de ensino-aprendizagem na instituição de ensino, pois o apoio junto ao corpo docente influência diretamente no avanço pedagógico do trabalho realizado em sala de aula. Dessa forma, observa-se que esse profissional além de auxiliar os professores, é responsável por diversas funções no recinto escolar.

Dada a importância do coordenador pedagógico no ambiente educacional, é pertinente entender a realidade do trabalho que esse profissional desenvolve. Logo, o Estágio curricular em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica nos proporcionou

uma experiência fundamental para observar e compreender na prática as atividades desempenhadas por esses profissionais, bem como os desafios enfrentados por eles em duas escolas, sendo elas na zona rural/urbana.

A partir da observação e a análise realizadas, compreendemos muitos aspectos do trabalho desenvolvido no cotidiano escolar do coordenador pedagógico, dentre os quais destaca-se o suporte aos professores para elaborar o planejamento pedagógico (plano de aula, gestão de eventos e resolução de conflitos), bem como todas as atividades desenvolvidas na escola, como amparo psicossocial por meio do atendimento ao aluno e intermediar a relação da escola com a comunidade.

Destarte, constatamos que esses profissionais pedagógicos desempenham muitas atividades dentro de uma instituição colegial pública do ensino fundamental, sendo então essenciais para o funcionamento dela e o sucesso do educando no processo de ensino-aprendizagem, assim como auxiliar na resolução de problemas que acometem o cotidiano escolar, como conflitos entre ideias, casos isolados de doenças/acidentes entre outros que possam ser resolvidos pela coordenação.

ATRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR

É imprescindível o trabalho desenvolvido pela gestão escolar no processo de ensino e aprendizagem do educando, pois o gestor como parte deste processo, possui grande responsabilidade na constituição da estrutura física e pedagógica do espaço educacional.

O modelo de organização escolar mais comum nas escolas brasileiras, é a concepção técnico-científica, baseada na hierarquização de cargos e funções, nas regras e procedimentos, valoriza o poder e a autoridade do diretor na organização da gestão escolar. Esse modelo de estrutura, onde a centralização das decisões possui baixo grau de participação das pessoas, ocorre de cima para baixo, ou seja, uma gestão vertical. Sobre organização escolar:

A organização escolar é tomada como uma realidade objetiva, neutra, técnica, que funciona racionalmente, por isso, pode ser planejada, organizada e controlada, a fim de alcançar maiores índices de eficácia e eficiência. (LIBÂNEO, OLIVEIRA E TOSCHI, 2009, p. 323).

Dessa forma depreende-se que é imprescindível o modo como o colégio se organiza, pois, o trabalho da gestão escolar nesse processo é determinante para um ensino eficaz e eficiente dentro do recinto escolar.

Diante desse contexto, a gestão escolar é essencial para melhorar a comunicação entre todos, dinamizar a interação com os alunos e otimizar os processos administrativos. A gestão democrática viabiliza o pensamento coletivo, desse modo o conselho escolar e o Projeto Político Pedagógico permitem a participação social. Ressaltando que a Educação é fundamental para o nosso desenvolvimento social, econômico e cultural.

Por meio da realização do Estágio Curricular em Gestão na Escola e Coordenação Pedagógica, observou-se que as escolas onde se realizou o estágio, há muitos desafios que a gestão escolar enfrenta, tendo em vista que uma de suas atribuições está diretamente

relacionada com o funcionamento das atividades da instituição de ensino. Entendemos que assim como a coordenação pedagógica, a gestão desenvolve muitas tarefas visando um ensino de qualidade da instituição, trabalhando então cotidianamente na resolução de diversos problemas que surgem nas escolas.

Considerando que o âmbito educacional sofre mudanças em vários aspectos, a gestão de cada escola desenvolve dentro de suas diferenças organizacionais, um trabalho com compromisso, respeito e dedicação. Deste modo, cabe os profissionais da gestão escolar ter conhecimento de resolução de conflitos, administração de materiais e de gestão de recursos humanos, assim como tudo que envolve a escola como uma entidade institucional formadora de cidadãos, a fim de desenvolver dentro dos propósitos educacionais uma gestão democrática e eficaz, tendo em vista a responsabilidade com o planejamento e organização dos processos realizados nas escolas.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO EM GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

O Conselho Nacional de Educação aprovou a resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019, na qual define as diretrizes curriculares nacionais para a formação Inicial de docentes para a educação básica e institui a Base Nacional Comum Curricular para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). A 02/2019 aprovado pelo MEC acaba por descaracterizar o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, tendo em vista que diversos componentes antes obrigatórios, se classificam como optativos, entre eles o estágio curricular em gestão e coordenação pedagógica.

Nessa perspectiva, ao longo de nossas atividades percebemos as várias funções desenvolvidas pela coordenação pedagógica e pela gestão escolar na instituição de ensino pública de Breves-PA, em que, envolve atribuições e competências teóricas e práticas para realizações de suas ações. O principal objetivo do estágio é propagar reflexões e observações participativas dentro da escola pelos pedagogos em formação.

O estágio curricular, então, é primeiramente um momento primordial que oportuniza relacionar teoria e prática compreendida durante a formação na universidade para a realização do trabalho com a gestão escolar e coordenação pedagógica. Em segundo, permite compreender a realidade das atribuições desses profissionais para a qualidade da educação (construção do PPP, orientações pedagógicas, resolução de conflitos entre outros) e acolhimento psicossocial dentro da escola.

Assim sendo, “O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p.17), pois a experiência vivenciada também possibilita a reflexão das ações pedagógicas que as escolas desenvolvem, além de ser o tempo em que o graduando estagiário prepara-se para o exercício da profissão.

Deste modo, é essencial a efetivação do Estágio Curricular em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica no currículo dos cursos de pedagogia, para depreender

acerca da realidade do trabalho desenvolvido por esses profissionais na área da gestão, administração e gestão de recursos humanos dentro de seus municípios no qual aborda diferentes realidades e situações no qual não podem ser ocultadas da visão dos discentes de pedagogia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um local fundamental para o nosso desenvolvimento, principalmente no eixo social, segundo Vygotsky (2007), trazendo para a compreensão pedagógicas, a formação da criança ocorrerá por uma relação direta entre o sujeito e o ambiente ao seu redor, ou seja, a criança modifica o ambiente, da mesma forma como o ambiente modifica a criança, tendo em vista que o ambiente social irá determinar seu desenvolvimento, sendo assim a instituição de ensino abastada em diversidade e cidadania deverá ser propícia a esse desenvolvimento.

Assim o ambiente escolar público reuni uma diversidade sociocultural a partir da sua localização dentro de um município, no caso de Breves/PA conseguem atender, algumas instituições, alunos ribeirinhos, toda essa diversidade deve ser compreendida e respeitada em seu amplo contexto de direito e cidadania, a exemplo de direitos que o coordenador pedagógico sempre deve estar atento é a questão de diversidade sexual amparado pela Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG), no Art. 7º da Lei de introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei 4.656/1942) e em relação a diversidade cultural dos alunos, amparado pela Lei 9.394, de 20 de dezembro e 1996.

O conhecimento do Coordenador e gestor pedagógico deve ir além dos muros da escola, pois precisam garantir os direitos das crianças e adolescentes que lá estão presentes. Neste sentido tanto a gestão escolar como a coordenação pedagógica desempenham funções importantes para o funcionamento da escola.

A realização do Estágio Curricular em Gestão e Coordenação Pedagógica é então um momento necessário para que os discentes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia possam compreender por meio desta experiência a realidade prática do trabalho que é desenvolvido pelos gestores e coordenadores. De acordo com Pimenta e Lima (2004):

[...] a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. (PIMENTA E LIMA 2004, p. 45).

Nesse sentido, o estágio é fundamental para os discentes desenvolverem novas competências, em foco na percepção e compreensão das funções e atividades desenvolvidas na instituição de ensino pelos profissionais da gestão escolar e da coordenação pedagógica.

Considerando as características distintas de cada instituição pública escolar em que o estágio ocorreu, analisamos e compreendemos que embora o coordenador pedagógico desempenhe uma ampla gama de funções entre elas o planejamento de reuniões pedagógicas, o apoio junto ao corpo docente nas atividades desenvolvidas na sala de aula, o acompanhar o desempenho escolar dos estudantes. Este profissional auxilia

a gestão escolar na parte administrativa no que concerne a realização do currículo e o plano pedagógico. A direção da escola exerce as funções relacionadas as questões de recursos financeiros, humanos, materiais, assim como na resolução de todos os problemas que surgem cotidianamente dentro ambiente escolar.

Assim sendo, concluímos que é notório a relevância dos profissionais que fazem parte da coordenação pedagógica e da gestão escolar das instituições de ensino na qual o estágio foi realizado, pois o trabalho que realizam é fundamental para o funcionamento da escola, compreender tais práticas e teorias que envolvem suas funções além de enriquecer o conhecimento dos discentes do curso de pedagogia, desenvolve competências que serão necessárias para a vida profissional e por essa razão a necessidade de manter o estágio curricular nos cursos de pedagogia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Priscila Mossato Rodrigues (Orgs.). Psicologia Geral e do Desenvolvimento. IESD BRASIL. ed.1 Curitiba [PR]: IESDE. 2020.

BAUTZER, Deise. Psicologia das Organizações: desafios de gestão contemporânea. 1. Ed. – Curitiba [PR]. IESDE. Brasil. S/A. 2019

COSTA, Ana Carolina Dias da. LOPES, Paulo Aldemir Delfino Lopes. Reflexões acerca do estágio supervisionado em língua inglesa: desafios da atualidade. rev. Acervo Educacional. v. 5.2023. ISSN 2596-0208. DOI: <https://doi.org/10.25248/rae.e12155.2023>

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: umas práxis em busca de sua identidade. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/> > Acesso em: 26 de jun. 2023

GANDIN, Danilo. Planejamento como prática participativa. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Lei nº 9.394/96, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

Art. 7º do Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero, disponível em: [https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7302364&disposition=inline#:~:text=ESTATUTO%20DA%20DIVERSIDADE%20SEXUAL%20E%20DE%20G%C3%80NERO,-ANTEPROJETO%20DE%20LEI&text=Institui%20o%20Estatuto%20da%20Diversidade,4.656%2F1942\)%3B%20os%20arts.](https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7302364&disposition=inline#:~:text=ESTATUTO%20DA%20DIVERSIDADE%20SEXUAL%20E%20DE%20G%C3%80NERO,-ANTEPROJETO%20DE%20LEI&text=Institui%20o%20Estatuto%20da%20Diversidade,4.656%2F1942)%3B%20os%20arts.)

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5 eds. Revista e ampliada – Goiânia: MF Livros, 2008.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-2

OLIVEIRA, Kelly Souza. CARDOSO, Pedro Herleyson Gonçalves. CAVALCANTE, Elizabeth de Araújo. Relato de experiência do desempenho da gestão escolar de uma escola municipal do município de CARIÚS/CE. CONEDU.

PARO, VH. Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino. São Paulo: ÁTICA, 2009 (série: Educação em ação).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poíesis, (s. n), v. 3, n. 3, p.5-24, 2005/2006.

Resolução CNE/CP 02/2019, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=77781%E2%80%9D>

Resolução CNE/CP 2/2019. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, pp. 46-49

VASCONCELOS, Celso dos S. Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 7ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007

Vulnerabilidade Social no Brasil: “como anda o amparo a população? ”, OXFAM Brasil. 2021, disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/vulnerabilidade-social-no-brasil-como-anda-o-amparo-a-populacao/#:~:text=S%C3%A3o%20os%20indiv%C3%ADduos%20que%20fazem,excluindo%20as%20pessoas%20da%20sociedade>.

AGRADECIMENTO

A nossas famílias que contribuem com apoio emocional e financeiro para o desenvolvimento de nossas pesquisas e confiam em nossa qualidade de ensino para a prática da pesquisa que visamos em desenvolver. Além de agradecer aos docentes que contribuíram para com nossos estudos e permitiram desenvolver o artigo de forma mais comprometida com a realidade vivenciada em Breves-PA.

O desafio de compreender a aprendizagem e seus múltiplos caminhos

Maria Jacsonilma Lima Moura

RESUMO

No sentido de compreender como se dá o processo de aprendizagem e quais caminhos esta percorre para a sua realização, enfocamos neste artigo alguns saberes de escritores e estudiosos que há tempos fazem pesquisas para compreender de fato toda a transição que leva a criança a chegar ao conhecimento, seja ele trabalhado sistematicamente dentro das salas de aulas, seja fora delas. O presente trabalho tem como foco a compreensão de que a escola como um todo é uma instituição que tem inúmeras funções e entre elas estar a de propor condições de aprendizagem, a transmissão de conteúdo além de educar a criança para estar sempre absorvendo o conhecimento. Com isso enfocamos qual a função social que a escola tem. Citamos ainda neste trabalho algumas das muitas teorias sobre a aprendizagem, contudo sabemos que educar é ainda a contribuição essencial para que professores e alunos estejam sempre transformando suas vidas em processos de aprendizagem constantes e também permanentes, o papel do professor como essencial dentro da escola e também fora dela e a importância da didática para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da aprendizagem, pois é certo que esta tem uma conotação bastante significativa para aquele profissional que se apoia e pratica nos seus trabalhos, indo em busca de resultados positivos para com seus alunos.

Palavras-chave: aprendizagem. didática. aperfeiçoamento. escola.

ABSTRACT

In order to understand how is the process of learning and which way this goes through to its completion, we focus on in this article some knowledge of writers and scholars who have long do research to understand indeed the entire transition that leads the child to come to the knowledge, be it systematically worked within the classrooms, either out of them. This paper focuses on the understanding that the school as a whole is an institution that has numerous functions and among them being the proposed conditions of learning, content delivery as well as educating the child forever be absorbing knowledge. Thus we focus on what the social function that the school has. Also quoted in this paper some of the many theories about learning, but we know that education is still the essential contribution that teachers and students are always turning their lives in constant and also permanent learning process, the teacher's role as essential within the school and also outside it and the importance of teaching for the development and impro-



vement of learning, it is certain that this is a very significant connotation for that professional who supports and practices in their work, going in search of positive results to their students.

Keywords: learning. teaching. improvement. school.

INTRODUÇÃO

Para que possamos entender como acontece a aprendizagem no espaço escolar se faz importante e também essencial que todo professor possa adequar sua prática a tarefa de ensinar, mesmo essa sendo uma prática desafiadora. A aprendizagem é vista como um processo que vai se destacando ao longo da vida e o aprender com compreensão é um processo pessoal, que acontece dentro da cabeça de cada um de nós. Esse processo exige que o indivíduo pense por si próprio, claro que na maioria das vezes precisa-se de um incentivo, uma motivação e que esta motivação seja boa, pois o processo ensino-aprendizagem muitas vezes não é direto, nem sempre é preciso que se busque o conhecimento para que ele aconteça, e ainda assim ele acontece, muitas vezes por acaso, até em momentos que não são muito apropriados digamos assim, mas que deles tiramos aprendizagem e podemos ver que nem tudo que se ensina se aprende, e às vezes aprendem-se coisas que não se pretendem ensinar.

O contexto em que ocorre cada aprendizado é de suma importância. E a este contexto se inclui uma grande quantidade de fatores, como a memória e a atenção que muito alunos não desenvolve tão facilmente, mas isto já foi e vem sendo estudado ao longo dos anos por estudiosos e pesquisadores preocupados em resolver o problema da não aprendizagem. Diversas pesquisas já demonstraram com clareza que esses fatores influem diretamente sobre aquilo que adquirimos em relação à formação de nossas memórias. Só nos lembramos daquilo que aprendemos e para aprender dependemos de uma motivação, pois aquilo que nos agrada fica arquivado na nossa memória por um determinado tempo dependendo do grau de importância que tenha esse aprendizado para cada indivíduo em particular, podemos ver que até um certo nível de alerta ou um grau de ansiedade é necessário para podermos aprender e assim memorizarmos aquilo que desejamos.

Então olhando por esse ângulo vemos que para adquirirmos a aprendizagem não precisa ser de maneira formal pois a maior parte da memória daquilo que aprendemos e recordamos acontece de maneira incidental, é no decorrer de nossas vidas e muitas vezes nem nos damos conta de como se realiza determinado aprendizado, aprendemos e pronto. Mas, uma vez que este aprendizado acontece a informação pode ser armazenada ou não em forma de memória, pois há memórias que são muito breves, que duram pouco tempo e essa dará sentido apenas naquele instante, enquanto tem outras memórias que ficam armazenadas por um bom tempo e contudo não as esquecemos por que chegará o determinado momento em que precisaremos dessas informações porá condensarmos com as aprendizagens que tornarão significativas para nós até determinados momentos ou para a vida toda. Piaget (1969, p.38) diz que:

A inteligência é adaptação na sua forma mais elevada, isto é, o desenvolvimento mental, em sua organização progressiva, é uma forma de adaptação sempre mais precisa à realidade. É preciso ter sempre em mente que Piaget usa a palavra adaptação no sentido em que é usado pela Biologia, ou seja, uma modificação que ocorre no indivíduo em decorrência de sua interação com o meio.

Nas palavras de Piaget vimos que o indivíduo está constantemente interagindo com o meio e é dessa interação que resulta mudanças que pode ser contínua, ou seja, um processo de adaptação. Nisso entra a inteligência que desempenha uma função adaptativa, pois é através dela que o indivíduo coleta as informações do meio e as reorganiza, de forma a compreender melhor a realidade em que vive, agindo e transformando esse meio, como no caso do ensino, dizemos que este não acontece por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem, e a esta aprendizagem se faz necessário o uso da linguagem, pois é com essa linguagem utilizada pelos seres humanos que acontece a comunicação, e quando expressamos nossas ideias, pensamento e até nossas intenções estamos influenciando uns aos outros. Nós aprendemos de diversas maneiras e para isso usamos mecanismos para que essa aprendizagem seja satisfatória, pois todos nós aprendemos por associação esse é um fato que temos em comum para adquirirmos o conhecimento. E quando nós temos acesso às informações, partilhamos com outros para que assim possamos construir culturas.

Foi assim desde o início, quando o homem pela necessidade de se comunicar com seu semelhante descobriu uma forma de comunicação que tinha como propósito a leitura de gravuras que desse a ideia de presença e atividade, e assim passou a utilizar desenhos em pedras para registrar a sua passagem por determinados locais marcando assim a sua história, estes desenhos serviram como uma espécie de comunicado ao qual demonstrava significativamente para outros povos que passasse por aquele local, que houve a presença de mais alguém naquele determinado lugar e que este realizou algum tipo de atividade. O modelo de registro ou escrita que foi usado deu tão certo que se perpetuou entre as espécies e deixou como marco para a história a descoberta das primeiras escritas utilizadas pelo ser humano. E a partir daí o homem foi aprimorando as formas de escrita e cada povo foi fazendo suas adaptações de acordo com o lugar onde vivia e ou onde se fixou para melhorar a sua forma de comunicação, sendo pela escrita ou pela língua. E para a história da humanidade um marco muito importante pois ali nascia as primeiras formas de escrita que levaria a humanidade a um entendimento de mundo.

Segundo João Wanderley Geraldi (1996), as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar diferem das demais, porque promovem a reflexão, por meio da qual se dá a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações de interação. E a materialização da linguagem se dá por meio de textos que tanto pode ser oral como também escritos, cada um deles dependendo do contexto em que se encontra vai ter uma importância para que o leitor o decifre e o compreenda.

E é o ensino da língua portuguesa que visa o amadurecimento e a ampliação do domínio das práticas de linguagem quando este toma o texto como unidade básica, o que não significa que, eventualmente, não seja necessário analisar unidades como palavras ou sílabas, pois é produzindo linguagem que aprendemos a linguagem e é no seu uso efetivo que devemos superar a prática de exercícios mecânicos, a linguagem é o ponto de partida e o de chegada do aluno no âmbito escolar, a exemplo disso temos a leitura de mundo que o aluno traz para a escola quando nela chega, ao fazer amizade com o colega, ao interagir com o professor em determinados assuntos quando quer dizer o que conhece, o aprendizado que adquiriu com sua família e ou seus amiguinhos irá contar muito pra a partir daí acontecer a interação.

Conceber a linguagem como forma de interação significa entendê-la como um trabalho coletivo, portanto em sua natureza sócio histórica e, então, “como uma ação orientada para uma finalidade específica [...] que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história”. (BRASIL, 1998, p.20).

É necessário que consideremos o processo de ensino e aprendizagem como social e histórico, pois é nesse contexto que o uso da língua seja ela oral ou escrita que o aluno fará sua interação com o meio, e mais importante esse aprendizado acontecerá quando este se dá na coletividade. A Língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades pois ela existe em decorrência de muitos fatores. O Ministério da Educação cita algumas orientações didáticas que estão inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa (1998) para serem trabalhadas para a formação de leitores como:

- Leitura autônoma – que envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para as quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência.
- Leitura colaborativa – é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos.
- Leitura em voz alta pelo professor – além das atividades realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor.
- A leitura em voz alta feita pelo professor não é prática comum da escola. E, quanto mais avançam as séries mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores.
- Leitura programada – é uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade.
- Leitura de escolha pessoal – são situações didáticas propostas com regularidade, adequadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura/; formação de critérios para selecionar material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc.

E sabendo que existe diversas formas para definir a aprendizagem além das que já foram descritas podemos ainda dizer que mais uma delas seria que a aprendizagem é a assimilação ativa de conhecimentos e de operações mentais, que se desenvolve sob as condições específicas do processo de ensino e é tida como a criação de uma forma de conhecimento humano, uma relação cognitiva entre aluno e matéria de estudo, e é para ser principalmente dentro das escolas que o conhecimento, a aprendizagem deve se definir completamente, pois o aluno ou a criança leva muitas bagagens para o espaço escolar quando passa a frequentá-lo, e ao usar o conhecimento adquirido embora não sistematizado que ele irá em coletividade no âmbito escolar desenvolvê-lo e aprimorar.

Entende-se, pois, que a Educação é um processo em eterna discussão, logo não deve ser concebida como sendo um produto pronto e acabado enquanto ponto de chegada.

METODOLOGIA

Falar em alfabetizar devemos perceber que é normal que tenhamos a seguinte preocupação: qual é o melhor método para se trabalhar e alcançar os conceitos de uma alfabetização de qualidade? Para isso fez-se necessário fazer pesquisa de campo para a apropriação do assunto.

Já que alfabetização não trouxe receita pronta em relação ao método, pois a forma de aprendizagem de uma criança pode ser diferente da outra, aplicamos o conceito que uma turma pode não ter o mesmo resultado em outra. É significativo lembrar que a criança não é só mais uma peça feita por uma empresa que possui um molde e produz todas as peças iguais.

Sendo assim, utilizamos métodos diferenciados, porém não se pode delinear um como o melhor, ou mesmo original, pois o que pode ser bom para aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, lembrando que quando se utiliza um método e ele não traz bons resultados, deve-se partir para outro. Com relação a reflexão de que o processo de alfabetização não possui um único método realmente eficaz ou uma receita pronta, uma especialista afirma que:

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2006, p. 17).

A importância da didática em sala de aula

O professor ao assumir a postura de educador deve lembrar-se de que é um dos responsáveis ou talvez o maior responsável pelo sucesso do processo ensino-aprendizagem de cada criança que está na sala de aula, mas também não pode esquecer que existem outros componentes que fazem parte desse processo e são tão importantes quanto ele, assim é viável afirmar que a aprendizagem se constrói a partir da interação educador, educando, família e o contexto histórico, dessa forma é possível dizer que cada ser humano contribui de certa forma para a mudança do contexto social, formulando suas próprias ideias a partir de suas experiências da partilha de conhecimentos. Hoje é normal pensar no como ensinar e o que deve se levar em conta para o aprender de um novo século, ou que didática seria ideal para dar conta deste desafio? Perguntas deste tipo surge sempre entre os profissionais da educação por este motivo é que estes estão sempre voltados para a discussão da utilização da Didática em sala de aula, sabendo que a mesma facilita o processo ensino-aprendizagem, onde o professor tem a oportunidade de planejar suas estratégias e aplicá-las de acordo com as necessidades de seus alunos.

Didática é uma disciplina técnica que tem como objeto específico a técnica de ensino, mas também é entendida como a ferramenta para que se aconteça o processo ensino-aprendizagem e com ela o professor consegue organizar de forma sistemática todo

seu trabalho, buscando oferecer meios que induzam ao aluno perceber suas necessidades e criar seus mecanismos, a fim de adquirir novos conhecimentos sem excluir os anteriores. Assim pode-se afirmar que a didática deve ser como uma peça importantíssima na aprendizagem, além de proporcionadora de uma desenvoltura dentro do ambiente de educação e no desenvolvimento das habilidades para uma educação sem fronteiras, que trabalha no sentido de suavizar as diferenças existentes, por isso mesmo não é tarefa fácil, requer sempre um preparo por parte do professor, uma vez que para lidar com as adversidades é necessário compreender como elas se manifestam e em que contexto estão inseridas.

Entretanto o professor que aplica a didática correta e acolhe seus alunos, será sempre um professor reflexivo que percebe e respeita as diferenças de cada um, constrói um ambiente de igualdade sem fronteiras e propicia uma segurança que refletirá em um melhor e maior aprendizado, por isso que é impossível nos tempos atuais um educador não valorizar a didática no processo de ensino até por que a didática para o professor é a essência da sua formação, é a amplitude do seu intelecto, é a sua identidade no processo de planejamento, por que o professor ao planejar estará se proporcionando um caminhar em um terreno plano e sólido com objetivos e metas. Por isso a necessidade se faz para o educador que está sempre buscando novos horizontes através da pesquisa e para que o seu desenvolvimento intelectual e a sua prática educativa sejam prazerosas e eficazes.

Por mais difícil que seja admitir que alguém ensine a si mesmo, devo reconhecer o fato de que nesse caso o duplo papel – de ensinante e de aprendiz – é exercido pela mesma pessoa, mudando-se a tônica do processo: quem quer aprender toma a iniciativa. Inventores e descobridores seriam, talvez os mais altos referenciais do autodidatismo, sem que seja negado, no caso, o papel do ambiente com o qual interagem. (CASTRO, 2001).

A autora ao se referir ao processo de aprendizagem, mostra que o professor deve ver que o ensino educativo proposto no passado permanece como referencial da didática, portanto este deve ser mais maleável com a sua prática, por que a didática deixa sempre bem claro que é preciso existir os procedimentos ditos didáticos que visa o encontro entre o ensinar e o aprender. E que todo processo de formação para educadores especialistas e professores deve incluir necessariamente componentes curriculares orientados para o trabalho sistemático do fazer educativo, da prática pedagógica. Entre estes, a didática ocupa um lugar de destaque e é viável afirmar que através dela é possível observar o comportamento dos alunos, detectando suas necessidades e em seguida elaborar projetos que valorize suas experiências e se produza novos conhecimentos.

Deve-se perceber ainda que a didática passou por um processo de adaptação até que estudiosos se convenceram que a mesma é uma ferramenta essencial em sala de aula, devido a evolução no que diz respeito a percepção de conhecimentos, certificaram-se ainda que ela não pode faltar em hipótese alguma na prática educacional, bem como na utilização dos meios pedagógicos, em pesquisas e por fim na avaliação.

Castro nas suas colocações enfatiza:

Quando as situações didáticas não dão espaço para que o sujeito construa sua inteligência, fixam-se no sentido mais restrito da atividade do ensino, ignorando seu potencial para desenvolver as condições de aprendizagem futuras. (CASTRO, 2001).

É visto que toda didática se apoia no conceito do ensino mas se não for dada a oportunidade para que o sujeito possa desenvolver o seu potencial, nunca saberemos até onde ele é capaz de ir, de mostrar o seu potencial, de poder repassar as condições de intelecto que está envolto. Então a relação da prática de ensino com a aprendizagem e este conjunto irá fazer a diferença para todos aqueles que se encontrem aptos no campo do saber.

Piaget entende que para que se conheça um campo científico, além de indagar-se sobre mudanças ocorridas no decurso de sua história, deve-se proceder uma análise epistemológica onde o objeto de estudo foi construído pelo sujeito ao longo da sua evolução. Sendo assim depois de vários estudos sobre a didática é possível compreender que a mesma é uma ferramenta imprescindível na formação do educador, desde que, ela venha desenvolver nele a capacidade de planejar, criticar, avaliar e adaptar suas ações a realidade em que se encontra inserido, pois do que adiantaria um emaranhado de informações e ações a um ambiente inadequado? A didática só poderá ser bem praticada, a partir do momento em que ela for entendida e planejada segundo a necessidade encontrada no âmbito de trabalho.

Pelos ensinamentos de Piaget, cabe ao professor organizar e planejar situações de aprendizagem que propiciem um conhecimento significativo para o aluno, e ainda possibilitar oportunidades para que ele construa sua própria aprendizagem, trabalhando em cima do erro. Ainda segundo Piaget

Pensamos e raciocinamos de forma qualitativamente diferente em diferentes fases do desenvolvimento intelectual. Sequência estruturalmente invariante de quatro períodos qualitativamente distintos, (estágio sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operações formais), ou seja, não podemos saltar estágios ou passar por eles numa ordem diferente. (PIAGET, 1994, p. 23).

Já o processo de ensino-aprendizagem passou por várias concepções e cada uma delas teve e tem a sua importância dentro ensino. Portanto será mostrada aqui como foi o processo de desenvolvimento. A primeira delas foi a tradicional, onde os alunos eram receptores de saberes que seus professores os transmitiam, nessa o que mais importava era a quantidade de conteúdos que se trabalhava, o professor tinha o conhecimento acabado e era considerado como sendo dono da verdade, e as tarefas eram padronizadas.

A segunda foi a comportamentalista, a qual consistia num arranjo e planejamento de condições externas que proporcionavam aos estudantes o aprender. Nessa o professor ensinava e observava o comportamento de cada um, recebendo incentivos através de prêmios, os elementos mais importantes nesta eram o aluno e o objetivo proposto.

Já humanística, o ensino estava centrado na pessoa, onde o professor deveria orientá-lo para a vida, a fim de conseguir agir em sociedade. Nesta a aprendizagem devia ser significativa, modificando o comportamento e as atitudes.

Na cognitiva os alunos recebiam estímulos do meio conseguindo organizar seus conhecimentos, sentavam e resolviam problemas, adquiriam conceitos e empregavam símbolos verbais, conseguindo assim processar e interagir informações. Por isso o ensino era baseado no ensaio e erro, na pesquisa na investigação, na solução de problemas por parte do aluno.

E na sociocultural supera-se a relação opressor-oprimido através da socialização de saberes de igual valor, transformando a situação objetiva geradora de opressão, trabalhando desenvolvimento da consciência crítica e da liberdade, sendo os alunos sujeitos criadores.

Contudo o estudo da didática orienta a comunidade escolar e mostra que ela deve ser parceira na hora de planejar com intuito de oferecer o melhor ensino possível, favorecendo uma aprendizagem de qualidade, uma vez que ela foca sempre o melhor para o aluno e a facilidade de trabalho para o professor, tornando assim um processo prazeroso.

Busca-se hoje a educação baseada na interlocução dos sujeitos, para a construção do conhecimento que expressa a realidade cotidiana, pessoal e coletiva, em interação com saberes prévios. Professores e alunos trocam, depoimentos sobre suas atividades e experiências, com o intuito de fornecer novos significados aos saberes. Ouvir e falar, dizer-se mutuamente, os alunos entre si e aos professores e estes entre si e os alunos... A construção do saber pedagógico deve-se dar pela troca de experiências de vida, constituindo ações em parceria e formando professores-pesquisadores da prática, que busquem dar unidade aos saberes fragmentados e fundar uma comunidade científica (MARQUES, 1999, p.15)

Contudo é imprescindível saber que a didática ainda é a ferramenta essencial para que o trabalho do professor possa fluir de maneira justa e considerável, por que o profissional que tem em seu entendimento a didática como sua aliada, conseguirá valer a sua prática sabendo que esta será conduzida de forma certa e que levará sempre o aprendiz a diferenciar o que pode ser aprendido e o que pode ser absorvido em relação a forma que este repassa o conhecimento para aquele que está precisando de um entendimento relacionado a determinados assuntos, e a reflexão que tiramos de tudo isso é que aquele professor que não tenha uma didática jamais terá um trabalho completo e que o diferencial que este poderá ter é que o seu aluno não irá apreender o conhecimento por que o mesmo não abre caminho para tanto. E ainda vista como uma ferramenta dentro das salas de aula aplicada pelo o professor a didática é e sempre será o meio para se chegar a determinado fim e este fim é a aprendizagem requerida pelo aluno e facilitada pelo professor.

Portanto conclui-se que a didática em seu processo de trabalho favorece a todos, e oferecem meios eficazes para a aprendizagem que qualifica e prepara para os obstáculos, nessa arte de ensinar, e está impregnada de todas as inquietações da época e, entre as muitas frentes de pesquisa e exploração, ora requerendo auxílio da psicologia profunda de origem freudiana, ora recorrendo às correntes neomarxistas. A oscilação entre uma tendência psicológica que acentua a relevância da compreensão da inteligência humana e sua construção e outra que se apoia na visão sociológica das relações escola-sociedade, parece dominar o conteúdo da disciplina.

O objetivo e a função social da escola

O grande objetivo da escola é o de ensinar e fazer com que os alunos adquiram uma aprendizagem significativa, e é usando o espaço da sala de aula para a construção do conhecimento que o aluno irá desenvolver sua liberdade de expressão, a interação, o encontro de diferentes linguagens, relações com novas culturas e ainda elaborar formas de adquirir informações, construir conhecimentos, conceitos e valores necessários para o seu desenvolvimento. É da escola a responsabilidade de garantir ao aluno além de uma educação formal o domínio da língua oral e escrita, pois é ela o instrumento que vai dar

acesso a uma vida social e plena. E sendo a língua uma forma de comunicação necessária para o exercício da cidadania, é nela que se encontra a ampliação das possibilidades da partilha de informações e conhecimentos.

São nas ações como conversas diárias de pessoas em diversos lugares, transmissão de recados, sinalização do trânsito, rótulos de produtos, preços de mercadorias, números de telefones, enfim inúmeros são os textos orais e escritos que nos rodeiam diariamente e nos incentiva a desenvolver um trabalho dinâmico e com riquezas de detalhes, e é com essas e outras informações que nos leva a estabelecer a comunicação com os demais seres humanos além do mundo é claro, e dessa forma vamos nos tornando cidadãos agentes e participantes. Mas o lúdico também enriquece o trabalho da escola principalmente os que envolvem brincadeiras, a criança se envolve e o aprendizado é ainda mais significativo, podemos perceber que a aprendizagem quando acontece através do lúdico se aperfeiçoa e a criança aprende mais de que com qualquer outra forma.

No Brasil, especialmente a partir da década de 1980, Emília Ferreira e Ana Teberosky (1988) desenvolveram estudos e pesquisas sobre o aprendizado relacionado a escrita, alterando profundamente a visão sobre os processos de alfabetização. Publicaram um livro onde este trata da psicogênese da língua escrita e o entendimento que nos passa nos seus escritos é de que a alfabetização a partir daí deixa de ser considerada um mero processo de codificação e decodificação de sinais gráficos no ensino da leitura e da escrita. Mas diante dessa preocupação, os avanços das pesquisas na área da Psicogenética, associadas as pesquisas nas áreas da linguística em todos os âmbitos, levou ao envolvimento das práticas sociais reais de uso a escola refletir que as práticas sociais têm sua gênese em práticas culturais e que não podem ser ignoradas por ela sob o risco de alienar o processo educativo da sociedade em que o cidadão está inserido.

“Não se trata de escolher entre alfabetizar e letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar em dois processos como sequenciais, isto é, vindo um depois o outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento” (GARCIA, 2003).

Os problemas da alfabetização aqui no Brasil é pauta de discussão de diferentes segmentos da sociedade e de pesquisadores de várias áreas. Alguns consensos já começaram a ser delineados, como por exemplo: já se concebe, hoje, que um indivíduo alfabetizado não é aquele que domina apenas os rudimentos da leitura e da escrita ou aquele capaz de ler e escrever palavras, e sim que ele seja capaz de ler e escrever em diferentes situações sociais, para que possa, então, inserir-se, participar ativamente de um mundo letrado, possa dar opiniões enfim possa ser um ativo participante da sociedade podendo estar frente as demandas sociais como também aos avanços da tecnologia que exigem sujeitos cada vez proficientes nas práticas de linguagens diversas.

E nesta última década a educação brasileira passou por várias transformações muito intensas, relativas, sobretudo ao ingresso de crianças na Educação básica, quando ao entrar para o Ensino Fundamental aos seis anos desafiou os educadores a definir mais claramente o que se espera da escola nos anos iniciais de escolarização.

Contudo deve-se considerar que há crianças que vem de um mundo não letrado e essa criança terá uma aprendizagem mais lenta, não pelo fato de ser menos capaz, mas

por não ter tido a oportunidade de presenciar atividades de leitura e escrita, não podendo, portanto, construir e adquirir uma bagagem de conhecimentos em sua etapa anterior a escola. Sabemos o quanto é importante para a concretização da aprendizagem o acesso aos mais diferentes gêneros textuais como: bilhetes, receitas, cartas, poemas e outros. Nessa perspectiva é preciso considerar que uma criança alfabetizada e letrada não deve se limitar apenas ao domínio da escrita alfabética. QUEIROZ na sua fala aponta traços de sua vida estudantil como:

Escrever, eu já andava rabiscando mesmo antes de entrar para a escola. Escrevia nas paredes do galinheiro, no cimento do tanque ou no passeio da rua. Arranjava um pedaço de carvão, de tijolo, de caco de telha, pedra de cal. Minhas irmãs me pediam para traçar amarelinha no quintal. Eu caprichava. Usava uma vareta de bambu sobre a terra batida. Além de fazer as casas bem quadradas e certas, ainda escrevia os números e as palavras céu e inferno. De tanto as meninas pularem em cima, as palavras se apagavam, aos poucos, mas escrever de novo não era sacrifício para mim. Comecei a escrever um nome feio e pequeno, por onde passava. Descontava minha raiva na parede da igreja ou nos muros do cemitério. Escrevia na maior rapidez. Meu irmão, José, ia atrás arrumando minha indecência e desrespeito. Crescia em mim uma inveja grande de sua inteligência. Ele puxava mais uma perminha no u e fazia uma voltinha em outra perna e virava e. Então ele botava um acento, e pronto! A palavra feia e imoral se transformava na palavra “céu” (QUEIROZ, 1997, p. 40-41)

A escola ao abrir espaço para este tipo de trabalho leva em conta a maneira de cada aluno apropriar-se dessas linguagens principalmente quando esta insere no seu currículo um trabalho desenvolvido com expressões corporais, palavras, desenhos, músicas, imagens, e histórias levando os alunos a experimentarem uma realidade que não seja a deles e vivenciarem um lugar de sonhos, imaginações, magias e fantasias. Tudo isso torna-se muito gratificante para todo o âmbito escolar, professor e comunidade em geral, mudando assim a maneira de pensar de alguns educadores antes centrados nas teorias tradicionais. Deve-se compreender que a escola é uma instituição que tem inúmeras funções e uma delas é a de propor condições de aprendizagem, além claro da transmissão de conteúdo.

Mas é fundamental saber que a escola já vem ao longo dos tempos estabelecendo essas relações significativas com este mundo intermediário de suas relações familiares, rádio, televisão, igreja, de seu grupo social e hoje até das redes sociais mais presentes como o celular, o computador com internet, entre outras. Até por que quando a escola alfabetiza o aluno num contexto letrado, onde exista práticas sociais de leitura e escrita, estes passarão a ser usuários da escrita nas mais diversas e diferentes funções sociais, mesmo que ainda não estejam alfabetizados. Com isso altera-se o foco do tratamento pedagógico que é dado ao aprendizado da leitura e também da escrita que era centrado nos processos do sistema que era codificar e decodificar apenas. Cagliari (1999, p.17) diz que:

A mente social do sujeito – crianças, valores e atitudes – forma-se pelas relações interpessoais estabelecidas nos grupos. O aluno ao entrar na escola já traz uma enorme bagagem de conhecimentos prévios que são imprescindíveis as suas leituras dentro e fora do ambiente escolar, portanto são informações importantes sobre o mundo próximo e distante, ela já é capaz de entender a língua portuguesa bem como de expressar oralmente em diferentes situações da vida. E tudo sem treinos da língua, conforme comenta.

Ao concordar com o autor, se vê o quanto é preciso investigar o conhecimento que o aluno traz consigo, pois este deve ser o ponto de partida para o planejamento prático da escola, principalmente para o trabalho com o aluno das classes de alfabetização.

Os estudos mais recentes sobre a psicogênese da aprendizagem ressaltam o valor das atividades compartilhadas, ao destacarem o diálogo como forma de confrontar diferentes pontos de vista e de mediar o processo de manifestação, reflexão e reformulação de ideias.

O papel do professor e sua prática pedagógica

A prática reflexiva na construção de saberes cotidianos precisa carregar “marcas humanas” (TARDIF, 2003, p.103) como processo identitários capaz de produzir mudanças reais e mobilizarem a construção do conhecimento pelo diálogo entre os diversos contextos. Para isso, é fundamental que as diversas opiniões possam organizar as decisões para que o saber não seja analisado como um sistema fechado em relação aos outros componentes de trabalho na abertura de perspectivas de um fazer pedagógico que reconheça a pluralidade em recriar novos contextos sociais, diante das complexas contradições.

Frequentemente somos apanhados pensando sobre o passado e trazendo para o presente, memória de um tempo vivido, que envolve experiências de naturezas diversas. Assim, ao revermos nossa trajetória temos a oportunidade de compreender em uma dimensão mais vivencial os conteúdos que fazem parte da constituição da história da educação brasileira, que é também história da nossa formação. Temos como base a postura dos professores, as características referentes à estrutura e funcionamento das escolas, a postura de nossos pais diante de nossa educação escolar, enfim, todo contexto que marca época na vida de um profissional e que se constituiu como um dos fatores que nos leva a escolher a profissão de professor. Numa estratégia de construção de competências profissionais, Perrenoud enfoca que:

A metodologia adotada privilegia os conhecimentos prévios dos professores, a reflexão, o trabalho em equipe, a leitura, a escrita compartilhada e a metacognição. Assim estes processos formativos devem contribuir para o professor estudar continuamente, refletir e mudar sua atuação profissional e socializar suas experiências. (PERRENOUD, 2000).

Referindo-se ao papel do habitus na micro regulação da ação racional, (PERRENOUD, 2001), *“diz ainda que toda ação complexa recorre a certos conhecimentos e a uma parte de raciocínio, salvo talvez, na urgência extrema, quando não há tempo de pensar.”*

As informações obtidas de alto conhecimento fazem com que a condição de eterno aprendiz da profissão nos mobilize diante das tensões que se revelam no trabalho docente, como as existências entre o escrito e o vivido. As experiências circunscrevem-se um projeto investigativo em que pontuamos de maneira ininterrupta, nossa relação com a profissão como contexto social, político, econômico e cultural, e como sujeito nele envolvido. Segundo Nóvoa (1995):

As pesquisas sobre a formação de professores têm destacado a importância de se analisar a questão da prática pedagógica como algo relevante opondo-se assim, às abordagens que procuram separar formação e prática cotidiana. Na realidade brasileira, é a partir da década de 1990 que se buscam novos enfoques e paradigmas para compreender a prática pedagógica e os saberes pedagógicos e epistemológicos relativos ao conteúdo escolar a ser ensinado/aprendido. Neste período, inicia-se o desenvolvimento da pesquisa que, considerando a complexidade da prática pedagógica e dos saberes docentes, buscam resgatar o papel do professor, destacando a importância de se pensar a formação numa abordagem que vá além da acadêmica, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente.

A questão da competência docente é abordada como mediação importante no processo de ensino e aprendizagem, evidenciando o descompasso entre a formação do profissional e as exigências do mundo moderno. Esta realidade abre um espaço para algo mais amplo, que seria uma política para a formação do educador em serviço, traduzida em programações diversificadas, atendendo aos anseios dos educadores escolares. O grande desafio que os professores enfrentam é a falta de preparo para lidar com situações adversas dentro das salas de aulas, crianças vindas de famílias muitas vezes desestruturadas, sociedades que condenam seus modos de vida e estas trazem pra dentro das salas o desrespeitos com os quais são acostumadas a conviver para partilhar com colegas que tem educações diferenciadas, e isso é comum no meio em que convivemos e quantas vezes os professores ficam a se perguntarem se esse tipo de educação advinda dessas crianças não irá desestruturar os colegas que tiveram boa educação ou se estes enquanto profissionais estão preparados para mudar esse quadro e torná-lo melhor. E isto é visto com bastante frequência entre os professores do ensino fundamental e médio nas escolas, principalmente na rede pública.

Por isso que na maioria das escolas o fator mais agravante dentre outros é também a indisciplina, as dificuldades de aprendizagem, os problemas psicológicos e comportamentais. Mesmo com os cursos de capacitação oferecidos pelas Secretarias Municipais, e os que são encontrados em faculdades e universidades, muitas vezes os docentes não estão aptos ou não estão ainda preparados para enfrentar a diversidade e os problemas sociais que se refletem na sala de aula.

O professor para ter uma forma adequada de desempenho ele precisa de uma troca positiva entre o aluno e ele professor, o que só é possível com bons profissionais, que posteriormente podem estimular os alunos e assim sucessivamente, Além da formação, o determinante é a atitude diante dos alunos. A principal característica que um professor de qualidade apresenta é a maneira de conduzir a curiosidade e as dúvidas de cada aluno podendo assim despertar no aluno o interesse por cada disciplina. Um bom professor estimula a curiosidade dos seus alunos impulsionando ao conhecimento já que instigados por um determinado assunto, os alunos passam a se interessar mais, buscar novas informações e tirar dúvidas, o que promove o debate e beneficia a aprendizagem. Pimenta (2005, p.26) relata que:

[...] os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da prática, ao mesmo tempo estão ressignificando-os e sendo por eles resinificados. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre.

O autor afirma que o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os diversos contextos vivenciados por eles, e diante disso o aluno deve se sentir bem e à vontade na escola para expressar a curiosidade. A maneira com a qual o professor lida com dificuldade dos alunos é de fato determinante para a aprendizagem, uma vez que inibidos

para tirar as dúvidas, as questões não solucionadas se acumulam e conseqüentemente atrasam e comprometem o desempenho. Partindo do fazer do aluno podemos ajudá-lo a compreender os fenômenos que os cercam. É importante que o professor provoque, estimule esse processo de compreensão a fim de facilitar a relação do sujeito com o objeto.

Repensando a formação dos professores a partir da prática pedagógica, Pimenta (2002) identifica o aparecimento da questão dos saberes como um dos aspectos considerados nos estudos sobre a identidade da profissão do professor. Segundo a autora:

A identidade é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preenche de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. (PIMENTA, 2002)

O bom professor é aquele que mantém o diálogo com seus alunos que indagam que questionam o que sem dúvida são ótimos caminhos para a aprendizagem. O professor que não responde e se incomoda com estudantes que perguntam demais não passa de um tradicionalista, pois só ele é que pode ter a vez, ele dá a matéria e pronto, o que de maneira alguma é o ideal, pois o certo é permitir que os alunos se manifestassem com suas perguntas e suas insatisfações para que assim possamos trabalhar em cima da dificuldade dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se aqui o artigo dizendo que os caminhos que são percorridos pela criança para que essa possa chegar a aprendizagem vai depender muito do meio em que esta esteja inserida e é claro os caminhos que a mesma encontrará na escola. Até por que esses caminhos podem ser complexos ou não, irá depender muito de quem esteja desempenhando o papel de mediador, haja vista que existe uma relação importantíssima entre o ensino e aprendizagem e que esta não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina, para o aluno que aprende, essa relação vai muito além desse dualismo. Ao contrário do que se pensa, essa é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade de execução dos alunos. Até por que o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos, pois tem um caráter eminentemente pedagógico, ou seja, o de dar um rumo definido para o processo educacional que se realiza no ambiente escolar. Assim, o princípio último que procuramos deixar aqui é de que, quanto mais variado e rico for o meio intelectual, metodológico ou didático fornecido pelo professor, maiores condições ele terá de desenvolver uma aprendizagem significativa da maioria de seus alunos.

Sabemos que a globalização há muito tempo vem provocando a necessidade de mudança não só na área da economia, mas também no processo educativo e de um modo muito especial, e sendo assim se faz necessário que a escola mais do que nunca compreenda esse processo e o papel dos profissionais que fazem a escola. É necessário que numa prática reflexiva a comunidade escolar como um todo saia da escola, olhem para fora dela, percebam as transformações sociais que aconteceram e estão acontecendo para

assim voltar-se novamente ao interior da escola e descobrir que essas mudanças afetaram ou afetarão esta escola por meio da inter-relação da educação para com a sociedade. Só assim saberemos que a Educação foi e sempre será o caminho para se construir um futuro de qualidade

REFERÊNCIA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. P 72-74.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizando sem o bá-be-bi-bo-bu. São Paulo: Scipione, 1999. (Pensamento e ação no Magistério).

_____. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1990. (Pensamento e ação no Magistério).

CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). Práticas de Leitura e Escrita. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CASTRO, Amelia Americano Domingues de. O ensino: objeto da didática. Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Tradução. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GARCIA, R. L. Educação e letramento: reflexões sobre o ensino da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GERALDI, João Wanderley. Linguagem e ensino: exercícios, militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MARQUES, M.O. A escola no computador: Linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Unijui, 1999

NÓVOA, Antônio (Org.). Profissão Professor. 2. ed. Porto: Porto, 1992.

_____. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto A, 2000

_____. A prática reflexiva do ofício de professor: profissionalização e razão Pedagógicas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIAGET, J. O nascimento do raciocínio na criança. 5ª. Ed. São Paulo: El Ateneu, 1993

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro (Org.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PROLETRAMENTO: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Alfabetização e linguagem. Fascículo 1: Capacidades linguísticas: Alfabetização e letramento. (Vários autores). Brasília MEC/SEF, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Ler, escrever e fazer conta de cabeça. Belo Horizonte, Miguilim, 1997.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. UFMG, outubro 2003.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional – Petrópolis, RJ: Vozes 2002.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004.

O jogo da oralidade e a contação de histórias na prática pedagógica

Daniele Pamplona Soares
Jilvania Lima dos Santos Bazzo
Deise Leite Bitencourt Friedrich

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde os primórdios a narrativa estabelece uma relação do narrador/contador com a história narrada. A história só existe no estabelecimento dessa relação. Ela oferece ao narrador a riqueza de detalhes, cheiros, cores e nuances; e ele, por sua vez, oferece a ela sua voz, seu corpo, sua memória e suas emoções. Quando contamos, nós nos apropriamos da história, ela se torna nossa. Do encontro de cada contador com a mesma história, nasce uma nova autoria; novos gestos, novos olhares e todos esses, sempre à serviço do conto e do processo de fruição do ouvinte/espectador. Os contadores da tradição oral, aqueles das rodas de conversa, da fogueira, do chimarrão, do fogão à lenha, da tribo, usam e abusam da expressividade natural e da oralidade para contar.

O berço da literatura tradicional está calcado na narrativa oral. Charles Perrault, os irmãos Grimm, Joseph Jacobs, por exemplo, foram coletores de histórias de fonte oral. A título de curiosidade, considerado o pai da Literatura infantil, Hans Christian Andersen foi diretamente inspirado por uma mãe contadora de histórias e analfabeta. Atualmente, no contexto da cultura grafocêntrica e das tecnologias digitais, com os acervos de livros, e-books, redes sociais e possibilidades de interação e interlocução, qual o lugar da oralidade e da contação de histórias nas práticas pedagógicas?

O exercício da oralidade na formação dos professores como contadores de histórias é um caminho para o aprendizado da narração e da literatura infanto juvenil, como experiência estética. Por que alguns professores que contam histórias, principalmente aqueles que estão começando, têm ainda receio da oralidade como recurso para suas narrativas e muitas vezes se escondem atrás dos livros? Necessitam formação específica? Por que a mediação da leitura com o livro e a contação de histórias com a oralidade não são vistas separadas como possibilidades complementares para os professores?

Este trabalho tem por objetivo investigar sobre a oralidade, a contação de histórias e sua relação com a prática pedagógica, buscando



traçar um caminho de aproximação do professor-contador com o universo da oralidade através de recursos como: o despertar da memória, das emoções, do repertório pessoal e cultural, a fluência verbal, o uso expressivo do corpo e da voz e o jogo como recurso lúdico. Estimular a palavra como consequência e não como uma imposição no ato de contar histórias, oportuniza-se assim, uma busca de aprimoramento da expressividade cênica e da oralidade.

O caminho teórico e metodológico se faz com técnicas advindas das artes cênicas em busca desse ser constante e não somente de um reprodutor de histórias. Baseado na tríade história, memória e expressividade, o presente estudo analisa as estratégias de aplicação prática cruzando pesquisas de contadores de histórias e teóricos como Marie Shedlock, Ruth Sawyer, Regina Machado, Celso Sisto, Maria de Lurdes Patrini e Luiz Abreu. Para esse traçado, a pesquisa encontra apontamentos na relação da história com seu contador, estabelecida ao longo do tempo em sua historicidade e muito anterior à literatura. Bem como, na explosão midiática do século XXI em que a busca por um olhar ritualístico e não digital parece ser um viés de escape e sensibilidade. Assim, é a oralidade como possibilidade de aprimoramento docente que promoverá a leitura e literatura.

ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ORALIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

“Para ser um contador de histórias é preciso estar gloriosamente vivo, não se acende a chama com cinzas”. (SAWYER, 1990)

Muitos contadores de histórias talham sua expressividade com o discurso de favorecer a história, desprezando a criação e a autoria e investindo na reprodução. Outros tantos, aqueles que possuem contato e formação nas artes cênicas, separam o teatro do contar histórias, criando caixas e engessando as formas, sem perceber as possibilidades dessa tênue ou até inexistentes fronteiras entre ambas as linguagens artísticas. Escolhas metodológicas que distanciam o ato de narrar da expressividade cênica, que é um processo de reaprender a fluir da expressividade, colocando-se no risco da exposição e a serviço da história através de técnicas vocais e corporais que aproximam o contador de si mesmo, do ouvinte e da história, o que potencializa sua relação com a oralidade.

O texto escrito está à disposição do leitor para ser contado. Ele requer trabalho. A palavra escrita, no encontro da mediação entre texto e leitor, libera a imaginação, as emoções e potencializa a memória. O professor/contador pensa que para contar uma história deverá decorá-la, palavra por palavra e reproduzi-la tal qual está no livro, para ser fiel a obra. E acaba sendo tão radical nessa escolha que perde o processo, ou seja, a potência da experiência criadora do desenvolvimento da oralidade por meio da fluência verbal encaminhada pela memória.

O termo oratura ou oralitura, como nos traz Fabiano Moraes, surge como alternativa à expressão literatura oral por apresentar-se mais apropriada para o fim a que se propõe designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não. Ao tratar da literatura oral, do texto em construção que respeita a história, mas se apropria dela, para uma experiência completa e pessoal a cada narração, referimos ao exercício de oralidade e não de literatura.

Portanto, unindo a oratura, a sensibilização da memória e das emoções às técnicas corporais e vocais das artes cênicas e o jogo teatral, o professor/contador será capaz de aprimorar o exercício da oralidade na contação de histórias.

Para o desenvolvimento de uma experiência de oralidade na prática pedagógica, será necessário que o professor seja capaz de analisar estratégias de relação com: a história (leituras, decoupage, entendimento e apropriação), a memória (recordações, imaginações, repertório pessoal e cultural) e a expressividade (uso do corpo, da voz, do espaço, exposição, concentração e improvisação). Além disso, é preciso que ele possa buscar nas técnicas corporais e vocais advindas das artes cênicas, em caráter antropofágico (conhecer, se apropriar e descobrir seu estilo) estímulo para a expressividade cênica do contador de histórias. (QUEIROZ, 2006)

Ademais, importa ainda estabelecer o conceito de jogo, que parte da troca e espontaneidade, presente no teatro, como recurso principal para despertar a oralidade e deixar a palavra surgir como consequência e não imposição. Eis o traçado teórico e metodológico prévio para um caminho didático sem amarras com vistas a se permitir contar, narrar e encantar de forma lúdica na parceria simbólica, poética e estética com o espectador e na conexão entre história e contador.

Contação de histórias: um trabalho de fruição

Nos cursos de contação de histórias para professores, é muito comum aparecer questões como: - “Vocês estudam para contar histórias?” - “Tem que fazer exercício para falar?” - “Tem aula para aprender a contar histórias ou contar um caso?”. É importante compreender que a oralidade é inerente ao ser humano, dependemos dela para sobreviver e conviver. Contamos histórias da hora que levantamos até a hora de dormir. É a conexão entre memória, texto, estilo oral e comunidade que nos convidam a viver em sociedade, a nos comunicar e interagir.

Ainda assim, a cada dia contamos pouco e ouvimos menos ainda. Sequer valorizamos o pouco que se narra. De acordo com Reyzábal (1993, p. 259), a sociedade tem, frequentemente, desprezado a tradição oral, o que a autora nomeia de caudal expressivo, “em virtude da letra impressa: é importante, porém destacar o valor da voz.” Contar histórias é bem menos frequente do que ler histórias, e isso é recorrente nas escolas. Mais que isso, a importância dada ao texto escrito ultrapassa as instâncias de possibilidade do trabalho pedagógico com a oralidade como caminho de expressão, transmissão e criação de conhecimentos.

Se a palavra nos conecta e inspira processos de ensino e aprendizagem, precisamos no âmbito escolar valorizar a voz. Esse processo pode ser experienciado à semelhança das sociedades orais primitivas. Necessário se inserir em um ou mais grupos orais e, por meio das relações, as histórias irão se constituindo. Ao mesmo tempo, a experiência estética e a imaginação criadora favorecem a expressividade corporal e vocal no exercício de transposição do texto escrito ou do caso para a contação de história. É nesse reconhecimento e valorização que deixamos de negligenciar a capacidade expressiva de comunicação, criatividade e memória. De igual modo, aprendemos a identificar os gêneros textuais orais e/ou escritos que podem ser trabalhados. Afinal, “Cada gênero se caracteriza

por um conjunto de relações entre seus elementos formais, seus registros temáticos e seus usos sociais possíveis.” (BEN-AMOS, 1974, p. 275).

As sociedades ágrafas, não letradas, não fazem uso da escrita e mantêm suas tradições e histórias de geração em geração, através da oralidade, algumas até os dias de hoje. Pode parecer inusitado, mas a escrita enquanto forma de comunicação privilegiada pela humanidade é uma invenção recente que data de apenas 5000 anos. Isso visto de forma descontextualizada pode parecer muito tempo. Não é! No entanto, quando comparamos o tempo de existência dos sistemas de escrita com o de nossa espécie: o *homo sapiens* tem aproximadamente um milhão de anos, ou seja, apenas 0,5% de nossa existência como espécie se dá em concomitância com a escrita (GRAFF, 1990).

É possível que um professor, diante de uma prática narrativa, se sinta impotente, preso ao papel, incapaz de se lançar no universo da contação de história e no jogo da oralidade. Cabe ressaltar que esse universo de trabalho é também de fruição, o que provoca perda de zona de conforto e o desafia a se tornar um agente da realização. Haverá dois momentos: um da leitura literária propriamente dita e outro da contação, da materialização do “caudal expressivo”, ou seja, existem momentos para se ler histórias e outros para contá-las. O importante é saber que se refere a estilos distintos, mas podendo ser complementares e/ou indissociáveis; e que a relação com o conto, o caso ou a história, também é diferente para cada um desses momentos. Como se estabelece essa relação diferenciada e que necessita trabalho? Para Bello (2004), a prática do ato de narrar se torna “espaço de criação simbólica e estética” no exercício da arte da palavra falada:

O espaço que se abre na prática da narração oral é o da arte da palavra falada. Assim como a literatura não é apenas comunicação escrita, narração oral é aqui entendida como “oratura”: um espaço de recriação simbólica e estética, que ganha sentido como troca entre o artista e o público, a exemplo de outras artes, numa relação direta (...) poderemos pensar talvez que a oratura estaria para a fala como a literatura está para a escrita. (BELLO, 2004, p. 159)

Uma história só passa a existir no plano da oralidade, isto é, quando alguém decide contá-la, estabelecendo uma relação de prática de mediação entre leitor e obra. O contador de histórias descobre, por meio do seu trabalho, de critérios pessoais e sensibilidade, as histórias que realmente são suas, aquelas que querem sair de sua boca e serem contadas. Aquelas histórias que passam a ser de sua “autoria oral”, visto que seu gesto, seu olhar, sua oralidade e oratura colore o seu contar. Similar aquele dia em que lemos um livro inesquecível, assistimos a um filme maravilhoso ou quando ocorre um fato marcante e tudo o que desejamos é narrar a experiência.

O acontecimento, a história em si, vibra no corpo e há uma vontade de vida para ser contada, partilhada com os demais, pois “Os contos tradicionais estão vivos, [...] as histórias se fazem ao contar” (BELLO, 2004, p. 106). Estamos transbordando e precisamos repartir. É o que podemos chamar de “saturação positiva” de uma ideia (ORTIZ *apud* BELLO, 2004, p. 106). É assim que se estabelece um caminho diferente para o contar: procura-se uma história em que se goste, que transborde em si mesmo, para que assim, a pessoa esteja tão “contaminada” por ela e por sua narratividade, que faz com que essa história possa ser transmitida ao outro e assim exercer com plena autenticidade e generosidade o exercício da oralidade.

O contador de histórias cubano Aldo Méndez afirmou em uma de suas palestras que o re-cuento, a recriação, o recontar é um passar duas vezes pelo coração. Para ele, a história sai do coração do contador e chega ao coração do outro. O narrador é, por isso, o instrumento da história. Ao olhar para esse ângulo, no momento em que se coloca a história, antes do contador, o professor precisa perceber que o desejo de contar deve movê-lo. Não há espaço, portanto, para exibicionismos, mas, sim, para trabalho. O desejo de narrar se fortalece no coletivo, na relação eu-outros. Por essa razão, o professor precisa de ferramentas que possam cultivá-lo e nutri-lo até que esteja pronto para ser trazido à tona. Ele necessita traduzir seu instinto em arte para que a história se torne completa. É uma espécie de planejamento de efeitos, da arte de esconder a arte, que Marie Schedlock (1951) explica como sendo aquele efeito de aparente simplicidade que cativa o público, porque a aparente falta de esforço do artista tem um efeito reconfortante sobre quem ouve.

Esse planejamento de efeitos seria primeiramente a preparação dessa história através de pesquisa, leitura de versões, fontes, registros, contexto social, histórico e cultural. Enfim, trata-se de uma ordenação de informações que possam fazer com que a história seja aprofundada e compreendida em sua essência. Uma composição de fatores que fortalece e fundamenta o desejo. Ao conhecer a história, portanto, o grau de intimidade desenvolvido facilita a aproximação e apropriação e leva o contador a desvendar o conto através de sua estrutura básica.

Isto posto, o professor contador de histórias deverá considerar sempre as informações essenciais ligadas à estrutura desse conto como personagens, conflitos, superações, fatos e desfecho, atentando para um olhar que se volta à oralidade e monta e adéqua a história para ser contada. Ele mapeia um esqueleto do conto. Pensar que esse esqueleto tem a ver com a sustentação do jogo da oralidade e da contação de histórias. Esse processo deve conseguir manter os elementos essenciais de permanência da história e transcritos em fatos e situações, que alimentarão a memória para a prática da oralidade de forma gradativa. E, assim, o que era só espontâneo vai sendo melhorado e dominado.

Nesse processo, ocorre a fruição contra a mecanização de uma história: a apropriação e autoria da história através da oralidade. Regina Machado (2018) considera que, para ser fiel à história, se faz necessário observar a cadência, o ritmo, o respeito ao clima da história. Na percepção da autora, é essencial se expressar com/no corpo inteiro; e que quem conta precisa respirar junto com a história. Contar uma história ou um caso deve brincar com a narrativa, quebrar padrões rígidos e se entregar a ela. A voz pede pausas. Assim, cuidar para não atropelar o tempo. A pressa traz tempos prematuros, traz desencontros. A busca por uma autoria ao contar é justamente a busca por um tempo nosso, para uma história que passa a ser nossa. A partir do estabelecimento do tempo, vamos apreciando a história e criando as imagens mentais, que nos dão maior sensação de posse e que levarão a nossa narrativa a provocar novas imagens mentais em nossos ouvintes, como um resultado em cadeia de uma experiência única e efêmera.

A ânsia de contar, o desejo e a oralidade em si têm a palavra como consequência e não como imposição. Muitos contadores iniciantes e professores fogem da contação de histórias por afirmarem veementemente que não conseguem memorizar as narrativas. Optam, por esse motivo, por ler e não narrar histórias. Outro obstáculo é o medo da

exposição e o pré-julgamento social. São eles que afastam o indivíduo do jogo da oralidade e da contação de histórias. É comum para aquelas pessoas que estão em processo de aprendizagem pensarem: - “Se eu contar com as minhas palavras, vou me perder, ficar nervoso na frente das pessoas e elas irão julgar minha exposição. ” Lembremos que o conhecimento e a experiência são aliados na luta contra o medo da exposição e a não mecanização, permitindo que o pré-julgamento dos outros não nos atinja e seja irrelevante frente ao desejo e a importância de contar histórias.

Existe um caminho teórico e metodológico que permite a estimulação da memória e a sistematização, o qual possibilita uma performance segura e sem riscos de mecanização, aproximando-se da oralidade e de um conceito muito difundido nas artes, o da bricolagem. Aplica-se ao professor contador de histórias o *bricoleur*, aquele que se mune de ferramentas, tais como: a fluência verbal, a expressividade, a conexão com o espectador, a criatividade e a imaginação, para se envolver com a história a tal ponto de criar sua própria história, de sua autoria oral. Quando nos referimos de autoria, em nada inclui desrespeitar ou desvalorizar a figura do autor da história registrada em literatura, e sim, lê-lo e transpô-lo para a oralidade buscando os caminhos necessários.

O contador *bricoleur*, portanto, é aquele que ativa sua percepção para chegar à história e ao ouvinte, sua capacidade de observação, sua curiosidade e trava, como diria Regina Machado (2018), uma conversa imaginativa entre o que vê nas formas e nas imagens internas e restaura a capacidade de brincar, recuperando o que há de artesanal na palavra. Importa lembrar que ao contar uma história deve-se ter o engenho de contar um fato da vida pessoal, para alguém querido, com envolvimento, emoção, naturalidade e vulnerabilidade. Quando optamos por não memorizar sem criar vínculos de sentidos e significados, e, sim, se apropriar da narrativa, damos espaço para a história se expandir e favorecer a criação de vínculos inomináveis entre contador, história e ouvinte.

Para que a metodologia se efetive é necessária dedicação, principalmente no que se refere ao estímulo da memória que se dá por fatos e através de estratégias de memorização - levar à história as infinitas riquezas de detalhes, que enriqueceram ainda mais as práticas de “contação”. A memorização incluirá contar histórias para nós mesmos, para a parede, para o espelho, para o cachorro, para alguém sentado conosco no ônibus, contar e contar, sem desistir na primeira dezena de vezes. Somente a experiência trará a qualidade de realização.

É um caminho de imersão na história:

O que mais costuma apavorar quem está começando neste ofício de contar histórias é a memorização do texto. Se o texto tem um autor e sua construção revela uma forma pessoal de escrita e uma “arquitetura” peculiar, a contação não pode ignorar isso. Decorar muitas vezes compromete a naturalidade da fala, mas é necessário, sobretudo nos textos mais poéticos. (SISTO, 2012, p.61)

Quando Sisto (2012) destaca a questão da memorização como elemento que pode comprometer a contação de história, sobretudo nos textos poéticos, em razão da sua construção prosódica, melodia e ritmo. Em alguns casos, acreditamos que decorar sempre será uma opção acompanhada de outros caminhos como a apropriação, que mesmo em textos mais literários dá uma mobilidade oral à história, que utilizada em recurso de oralidade deve ser contação de histórias e não leitura dramática, uma arte relativamente

nova e impregnada de pontos como o da arte de declamar, pode gerar, principalmente em contadores iniciantes, uma certa mecanização.

Oralidade: recordar para narrar

Ao optar se aventurar pelo viés da oralidade, é impossível não se deixar aprofundar na história e na arte milenar de contar histórias, sem se voltar para si mesmo e se aprofundar em sua própria memória e suas próprias histórias. Afinal, quem procura conhecer suas causas e seus efeitos consegue se permitir estar disponível, para o exercício da oralidade através da história.

Descobrir, então, suas histórias, descobre-se como um ser “contador”, para assim descobrir e contar outras histórias. Afinal, cada contador de histórias terá seu estilo único e intransferível e a partir do seu perfil e preferências vai desenvolvendo seu estilo. Desse modo, alguém que goste de música poderá utilizá-la nas histórias ou alguém que goste de objetos poderá trazê-los para sua performance. O importante é fazer essas escolhas sempre colocando a história em primeiro lugar e questionar-se: - “Faz parte do meu gosto e estilo? Cabe dentro da história? Se sim, então, é válido! ”

Além de descobrir o contador que o professor será, através desse mergulho pessoal em suas próprias histórias, ele poderá recuperar e valorizar a memória pessoal e a memória das sociedades orais em que está inserido. A ativação da memória faz o contador entender que é um ser que conta, que é repleto de histórias e que já está inerente em si o poder de evocar as palavras faladas: o poder da narrativa (TRAÇA, 1992). A atualização de lembranças e a ativação de memórias poéticas que podem libertá-lo de amarras e pudores, permitindo que a narrativa seja intensa e que o contador possa ser conduzido por sua história.

Quando escolhemos por contar histórias, optamos por uma série de resgates: recuperar nossa infância, reencontrar nossos folguedos, medos, mitos e, assim, refazer nossa trajetória afetiva; redefinir nossa imagem social diante daquilo que nos tornamos; visitar nossa noção de cidadania para redimensionar nossas crenças na palavra como no gesto sonoro capaz de se propagar ao infinito, incitar mudanças e recompor o lugar de seres criadores que todos ocupamos no mundo. (SISTO, 2012, p. 26)

Nesse processo intenso e progressivo, o professor contador vai se munindo das estratégias e abordagens teóricas e metodológicas, que fazem a história soar como canção e permitir que todo o ser reaja a essas histórias com verdade, conceituado essa verdade como um sentimento e emoção sincera. Ou seja, não é possível contar histórias sem se deixar envolver por ela. Nessa prática de mediação de leitura, o professor contador precisa de entrega, estar presente, intenso. Ela exige de forma velada e generosa que o ouvinte compartilhe da mesma ação e nessa ação interlocutiva estarão em pouco tempo, os dois a serviço da história e de um movimento ritualístico que a oralidade restaura através dessas experimentações.

As práticas pedagógicas envolvem, dessa maneira, um professor contador de corpo inteiro. Um corpo expressivo que conta histórias. Sim, mesmo sentado em uma cadeira durante uma narrativa, existe um corpo que se expressa e que foi sendo nutrido pela apropriação, estimulação da memória e pela criatividade, e deverá conseguir exteriorizar

essas descobertas. Neste ponto, o teatro pode ser muito útil à contação de histórias. Sua maior contribuição diz respeito às potencialidades corporais e vocais que podem ser estimuladas. (FARIA, 2011)

Corporalmente, o professor pode despir-se de tensões e medos que venham impedi-lo de experimentar. Olha para si novamente. Mas para o exterior, para esse corpo. Expressão corporal nos traz a ideia de possibilidades diversas de expressão corporal. Que corpo? O meu, com suas limitações, descobertas, experiências, memórias e reações, único dotado de um discurso próprio. A partir desse corpo são construídos os movimentos, tanto os do dia a dia, quanto aqueles pensados e trabalhados para a contação de histórias. O corpo através da construção das metáforas cotidianas como costumes e modos culturalmente impostos, metáforas construídas através do pensamento e corporificadas tal como regras de etiqueta, se torna condicionado a formas estabelecidas e as leva para suas performances.

Esse condicionamento faz com que o contador de histórias se acomode em suas possibilidades e não reorganize seu corpo com novas dificuldades e desafios para a criação. Se, por exemplo, se acostumou a se abaixar daquele jeito para pegar o papel no chão, seu corpo se condiciona e na hora de contar reproduz o movimento, sem buscar outra possibilidade de realização do mesmo gesto.

Possibilidades é este o pedido da história que tem ânsia por ser contada. Ela deseja que o corpo experimente. Experimente o pé que pode voar e ser uma borboleta, as mãos que demonstram amor de um jeito único ou os passos que andam na prancha do pirata. O corpo só irá experimentar se permitir dar-se à descoberta, lidar com a exposição, olhar o mundo com o olhar de criança, do aprendiz, e voltar a brincar, liberando-o das tensões socialmente impostas. Caminho que vai sendo possível neste processo de jogo da oralidade, que encaminha o contador de seu mundo interno, para o olhar para o mundo exterior. Da experiência com a memória, vem a descoberta de um repertório pessoal de movimentos e gestos, que possam ser vivenciados e experimentados, assim como a palavra, não reproduzidos nem mecanizados, sem espaço para clichês e estereótipos.

É importante pensar que a partir do momento em que se colocou frente a um grupo, a presença gera leitura, desde a palavra, a vestimenta até os mais delicados gestos. Desse modo, tudo precisa ser pensado e ser de forma intencional. A intencionalidade não significa inflexível, rígida ou ação cristalizada, e, sim, uma experiência que está sendo experimentada, trabalhada, planejada. Um gesto pontual realizado por um corpo envolvido na história a ser contada, encaminhará ainda mais o ouvinte/espectador para envolver-se com a história e sua contação. Afinal, o ouvinte também é um espectador motivante, pois recebe a história com todos os seus sentidos e sensações. É justamente a força presencial e ritualística que faz da arte da contação de histórias tão especial e singular.

O mesmo caminho deve ser tomado pela voz. Do teatro podem vir técnicas que auxiliem a voz a se destacar no grupo tendo força de emissão: que auxiliem a articulação, a pronúncia das palavras e a construção de uma fluência verbal que está ligada à capacidade de falar bem sem tensões e amarras. Uma voz que brinque, que descubra novas vozes a cada personagem evocado e que, sobretudo, seja canal de passagem de toda a emoção e memórias contidas em cada história. Também que a voz mostre as pausas, que deixe aparecer o silêncio poético. O fator mais determinante nesta busca é o uso da respiração, que

ao ser trabalhada diminui as tensões vocais e corporais, estimula o jogo e inibe a ansiedade e o nervosismo que minam a experiência da exposição. Ao perceber e considerar seus corpos e sua voz como instrumentos de criatividade para a história, o professor contador se coloca em posição disponível e descobre que são grandiosos os voos que ele poderá alcançar.

Nesse encontro de disponibilidade, chegamos ao jogo da oralidade e traz do teatro e da vida o ponto de estruturação.

A existência da teatralidade no contador de histórias tradicional me parece evidente. Podemos também falar neste sentido de um jogo teatral, no qual são produzidos simultaneamente uma narrativa e um jogo. Trata-se de uma interpretação sempre espontânea, menos autoritária, jamais submissa ao texto escrito e menos ainda ao desejo de um diretor de cena. Para os contadores de histórias, essa forma de expressão que podemos chamar de teatrais são especificamente orais: elas procedem de uma improvisação verbal e gestual. (PATRINI, 2005, p. 108)

Conforme Patrini (2005), a linha que separa ou une o teatro e a contação de histórias é tênue ou até inexistente. A autora considera que a origem do teatro é tão primitiva e popular quanto a da contação de histórias, e o que há de interesse entre ambas as linguagens artísticas são os elementos de jogo e improvisação. O jogo provoca uma relação de dependência entre contador e ouvinte/espectador. Como qualquer esquema cognitivo, Koudela (1984) entende que há dois processos associados ao jogo, a saber: ele assimila a nova experiência e, então, prossegue pelo mero prazer do domínio. Essa dependência entre jogo e prazer é essencial para o sucesso da história. É uma parceria em que um esconde e o outro se interessa, um mostra e o outro se surpreende. Entretanto, essa troca só se estabelece quando a experiência cognitiva do jogo não é taxada ou limitada pelo domínio crítico da razão. (KOUDELA, 1999)

Ao jogar o contador de histórias descobre possibilidades criativas e soluções expressivas para sugerir e potencializar suas narrativas e consegue uma experiência oral muito mais completa. Esse jogo mantém a atenção do ouvinte/espectador que permanece com o contador durante a história. Ele se sente parte dela, sendo surpreendido a cada pausa, gesto, movimento e olhar, que o contador direciona e destaca, quer seja uma imagem quer seja uma palavra ou uma pausa. O acompanhamento do ouvinte/espectador é que também irá ser fio condutor das emoções em ressignificar a narrativa das histórias contadas. É um momento de entrega e de conquista, conquista da história em suas vidas, que como um espelho refrata em ambos, pedaços de si mesmos em constante interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este trabalho apresentar uma proposta metodológica para professores contadores de histórias por meio do desenvolvimento da oralização como recurso e técnica para o aprimoramento do contador de histórias que não vem do teatro, mas sempre poderá se apropriar dos conhecimentos da linguagem cênica como fonte de pesquisa e, por meio dela, descobrir mais de si mesmo, a fim de que possa ser um instrumento de muitas e valiosas histórias.

Com o caminho teórico e metodológico traçado pelo jogo da oralidade, na prática pedagógica do professor contador de histórias provoca uma tomada de decisão para

saída de sua zona de conforto, amparado pelo livro e a de despir-se de pré-julgamentos e medos mergulhando em uma pesquisa acerca de si mesmo. O mergulho consiste em uma retomada da oralidade em equilíbrio com a literatura, uma apropriação da história sem a memorização pela memorização e, sim, com artifícios de estimulação da memória e de pesquisa e envolvimento com a obra. Esse envolvimento profundo faz com que o professor contador se aproxime de si mesmo, olhando para suas memórias, suas comunidades orais e sua capacidade de ser constante. Gerando predisposição para liberar tensões corporais e vocais, ele evoca emoções e descobre gestos e movimentos expressivos no seu trabalho docente com o jogo da oralidade e da contação de histórias, sobretudo ao experimentar o jogo e a improvisação.

Por fim, a aplicação prática dessas experimentações vem possibilitando em cursos e formações de professores contadores novos olhares e descobertas de contadores de histórias, que aprendem a cada dia, a se permitir mais e mais, em meio a uma sociedade cada vez mais midiática e digital, projetar suas almas para o rito mais ancestral para parar e observar: falar e ouvir e deixar-se inebriar pela arte transmitida pela contação de uma história. Contar, encontrar-se a si e ao outro num processo intenso de interação e encantamento.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In: GIRARDELLO, Gilka (org.). Baús e Chaves da narração de Histórias. Florianópolis: SESC – Santa Catarina, 2004, p. 152-159.
- BEN-AMOS, Dan. Catégories analytiques et genres populaires. In: Poétique. Paris: Seuil, 1974.
- FARIA, Alessandra Ancona. Contar histórias com o jogo teatral. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRAFF, Harvey J. O mito do analfabetismo. Teoria e educação. Porto Alegre: 1990.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e jogo. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MACHADO, Regina. Memorar, a que será que se destina? Revista Sentidos da Cultura/ Universidade do Estado do Pará. V.5, N.8. p. 48-56. Belém: EDUEPA, Jan/Jun. 2018.
- PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto - emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.
- QUEIROZ, Sonia (Org.). A tradição oral. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.
- REYZÁBAL, Maria Victoria. A comunicação oral e sua didática. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAWYER, Ruth. The way of the storyteller. New York: Penguin Books, 1990.
- SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- SHEDLOCK, Marie L. The art of the story-teller. New York: Dover Publications, 1951.
- TRAÇA, Maria Emilia. O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças. Porto, Portugal: Editora Porto, 1992.

Narrativa sobre o uso de materiais de baixo custo em propostas de ensino de física por investigação

Washington Martins dos Santos

Universidade Federal do ABC. Especialização em Ciência e Tecnologia

RESUMO

O presente trabalho visa mostrar a importância do uso da sala de aula como metodologia de investigação no ensino de física por meio de experimentos confeccionados com materiais recicláveis no aprendizado de física para os alunos do ensino médio. Nesta mesma linha de pensamento o projeto procura mostrar que a teoria aliada à prática potencializa a compreensão dos alunos no ensino da eletrodinâmica, partindo deste princípio o da ideia do desenvolvimento do protótipo para explicar para os alunos sobre circuitos elétricos em paralelo, sendo assim, a física é uma ciência experimental que é essencial que seja adotada em sala de aula o estudo de fenômenos e fatos do cotidiano. Apesar de não ser algo inovador, nossa proposta ao desenvolver o protótipo foi de disponibilizar um equipamento de baixo custo e fácil manuseio, onde o professor pudesse transportá-lo facilmente de uma sala para outra sem a necessidade de a escola possuir um laboratório específico para as aulas práticas de física. A aplicação de atividades práticas no ensino de física é uma contribuição significativa para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, esta facilita o entendimento do assunto visto em sala. Nas aulas experimentais, o uso de materiais de baixo custo é uma alternativa interessante a ser implantada nas aulas, ocasionando uma maior motivação aos alunos. Quando falamos em baixo custo e materiais reciclados podemos ter uma saída viável para superar a falta de recursos. Os experimentos de baixo custo e a construção destes causam dentro da escola uma aproximação tanto do professor com aluno quanto do aluno com a física, já que estes podem trabalhar juntos na aquisição e construção dos experimentos.

Palavras-chave: aprendizagem. sala de aula. laboratório. material reciclável.

INTRODUÇÃO

Para que haja a produção e comunicação dos significados e saberes ligados à experiência, é necessária uma colaboração entre os participantes da investigação. Neste sentido, a Pesquisa Narrativa também é um processo de colaboração, pois tanto as histórias contadas pelos participantes como pelos pesquisadores podem ser histórias de



empoderamento. Essas histórias podem conduzir os participantes a significarem a produção de sentidos produzidas pelas narrativas e significarem a própria experiência, como pondera Moraes (2000, p. 81).

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entre se cruza de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras.

Segundo Galiazzi e colaboradores (2013), a experimentação investigativa é uma forma de oportunizar que fenômenos possam ser compreendidos, explicados e até mesmo previstos por meio da construção de objetos aperfeiçoáveis, em que a criação de modelos com hipóteses de funcionamento possibilita surgir questionamentos, argumentos e hipóteses, que poderão auxiliar no aperfeiçoamento do objeto construído, permitindo assim, a compreensão do fenômeno em estudo. Essa prática, segundo os mesmos autores favorece:

a problematização e tomada de consciência de possíveis equívocos a partir de objetos aperfeiçoáveis que permitem produzir evidências e com elas argumentação a favor ou contra o modelo explicitado pelos sujeitos em atividade investigadora. (IDEBEM, p.3)

Assim, em meu presente trabalho proponho a utilização de materiais recicláveis (de baixo custo) para elaboração de experimentos nas aulas de física para os alunos da rede estadual de ensino.

Diante das dificuldades de verbas para aquisição de materiais e estruturação de laboratórios, é interessante a proposta de as turmas do ensino médio de uma escola estadual usarem do espaço da sala de aula como ambiente fundamental de investigação no ensino de Física para atividades que possam ser desenvolvidas com materiais de baixo custo (recicláveis e/ou sucatas). Sendo assim, a questão problema deste trabalho é “Há a possibilidade de se trabalhar com materiais de baixo custo para suscitar o processo investigativo de aprendizagem em alunos de ensino médio na disciplina de Física?”.

Assim, neste trabalho é proposta uma sequência didática com objetivo de demonstrar por meio de quatro aulas teóricas e duas aulas práticas o ensino investigativo da eletrodinâmica baseado no funcionamento de circuitos elétricos em série e paralelo, com a construção de um protótipo utilizando materiais de baixo custo.

Ensinar física não é simplesmente apresentar conhecimentos aos alunos, colocar conteúdo e esperar que eles, em um passe de mágica, passem a dominar a matéria. Freire (1998) ressalta que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Segundo Libâneo (1990) a aprendizagem escolar é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. O físico brasileiro Marcelo Gleiser nos lembra que: “[...] um dos aspectos mais belos da ciência é ela ser capaz de explicar quantitativamente fenômenos observados”. Este autor adverte ainda:

Lamentavelmente, ainda é possível para um aluno terminar a oitava série sem jamais ver algum fenômeno ligado às equações que ele ou ela estudou em classe. (GLEISER, 2000, p.04)

As justificativas para a não realização de atividades experimentais são muitas e bem conhecidas entre professores e alunos: número reduzido de aulas de Física, professores despreparados e/ou desmotivados e, principalmente, falta de um laboratório equipado.

No entanto, há mais de duas décadas Axt e Moreira (1991) já apontavam que uma série de experimentos e atividades práticas que poderiam perfeitamente ser realizadas dentro das salas de aula, são deixadas de lado pelos professores que acreditam necessitar de salas especiais para esse fim.

A opção por práticas experimentais que fazem uso de materiais reciclados e de baixo custo justifica-se por torná-las acessíveis a todas as escolas, sobretudo àquelas com poucos recursos financeiros. (VALADARES, 2001). A utilização destes materiais possibilita que se realizem atividades experimentais sem a necessidade de laboratórios muito menos sofisticados, o que vai ao encontro da realidade da grande maioria de escolas públicas brasileiras.

REVISÃO DA LITERATURA

O método investigativo no ensino de Física é essencial para que os alunos possam vivenciar as teorias, pois as práticas experimentais possibilitam um ensino investigativo da abordagem do conteúdo proposto pelo educador, propondo, por exemplo, se utilizar de materiais de baixo custo (recicláveis ou sucatas) para o ensino de eletrodinâmica - circuitos elétricos em série e paralelo com o intuito de fomentar a aprendizagem destes conceitos.

Corroboro com Cordeiro *et al.* (2011) ao afirmarem que:

É importante frisar que a ausência de laboratório de Física equipado é uma realidade impactante que frustra o docente, porém lhe instiga a desenvolver experiências novas diante da realidade que o desafia, nesta tarefa tão necessária que é a compreensão dos fenômenos naturais, missão esta peculiar da Física. (CORDEIRO, 2011, p. 2).

A opção por materiais alternativos e de baixo custo está em consonância com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que ao sugerirem estratégias para abordagem dos temas, afirmam:

As habilidades necessárias para que se desenvolva o espírito investigativo nos alunos não estão associadas a laboratórios modernos, com equipamentos sofisticados. Muitas vezes, experimentos simples, que podem ser realizados em casa, no pátio da escola ou na sala de aula, com materiais do dia a dia, levam a descobertas importantes. (BRASIL, 2002, p. 55).

Os materiais de baixo custo são aqueles que constituem um tipo de recursos que apresentam as seguintes características: são simples, baratos e de fácil aquisição. São materiais que facilitam o processo de ensino aprendizagem, pois são utilizados, para a realização dos trabalhos experimentais, que são indispensáveis no ensino de física. As escolas não podem ficar esperando, de braços cruzados, que sejam implantados amplos laboratórios com todo material do qual necessitam para ter aulas práticas. Isso não

acontecerá. É preciso então, buscar formas alternativas: experimentar na sala de aula mesmo ou fora dela, juntar material aqui e acolá que possam ser reaproveitados e reciclados, envolver os alunos na confecção dos experimentos, para que se consiga melhorar o ensino das atividades práticas em física

Portanto, é no sentido de promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria sócio-ambiental, e de potencializar a função da educação para as mudanças culturais e sociais, que se insere a Educação Ambiental no planejamento educacional para o desenvolvimento sustentável.

Para Gaspar e Monteiro (2005), é por meio dos experimentos que as ciências encantam e aguçam o interesse das pessoas. O uso de experimento em sala proporciona aos alunos a comprovação da origem de diferentes possibilidades de aprendizagem na disciplina a ser ministrada, despertado assim no estudante a participação e a curiosidade na discussão da matéria.

A atividade de demonstração experimental em sala de aula, particularmente quando relacionada a conteúdos de Física, apesar de fundamentar-se em conceitos científicos, formais e abstratos, tem por singularidade própria a ênfase no elemento real, no que é diretamente observável e, sobretudo, na possibilidade simular no micro-cosmo formal da sala de aula a realidade informal vivida pela criança no seu mundo exterior. Grande parte das concepções espontâneas, senão todas, que a criança adquire resultam das experiências por ela vividas no dia-a-dia, mas essas experiências só adquirem sentido quando ela as compartilha com adultos ou parceiros mais capazes, pois são eles que transmitem a essa criança os significados e explicações atribuídos a essas experiências no universo sócio-cultural em que vivem (GASPAR E MONTEIRO, 2005, p. 232).

Percebe-se, neste fato, por intermédio desse método de investigação, que o estudante obtém uma aprendizagem eficaz que o satisfaz segundo o seu ponto de vista, ou seja, segundo o seu contexto histórico-cultural, resultando assim num aprendizado por intermédio da construção de conhecimento. Segundo Vygotsky (2001), cada ser é capaz de aprender por intermédio do seu contexto histórico-cultural, ou seja, a partir do momento que o indivíduo visualiza algum objeto, fenômeno o mesmo será capaz de relacionar o conhecimento adquirido com diversos fatos vivenciados no seu cotidiano. Para formar um conceito o indivíduo tem que ter vivenciado o fato; na visão de Vygotsky a aprendizagem acontece através de três mediações: reflexão, mediação e evolução.

O desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos - cabe pressupor - são processos intimamente interligados, que exercem influências um sobre o outro. [...] independentemente de falarmos do desenvolvimento dos conceitos espontâneos ou científicos, trata-se do desenvolvimento de um processo único de formação de conceitos, que se realiza sob diferentes condições internas e externas mas continua indiviso por sua natureza e não se constitui da luta, do conflito e do antagonismo de duas formas de pensamento que desde o início se excluem (VYGOTSKY, 2001, p. 261)

No primeiro momento o indivíduo depara com o tema e cria dúvidas. Cabe ao professor mediar esses conflitos para proporcionar a evolução do conhecimento; o educador poderá direcionar e controlar essa evolução para que o aluno possa atingir o melhor do seu potencial sobre o tema abordado. A partir da visão experimental, o adolescente pode demonstrar o nível de conhecimento em que se encontra.

Por intermédio do experimento o estudante pode observar a ação de modo que ele

passa a criar um raciocínio lógico da natureza, onde a capacidade de interpretar a ciências (em específico a disciplina de física) será potencializada. Na aprendizagem o experimento trará benefícios no ponto de vista intelectual, social e didático. Como benefício intelectual o experimento dará a capacidade ao aluno de interpor, questionar, de averiguar o fenômeno, proporcionando a capacidade de interpretar. Como benefício social, ao inserir o experimento em sala o indivíduo passa a associar existência do fenômeno, em diversos lugares do seu cotidiano, enfatizando a importância de possuir o conhecimento.

Como benefício didático, os experimentos transformam conteúdos maçantes em atividades interessantes, revelando certas facilidades através da aplicação experimental. Outro benefício levantado didaticamente é o disciplinar, quando há interesse pelo que está sendo apresentado, faz com Há uma maior participação do aluno e automaticamente a disciplina é alcançada. Nos aspectos psicomotores encontram-se as habilidades musculares e motoras, da manipulação de objetos, Na escrita e na percepção fenomenológica do experimento.

Segundo Vygotsky (2007), desde que nasce o ser humano está rodeado por seus pares num ambiente cultural. Defende que o próprio desenvolvimento da inteligência é o produto dessa convivência. Para ele, o homem só se constitui nas interações sociais, assim sendo, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas numa determinada cultura.

Os aspectos cognitivos dependerão de como a aprendizagem e a maturação vão reagir, podem variar desde uma simples lembrança até mesmo da formulação e combinação de ideias, proporem soluções e delimitarem problemas. Nos aspectos afetivos incluem sentimentos, emoções, aptidões de ocultação e rejeição de aproximação ou de afastamento.

O fato é que esses três aspectos interdependem um do outro, ou seja, o estudante necessita dos três aspectos para se tornar um indivíduo preparado. Com respeito às categorias psicomotoras, cognitivas e afetivas devem-se levar em conta diversos pontos básicos: a interação entre experimento e aluno, deixando-o livre para que a percepção do fenômeno contido no experimento seja á sua interpretação; a criatividade para que o educando possa moldar o seu conhecimento em respeito a sua capacidade cognitiva; curiosidade para que o estudante possa pesquisar teoricamente o fenômeno observado no experimento.

O Ensino de Física por Investigação proporciona ao aluno que ele se torne uma espécie de cientista, pois, ao procurar soluções para os problemas apresentados (sem a mesma rigidez apresentada aos cientistas), os alunos, aspiram à construção do conhecimento de maneira eficaz. Para isso, faz-se necessário, como afirma Azevedo (2009, p.20).

As recentes investigações parecem mostrar que deixando como atividades separadas a resolução de problemas, a teoria e as aulas práticas, os alunos acabam com uma visão deformada do que é ciência, já que na realidade do cientista, essas formas de trabalho aparecem muito relacionada umas com as outras, formando um todo coerente e interdependente.

Os experimentos realizados permitem ao aluno o desenvolvimento, alcançando objetivos como a linguagem, a motricidade, a atenção e a inteligência. O educador de física precisa planejar bem as aulas experimentais para que os experimentos seja suporte

eficiente no processo do ensino e aprendizagem.

Com isso é proposto aqui um ensino investigativo em física no ensino de eletrodinâmica com materiais de baixo custo desenvolvendo um protótipo para que os alunos explorem conhecimentos sobre circuitos elétricos em série e paralelo, alinhando teoria e prática tornando assim, o conteúdo de física uma aprendizagem significativa.

Apresentar um conteúdo físico, associado a uma atividade experimental que o contextualiza, possibilita então uma aprendizagem significativa, quando esta relação entre o aluno e o material educativo é adequadamente mediada pelo professor.

Essa mediação, caracterizada por certa liberdade do aluno em manipular o experimento, exige que o professor estimule seu aluno a buscar e formular hipóteses, testá-las e expô-las, a fim de que, em não havendo congruência de significados, o professor encontre novas estratégias, com vistas para que haja convergência dos

Araújo e Abib (2003, p.177) destacam o consenso do potencial da experimentação para a aprendizagem significativa, reconhecendo, entretanto que ainda há uma forte abordagem tradicional nos materiais de apoio aos professores. Há também uma diversidade de significados que essas atividades podem assumir em diferentes contextos.

A análise do papel das atividades experimentais desenvolvida amplamente nas últimas décadas revela que há uma variedade significativa de possibilidades e tendências de uso dessa estratégia de ensino de Física, de modo que essas atividades podem ser concebidas desde situações que focalizam a mera verificação de leis e teorias, até situações que privilegiam as condições para os alunos refletirem e reverem suas idéias a respeito dos fenômenos e conceitos abordados, podendo assim atingir um nível de aprendizado que lhes permita efetuar uma reestruturação de seus modelos explicativos dos fenômenos (ARAÚJO E ABIB, 2003, p.177)

OBJETIVOS

Objetivo geral deste trabalho é apresentar uma sequência didática que incentive experimentação em sala de aula, de forma que o professores e alunos consigam explicar os fenômenos físicos que ocorrem em sua volta.

Como objetivos específicos deste trabalho, proponho:

- Instigar o aluno ao conhecimento científico, tendo como base a experimentação no ensino de eletrodinâmica, especialmente no que tange os conceitos relacionados aos circuitos com componentes em paralelos.
- Evidenciar a viabilidade da utilização de materiais de baixo custo na construção dos experimentos (Plástico, PVC, tábua, presilhas, bocais, fios, etc.).

METODOLOGIA

O termo metodologia tem diferentes significados, sendo aplicado em diferentes contextos. De modo geral, ela é entendida como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”(MINAYO, 2011, p.16).

De acordo com Gonçalves (2005), o caminho para chegar a um fim é a tradução para a palavra – métodos, estudo sistemático, e logo, investigação. Portanto no sentido etimológico, “metodologia significa o estudo dos caminhos a serem seguidos, incluindo aí os procedimentos escolhidos” (GONÇALVES, 2005, p. 62).

Neste trabalho de conclusão de curso, é proposta uma sequência didática tendo como objetivo demonstrar por meio de quatro aulas teóricas e duas aulas práticas o ensino investigativo da eletrodinâmica com o intuito o funcionamento de circuitos elétricos em série e paralelo, com a construção de um protótipo utilizando materiais de baixo custo.

Os materiais de baixo custo são aqueles que constituem um tipo de recursos que apresentam as seguintes características: são simples, baratos e de fácil aquisição. São materiais que facilitam o processo de ensino aprendizagem, pois são utilizados, para a realização dos trabalhos experimentais, que são indispensáveis no ensino de física.

Por intermédio do experimento o estudante pode observar a ação de modo que ele passa a criar um raciocínio lógico da natureza, onde a capacidade de interpretar a ciências (em específico a disciplina de física) será potencializada. Na aprendizagem o experimento trará benefícios no ponto de vista intelectual, social e didático.

Como benefício intelectual o experimento dará a capacidade ao aluno de interpor, questionar, de averiguar o fenômeno, proporcionando a capacidade de interpretar. Como benefício social, ao inserir o experimento em sala o indivíduo passa a associar existência do fenômeno, em diversos lugares do seu cotidiano, enfatizando a importância de possuir o conhecimento.

Como benefício didático, os experimentos transformam conteúdos maçantes em atividades interessantes, revelando certas facilidades através da aplicação experimental.

Os experimentos realizados permitem ao aluno o desenvolvimento, alcançando objetivos como a linguagem, a motricidade, a atenção e a inteligência. O educador de física precisa planejar bem as aulas experimentais para que os experimentos seja suporte eficiente no processo do ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sequência didática aqui proposta é composta por seis aulas, apresentado a seguir:

Primeira e segunda aula – Levantamento da Aula utilizando as simbologias simples da eletricidade para resistores, lâmpadas, geradores e chave interruptora posteriormente a proposta do problema a ser investigado.

Terceira e quarta aula - Aula sobre associação mista de resistores, posteriormente trabalhando as hipóteses levantadas pelos alunos. E demonstrações das relações entre os cálculos da corrente elétrica, tensão e resistência.

Quinta aula - Aula prática com montagem do protótipo com materiais de baixo custo para realização das atividades experimentais

Sexta aula – Aula prática com aplicação do protótipo em sala de aula para demonstrar

método investigativo no ensino de física em circuitos em série e paralelo.

Então, apresento aqui a sequência, aula por aula (50 minutos cada), de como as atividades foram desenvolvidas.

Nas primeira e segunda aulas, por meio de uma videoaula foi apresentado aos alunos os modelos de simbologias simples da eletricidade para resistores, lâmpadas, geradores e chave interruptora.

Em seguida propomos um questionamento prévio contendo perguntas referentes ao conteúdo da aula teórica a fim de observar o nível de conhecimento dos alunos no assunto abordado e acionar os subsunçores dos mesmos.

- 1) Qual a diferença entre tensão elétrica e potência elétrica ?
- 2) Você conhecia o instrumento que serve para medir tensão elétrica ?
- 3) O que é uma corrente elétrica?
- 4) Qual diferença entre uma associação elétrica em série e em paralelo?
- 5) Qual a sua maior dificuldade para aprender física?
- 6) A criação de equipamentos para laboratórios de física ajudaria na sua aprendizagem?
- 7) Você gostaria de construir este protótipo na sala de aula usando materiais recicláveis?
- 8) Você conseguiria entender melhor circuitos paralelos através de uma aula prática?

A utilização de recursos tecnológicos durante a prática de ensino para a facilitação da didática metodológica é sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997). Nesse sentido, vídeos didáticos ou vídeo-aulas se caracterizam como um recurso que pode ajudar o professor de Física a proporcionar aos seus alunos uma melhor compreensão do conteúdo em questão (PEREIRA, 2008). Além disso, o vídeo é um recurso que impressiona todos os sentidos humanos (MORAN, 2005) podendo facilitar o processo de ensino. Assim sendo, mídia visual é um recurso que pode auxiliar na tentativa de dinamizar as aulas de Física.

Diante deste cenário, é importante criar alternativas e ferramentas que ajudem o professor de Física a superar tal realidade. Uma das alternativas pode estar na produção de materiais, com o auxílio de tecnologias, que possam ser utilizados pelos professores, que motivem os alunos e que possibilitem o uso de recursos disponíveis nas escolas.

Nas terceira e quarta aulas, os conteúdos foram sobre associação mista de resistores e demonstrações das relações entre os cálculos da corrente elétrica, tensão e resistência.

Os resistores são componentes que aparecem com frequência nos circuitos elétricos, sejam sozinhos ou associados a outros resistores. Para melhor análise dos circuitos é comum substituímos uma determinada associação por um elemento único conhecido por resistência equivalente, (R_{eq}), que pode ser calculada de acordo com o tipo de arranjo: paralelo ou em série.

Existem três pontos que qualificam uma ligação em paralelo, o primeiro é: se percorrermos o circuito do ponto a até o ponto b, por qualquer que seja o caminho, admitindo que no caso analisado só existam dois, encontraremos apenas um dos elementos paralelos. O segundo ponto a ser observado é: quando aplicamos uma DDP nos terminais da associação, ou seja, nos pontos a e b, a mesma tensão deverá ser medida nos terminais de cada resistor. O terceiro ponto a ser analisado é: considerando que no arranjo se utilizam dois resistores diferentes, R1 e R2, a corrente total i_T , que flui do ponto a e chega ao nó n1, (entende-se por nó, o ponto de encontro de três ou mais ramos de um circuito), se divide, sendo que parte da corrente, denominada de i_1 , segue através do resistor R1, enquanto a outra parte da corrente, i_2 , segue através do resistor R2, unindo-se novamente no nó n2, de forma que a corrente total i_T seja o somatório das correntes i_1 e i_2 .

A associação de dois resistores em série é da mesma forma como foi avaliado na associação de resistores em paralelo, esse arranjo também possui três pontos que caracterizam uma ligação em série. O primeiro ponto é: se percorrermos o circuito do ponto a até o ponto b, passamos através de todos os elementos em sucessão. O segundo ponto é: a soma da diferença de potencial de cada elemento é igual a DDP aplicada nos terminais a e b do arranjo. O terceiro ponto a ser observado é: a corrente é igual para cada elemento, ou seja, i_T é igual a i_1 que é igual a i_2 .

A quinta e sexta aula envolveram atividade prática com montagem do protótipo utilizando materiais de baixo custo para realização das atividades experimentais, matérias plásticas, soquetes, fios.

A teoria educacional de Paulo Freire nos instiga a pensar na importância de uma cultura escolar em que se aprende fazendo. Segundo Freire (1996, p. 86) é importante:

[...] estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas [...]. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles [...] é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivadora, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

A base do movimento *maker* irá se encontrar, na educação, nos desafios que os alunos terão que passar para chegar à solução de cada problema e isso difere o estilo da aula expositiva tradicional, pois o aluno agora irá colocar em prática o que foi aprendido a partir de ferramentas, conseguindo então, compreender e aprimorar o que foi visto em sala de aula.

A partir disso, o movimento *maker*, que possui sua origem na democratização dos meios de produção, visto que ele é sucessor do famoso movimento do faça você mesmo, tem por objetivo: “[...] fazer as tecnologias de fabricação serem acessíveis a ‘quase qualquer pessoa’ e assim empoderar as pessoas para começarem o futuro tecnológico delas” (BANDONI, 2016, p. 53).

O movimento *maker* traz seu objetivo no próprio nome, em que *maker*, do inglês, significa “fazer”, e neste caso tem relação direta com o termo “faça você mesmo”. Especialistas em educação defendem que o ensino *maker* pode formar cidadãos aptos a pensar “fora da caixa”. O modelo atual é muito centrado na teoria e menos na imersão do

sujeito na prática. O modelo *maker* possibilita aos alunos colocarem a mão na massa e aprender de uma forma mais engajadora e envolvente. Esta atividade trabalha com este modelo no desenvolvimento no qual os alunos propõem suas ideias conforme a necessidade da escola em estudo dentro do tema estipulado pela escola, levando em conta o *design thinking* os alunos desenvolvem o protótipo que envolve todo trabalho de equipe, criação e invenção conforme mostra a figura abaixo.

Figura 1 – Protótipo construído com materiais reciclados para a realização investigativa em sala de aula referente aos conceitos de eletrodinâmica envolvendo associação elétrica em série e paralelo.

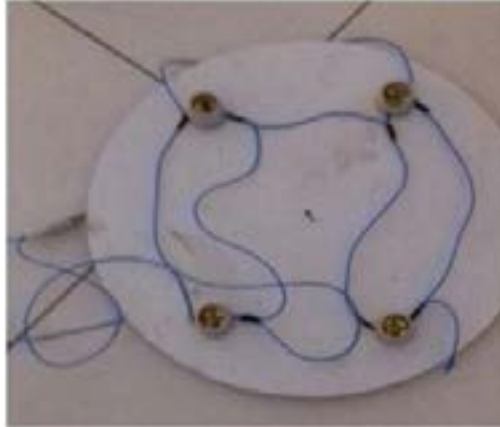
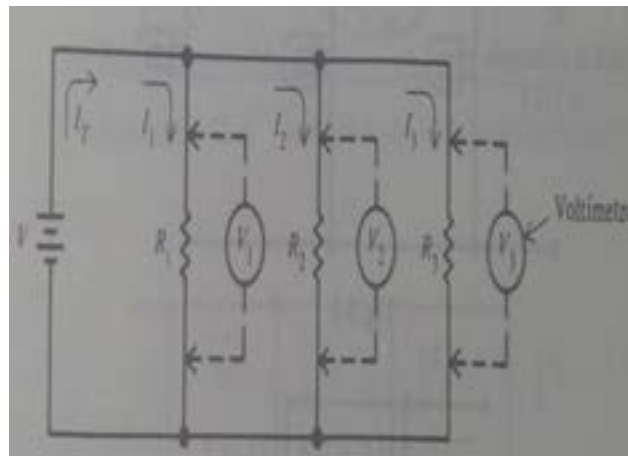


Figura 2 - Funcionamento de um circuito em paralelo.



Fonte: Gussow, Milton – adaptado.

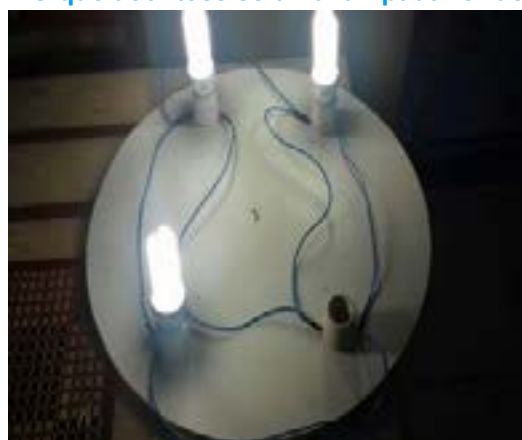
Conforme mostra a figura 2, um circuito paralelo é aquele no qual dois ou mais componentes estão ligados à mesma fonte de tensão. Os resistores R_1 , R_2 e R_3 estão em paralelo entre si e com a bateria. Cada percurso paralelo é então um ramo ou malha com a sua própria corrente. Quando a corrente total I_T sai da fonte de tensão V , uma parte I_1 da corrente I_T flui através de R_1 , uma outra parte I_2 flui através de R_2 , e a parte restante I_3 passa através de R_3 . As correntes, I_1 , I_2 e I_3 nos ramos podem ser diferentes. Entretanto, se for inserido um voltímetro (um instrumento que serve para medir a tensão de um circuito) através de R_1 , R_2 e R_3 , as respectivas tensões V_1 , V_2 e V_3 serão iguais. Portanto,

$$V = V_1 = V_2 = V_3$$

$$I_T = I_1 + I_2 + I_3$$

Figura 3 - Lâmpadas com brilhos iguais.

Nota-se que o brilho das lâmpadas são os mesmos e isso acontece porque a tensão é igual para todas as lâmpadas, já a corrente elétrica se divide entre os caminhos ou malhas, como as lâmpadas são idênticas eles ficam com o mesmo brilho.

Figura 4 - O que acontece se uma lâmpada for desligada?

Observe que se uma lâmpada for desligada o brilho das demais não mudam, isso acontece porque o brilho não está relacionado com a corrente elétrica, ele tem relação com a tensão. Se o brilho tivesse relação direta com a corrente, quando uma lâmpada fosse desligada, a corrente que passava por este caminho seria transferida pelos os demais caminhos, com isso a corrente ficaria mais forte e o brilho também. Como o brilho não depende da corrente elétrica, depende da tensão, então elas vão permanecer com o mesmo brilho.

O primeiro passo foi escolher a escola no intuito de conseguir levantar dados sobre as principais dificuldades que os alunos enfrentam quando o assunto é a disciplina de física, foi elaborado um plano de aula no qual foi coletado estas dificuldades para entender conteúdo de eletrodinâmica na abordagem de circuitos em série e paralelo, após a construção do protótipo utilizando materiais de baixo custo no qual foi apresentado para os alunos, mostrando na prática seu funcionamento com a interação e participação de todos que poderão constar por intermédio do experimento que estudante pode observar a ação de modo que ele passa a criar um raciocínio lógico da natureza, onde a capacidade de interpretar a ciências (em específico a disciplina de física) será potencializada. Na aprendizagem o experimento trará benefícios no ponto de vista intelectual, social e didático.

No decorrer do desenvolvimento nos deparamos com algumas situações necessárias ser pontuadas para que este projeto possa ser reproduzido com sucesso. Soquetes, com

ato de rosquear e desrosquear as lâmpadas, estes por serem constituído de materiais de pouca resistência mecânica, se deformam facilmente podendo provocar mau contato na hora da experimentação.

Necessário uso de lâmpadas incandescentes ou halógenas acima de 42w- 127v para uma obtenção de leitura de corrente pelo aparelho alicate volt amperímetro, pois os equipamentos mais acessíveis têm apenas uma casa decimal.

O uso do equipamento volt amperímetro torna eficaz pois não necessita abrir o circuito para fazer medição de corrente, funciona com a intensidade do campo magnético gerado pela carga do circuito, ou seja, faz a medição de forma indireta o valor da corrente obtém através do campo magnético gerado pela corrente. No uso deste aparelho para medição de corrente apenas um fio da alimentação pode ser colocado do arco, para tanto que o experimento possui fios e uma extensão de fios separados, podendo ser usada a tomada para medições de equipamentos que alunos tragam para interação e compreensão das grandezas elétricas.

Ao adquirir multímetro ficar atento a escalas de leituras, maioria que tem custo baixo não possui escala para medida de corrente alternada, isto se explica, pois, a corrente tem que passar dentro do circuito do aparelho desta forma tendo que ser um aparelho de qualidade para não ocorrer acidentes.

No uso do multímetro é necessário abrir o circuito, desta forma as medições só poderão ser feitas nos pontos onde foram instalados os interruptores, com alicate volt amperímetro isto não ocorre, existe a liberdade de medir a corrente em qualquer ponto.

Se solicitado medir a resistência das lâmpadas com o equipamento na escala do ohmímetro a leitura será inferior à calculada $R = U/I$, pois a lâmpada em funcionamento tem a resistência maior devido às altas temperaturas.

Os resultados encontrados, mesmo que de forma informal, demonstraram perante o professor presente na sala e para os alunos as possibilidades existentes de melhoria do processo de ensino aprendizagem utilizando-se materiais de baixo custo e trazendo o laboratório via kits de trabalho como o nosso protótipo.

Através desta pesquisa para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, o estudo nos mostrou que as aulas práticas não precisam necessariamente contemplar experimentos no laboratório. O professor, percebe-se que as atividades práticas que foram realizadas na sala de aula com os alunos são de extrema importância porque desperta o interesse. Principalmente porque eles podem ver como calcula a resistência e a corrente elétrica em um circuito elétrico em paralelo e como facilita a compreensão do ensino da física.

O conhecimento da física é um instrumento necessário à compreensão do mundo em que vivemos e à formação da cidadania. Espera-se que o ensino de física contribua para a formação de uma cultura científica efetiva. É preciso permitir ao indivíduo a interpretação dos fatos, dos fenômenos e dos processos naturais, situar e dimensionar a interação fundamental entre o ser humano e a natureza, vendo o homem como parte da própria natureza em transformação

De acordo com a definição dos PCNs, a física permite “elaborar modelos de evolução cósmica, investigar os mistérios do mundo submicroscópico, das partículas que compõem a matéria, ao mesmo tempo em que permite desenvolver novas fontes de energia e criar novos materiais, produtos e tecnologias!” (MENEZES, p. 2).

Como benefício intelectual o experimento dará a capacidade ao aluno de interpor, questionar, de averiguar o fenômeno, proporcionando a capacidade de interpretar. Como benefício social, ao inserir o experimento em sala o indivíduo passa a associar existência do fenômeno, em diversos lugares do seu cotidiano, enfatizando a importância de possuir o conhecimento.

Como benefício didático, os experimentos transformam conteúdos maçantes em atividades interessantes, revelando certas facilidades através da aplicação experimental. Outro benefício levantado didaticamente é o disciplinar, quando há interesse pelo que está sendo apresentado, faz com há uma maior participação do aluno e automaticamente a disciplina é alcançada.

Nossa proposta foi mostrar como podemos produzir ferramentas com materiais reciclado ou de baixo custo e de fácil manuseio, onde o professor pudesse transportá-lo facilmente de uma sala para outra sem a necessidade de a escola possuir um laboratório específico para as aulas práticas de física. Como podemos observar durante a aula experimental, é de fundamental importância que o professor faça um bom planejamento antes de utilizá-lo em sala de aula, pois é necessário que os estudantes interajam com as ferramentas, e não apenas observem as demonstrações, desta forma os alunos serão capazes de entender melhor a teoria e serão capazes de descrever os fenômenos.

Com respeito às categorias psicomotoras, cognitivas e afetivas devem-se levar em conta diversos pontos básicos: a interação entre experimento e aluno, deixando-o livre para que a percepção do fenômeno contido no experimento seja a sua interpretação; a criatividade para que o educando possa moldar o seu conhecimento em respeito à sua capacidade cognitiva; curiosidade para que o estudante possa pesquisar teoricamente o fenômeno observado no experimento.

Os experimentos realizados permitem ao aluno o desenvolvimento, alcançando objetivos como a linguagem, a motricidade, a atenção e a inteligência. O educador de física precisa planejar bem as aulas experimentais para que os experimentos seja suporte eficiente no processo do ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, da análise qualitativa e da criação do protótipo nota-se o quanto as aulas práticas aliada a teoria torna uma ferramenta de suma importância para auxiliar na condução da melhor aprendizagem para os alunos, uma vez que os conteúdos são assimilados de forma dinâmica quando relacionada a outras ideias e conceitos.

Na introdução já foi deixado explícito que este trabalho tem como objetivo mostrar aos alunos a importância da investigação em sala de aula, de forma que ele consiga explicar

os fenômenos físicos que ocorrem em sua volta, o que permite aos alunos evidenciarem os conteúdos aprendidos e construídos durante as aulas teóricas.

A pesquisa Narrativa proporcionou ir à busca de autores, especialistas e pessoas com expertise no assunto que fornecessem conteúdo para entender teoricamente as características do processo de ensino-aprendizagem e da relação entre a utilização do laboratório como metodologia de ensino, aliando aulas teóricas e práticas.

As aulas expositivas têm sua importância para o aprendizado, porém, somente trabalhar com aulas expositivas, na qual o professor explica oralmente e utiliza o quadro, na maioria das vezes parece desanimadora para estes alunos. Propor aulas práticas quebra esta monotonia, chama a atenção e com isso gerou curiosidade e um sentimento de satisfação nos mesmos.

Apesar de não ser algo inovador, nossa proposta ao desenvolver o protótipo foi de disponibilizar um equipamento de baixo custo e fácil manuseio, onde o professor pudesse transportá-lo facilmente de uma sala para outra sem a necessidade de a escola possuir um laboratório específico para as aulas práticas de física. Durante a explanação da aula experimental sobre circuito elétrico – ligação em paralelo não era apenas a simples manipulação de objetos e equipamentos com o propósito de constatar fatos, mas, sobretudo, a manipulação de interpretações e ideias sobre observações e fenômenos físicos com o propósito de produzir conhecimento. Através da interação professor- aluno, intervenções, utilizando-se de perguntas e sugestões, realizadas, aos alunos protagonizaram a construção do conhecimento no que se refere ao conceito de circuito elétrico quando questionados a respeito do conceito de eletricidade e corrente elétrica.

Portanto, ficou que o método investigativo explicita a curiosidade e a motivação dos alunos em aprender de maneira diversificada, dinamizada e atrativa o conceito de circuito elétrico antes adquirido somente pela explanação do professor na lousa, por meio do livro didático. Para tanto, é notório que a aprendizagem significativa só se efetiva ao passo que os alunos vivenciem o conceito aprendido em sala de aula de maneira interativa o que possibilita, de forma ativa e autônoma, a promoção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.S.R. e ABIB, M. L. V. S. Atividades experimentais no ensino de física: diferentes enfoques, diferentes finalidades. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, vol. 25, no. 2, Junho, 2003
- ARRIBAS, D.S., (1998). *Experiências de Física ao Alcance de Todas as Escolas*. Rio de Janeiro, FAE. P.146.
- AXT, Rolando. O Papel da Experimentação no Ensino de Ciências. In: MOREIRA, M. A.; AXT, R. *Tópicos em Ensino de Ciências*. Porto Alegre: Sagra, 1991.
- AZEVEDO, M. C. P. A. Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula. Disponível em: Acesso em 02 de setembro 2021
- BANDONI, Andrea. Já não se fazem objetos como antigamente. p. 50-61. In: MEGIDO, Victor Falasca (Org.). *A Revolução do Design: conexões para o século XXI*. São Paulo: Editora Gente, 2016.

- CLANDININ, D. Jean. Engaging in narrative inquiry. Walnut Creek: Left Coast Press. 2013.
- CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. Publicado em 2011.
- FERNANDES, R. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Brasília: INEP, 2007. Disponível em: <http://www.odetemf.org.br>. Acesso em: 19 agosto. 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GALIAZZI, M. C. Educar pela Pesquisa-Ambiente de Formação de Professores. Ijuí: Unijuí, 2003
- GALIAZZI, M.C. e GONÇALVES, F.P. A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na licenciatura em química. Química Nova, v. 27, n. 2, p. 326-331, 2004.
- GASPAR, A.; MONTEIRO, I.C.C. Atividades experimentais de demonstração em sala de aula: uma análise segundo o referencial da teoria de Vygotsky. Investigações em Ensino de Ciências, v. 10, n°. 2, p. 227-254, 2005.
- GLEISER, MARCELO. Artigo Por que ensinar física? Física na Escola, v.1, n.1, 2000. Disponível em acessado em 02/09/2021.
- GONÇALVES, F. P. e MARQUES, C. A. Contribuições pedagógicas e epistemológicas em textos de experimentação no ensino de química. Investigações em Ensino de Ciências, v. 11, n. 2, p. 219-238, 2006.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1990
- MINAYO M.C.S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo (SP): Hucitec, 2011.
- MORAES, R. O significado da experimentação numa abordagem construtivista: o caso do ensino de Ciências. In: BORGES, R. M. R.; MORAES, R. Educação em Ciências nas séries iniciais. Porto Alegre: SAGRA, 1998.
- MORAN, J. M. Integração das Tecnologias na Educação. Desafios da televisão e do vídeo à escola. Secretaria de Educação a Distância, SEED. 2005.
- PEREIRA, M.V. Da construção ao uso sem sala de aula de um vídeo didático de física térmica. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v.21, n.2, 2008.
- VALADARES, E. C. Propostas de Experimentos de Baixo Custo Centradas no Aluno e na Comunidade. Química Nova na Escola, 13, 38-0, 2001.
- VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. (2000). A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fonte.

O impacto da disciplina Trabalho Pedagógico e Formação de Professores na formação do fisioterapeuta: um relato de experiência

Jhulie Anne Pinheiro Kemerich
Sabrina Orlandi Barbieri

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência desenvolvido por discentes do programa de pós-graduação em Ciências do Movimento e Reabilitação, na disciplina de Trabalho Pedagógico e Formação de Professores, a qual apresenta a visão das autoras sobre o processo ensino-aprendizagem, baseada nas obras estudadas durante a disciplina de pós-graduação. O educador deve proporcionar a capacidade de análise crítica para que o aluno seja capaz de construir o seu próprio saber, agregando conhecimento em sua trajetória pedagógica. Dessa forma, permite aos discentes compreender, refletir e debater os autores estudados, ao mesmo tempo em que articulamos com a prática, criando estratégias que serão usadas para formar futuros profissionais.

Palavras-chave: docência do ensino superior. formação docente. transposição didática.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma participação escrita na disciplina de Trabalho Pedagógico e Formação de Professores cursada durante o mestrado em Ciências do Movimento e Reabilitação do primeiro semestre de 2022 do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS. Este texto se apresenta a partir desta introdução seguido de um relato de cada uma das autoras de modo particular com um fechamento compartilhado pelas autoras.

Aprender a ensinar deve ser um exercício em que o conhecimento prático e o conhecimento teórico possam se integrar num currículo orientado para a ação. Levando isso em consideração, Marcelo Garcia propôs cinco indicadores para delimitar o campo de formação docente. O primeiro se refere ao “objeto próprio de formação”, o qual diz que



a formação docente é um processo contínuo de desenvolvimento, a fim de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem (ANDRÉ, 2010). Nesse processo é imprescindível ter uma atitude humanizada e reflexiva entre todos os envolvidos, para promover métodos educacionais efetivos.

Dessa forma, percebemos que além de ter o conhecimento, também há necessidade de saber transmiti-lo. Essa transmissão de conhecimento, chamada de transposição didática, é definida como o processo pelo qual o saber científico é repassado ao saber escolar construído em sala de aula. O conhecimento científico é parcialmente recriado pelo professor para ser repassado aos alunos de forma que possa trazer o entendimento destes. Nessa situação o conteúdo sofre uma série de transformações adaptativas até se tornar objeto de ensino, onde através da transposição torna o assunto ensinável (GRILLO, 1999). Assim, irá permitir que os conteúdos científicos sejam organizados como saber ensinado, possibilitando um maior nível de aprendizagem aos discentes.

Ainda, a didática é de suma importância para que o docente faça uma análise sobre a realidade do ensino. Podemos definir trabalho pedagógico como métodos e técnicas planejadas para alcançar objetivos na produção do conhecimento. A autora Maria Isabel da Cunha traz que a formação de professores “precisa possibilitar, ao estudante, uma articulação consistente entre teoria e prática na formação de profissionais comprometidos com a transformação social, críticos, reflexivos e autônomos.” O conhecimento fragmentado muitas vezes pode gerar frustrações no aluno que não reconhece a verdadeira importância daquele conhecimento em sua trajetória pedagógica (SOARES E CUNHA, 2010). Posto isso, o educador deve proporcionar a capacidade de análise crítica para que o aluno seja capaz de construir o seu próprio saber.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido por discentes do programa de pós-graduação em Ciências do Movimento e Reabilitação, da Universidade Federal de Santa Maria. A atividade relatada faz parte do projeto final da disciplina “Trabalho pedagógico e formação de professores”. A disciplina foi realizada no primeiro semestre do ano de 2022, totalizando 15 aulas com duração média de 4 horas cada. O relato da primeira autora tem o enfoque na experiência docente, enquanto o segundo relato repercute sobre a humanização do educador.

Relato 1: Experiência com a docência do ensino superior

Existem muitos desafios durante a pós-graduação de um estudante de mestrado, principalmente ao iniciar na docência. Surgem dúvidas e emergem inseguranças vindas dessa nova etapa, somado ao desafio de conduzir uma turma de alunos. Nessa perspectiva, acredito ser fundamental a preocupação com a formação desses futuros profissionais, sendo necessário um questionamento e aperfeiçoamento constante da forma de ensinar. Ao iniciar a docência tinha em mente um objetivo: repassar o conteúdo aos alunos. Ao começar a disciplina de Formação de Professores, percebi que a situação era bem mais complexa: ensinar é um processo.

Hoje, com o conhecimento adquirido na disciplina, vemos que para ter um bom aproveitamento das aulas o docente deve levar em consideração os conhecimentos, as lacunas e as realidades da turma para trazer o conhecimento de uma forma individual, não moldada e pré-fixada. Dando aula para duas turmas diferentes da mesma disciplina percebo que os alunos devem ser constantemente analisados e a aula adaptada para cada realidade para que o estudo seja compreendido e o conhecimento se dê de forma efetiva.

Aqui posso citar um exemplo de transposição didática - ou a falta dela - vivenciada por mim como estudante da graduação: o docente da disciplina de eletroterapia tinha como objeto de pesquisa e da prática clínica um aparelho em específico, assim, focou suas aulas apenas em tal corrente, ignorando as partes do livro didático sobre as outras modalidades que deveriam ser ensinadas na disciplina. Além disso, era possível perceber que ele entendia muito do assunto, porém, com o conhecimento que eu tinha até então como estudante do terceiro período, ainda não era possível assimilar a explicação de tal conteúdo. Hoje consigo entender que para que seja possível a reflexão sobre o que é ensinado pelo professor com o que é aprendido pelo aluno, o docente deve analisar constantemente suas aulas, fazer questionamentos sobre suas práticas e fazer com que o aluno participe ativamente da sua aprendizagem, construindo o saber coletivamente.

Reconhecer as questões dos alunos e nossas próprias questões pessoais são necessárias para aprimorar a docência. Essa relação entre docente e discente é construída através de diálogo e troca de aprendizados. É trabalho de o educador produzir experiências e atuar na constituição da identidade do aluno, alcançando transformação coletiva. Aqui também podemos mencionar os métodos de avaliação e planejamento de atividades, que irão depender da estratégia do professor em relação à aprendizagem dos estudantes. As autoras Soares e Cunha (2010) trazem um tema específico em relação aos alunos da universidade: estudantes universitários são adultos que agem de forma consciente e voluntária, não mais adolescentes dependentes. Com isso, eles precisam compreender a finalidade de estudar os conteúdos e entender a sua lógica, além de ter a possibilidade de negociar as formas de avaliação, visto que o indivíduo adulto é marcado pela autonomia e pela capacidade de crítica e análise reflexiva.

O papel de docente do ensino superior exige capacitação específica que não se restringe a aquisição de títulos, mas exige a competência pedagógica de um educador, que além do domínio do conhecimento do campo profissional precisa ser capaz de permitir a compreensão dos conhecimentos pelos alunos. O artigo "Pedagogia universitária: a aula em foco" (VEIGA E CASTANHO, 2000) menciona que atrair professor qualificados para a docência na área da Fisioterapia é um desafio, pois apenas recentemente os professores universitários estão se conscientizando de que a atividade docente exige capacitação própria e específica. Então, julgo importante a divulgação do tema e pesquisas sobre o assunto, a fim de impactar de modo mais efetivo a prática profissional dos professores universitários.

A transmissão de conhecimento de forma fragmentada muitas vezes pode gerar frustrações no aluno que não reconhece a verdadeira importância daquele conhecimento em sua profissão. É o caso de muitos estudantes que entram no curso de Fisioterapia e no primeiro período se deparam com matérias como fisiologia e anatomia. São importantes?

Todos sabem que sim, pelo menos para passar de semestre. Nesse instante conseguem perceber a importância dessas disciplinas na prática da profissão? Muitos, talvez, não. Então, além de conhecer a turma, ensinar o conteúdo e responder aos questionamentos, é necessário relacionar os assuntos. Assim como alguns compreendem a importância da disciplina, outros ainda não adquiriram essa reflexão. Eu, como docente, devo analisar criticamente e ter a ciência de que isso faz parte do meu trabalho: facilitar o entendimento do discente e trazer para realidade profissional.

Relato 2: Um enfoque sobre humanização

Início meu relato refletindo em como eu era há quatro meses quando começou a disciplina Trabalho Pedagógico e Formação de Professores. Antes da disciplina eu não sabia o que era formação continuada, trabalho pedagógico nem transposição didática. Eu achava que as aulas da disciplina seriam com slides, acreditava que iríamos aprender “métodos” de como dar uma aula, como ter didática, como ser um professor. Mas diferente do que presumia, os professores nos ensinaram a pensar, construir conhecimentos novos e desconstruir também.

A partir do conhecimento adquirido durante a disciplina através das leituras de artigos de autores incríveis como Luiz Carlos de Freitas, Marli André, Marlene Grillo, Dermeval Saviani, Francisco Imbernón, de debates compartilhados, de diálogos em sala de aula pude construir um novo conhecimento e me permitir elaborar reflexões, possibilitando um posicionamento como futura professora no ensino superior.

Esse conhecimento era novo para mim, e apesar de muito interessante, era muito difícil de acompanhar. Pensei em desistir, no início sentia que não estava me encaixando, mas ao mesmo tempo eu amava ir nas aulas e ouvir. Apenas ouvir! Por ser um assunto novo eu não sabia o que falar e não tinha falas para contribuir. Eu não falava nada, mas eu estava 100% ali, absorvendo tudo e aprendendo muito!

Lembro que eu e minha colega, também autora deste texto, saíamos das aulas com a cabeça a mil e ficávamos conversando e refletindo sobre as aulas, sobre as leituras e debates, principalmente àqueles relacionados com a humanização do ensino. Em uma aula o professor falou a frase: “não esqueça de ser gente”, no qual entendemos que, além de cobrar, também é necessário ser um “ombro amigo”. Assistir a essas aulas e ouvir as histórias dos professores me fizeram querer, mais ainda, ser uma professora humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo analisar o impacto da disciplina Trabalho Pedagógico e Formação de Professores na formação do fisioterapeuta e trazer uma reflexão sobre o assunto. Os conceitos aprendidos na disciplina foram fundamentais para que fosse possível refletir sobre a aquisição de saberes docentes para o ensino superior, ressignificando as experiências construídas até então. Durante a disciplina nós, na postura de discentes, conseguimos compreender, refletir e debater os autores estudados, ao mesmo tempo em que articulamos com a prática, criando estratégias que serão usadas para formar futuros profissionais.

Nesse sentido, consideramos essencial a disciplina de Trabalho Pedagógico e Formação de Professores nos cursos de pós-graduação para que haja essa consciência da atuação no ensino superior, agregando valor, conhecimento e humanização à prática profissional, além de gerar confiança para o enfrentamento da carreira docente. Assim, finalizamos com a frase de Albert Einstein para reflexão: “Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, 2010.

GRILLO, Marlene; *et al.* Transposição didática: uma criação ou recriação cotidiana. Salão de iniciação Científica. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

VEIGA, Ilma; CASTANHO, Maria Eugênia. Pedagogia universitária: a aula em foco. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SOARES, Sandra; CUNHA, Maria Isabel. Formação do professor: à docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

O esporte e sua função motivadora nas aulas de educação física

Sport and its motivating role in physical education classes

Juno Januário da Silva Neto

RESUMO

O esporte com o passar do tempo se tornou uma prática de grandes proporções sociais, ganhando bastante espaço e importância, principalmente no ambiente escolar. Por longa data, e se estendendo até os dias de hoje, as aulas de Educação Física passaram se destinar na maioria das vezes para as práticas esportivas. Com isso, grande parte dos profissionais da área, utilizaram os esportes como conteúdos hegemônicos a serem trabalhados nos espaços escolares. Diante desta problemática, o presente ensaio tem por objetivo realizar alguns apontamentos acerca da Educação Física na escola, bem como a forma com que grande parte dos professores trata o esporte no espaço de ensino. Do ponto de vista teórico, há um ganho significativo com Mattos (2006), Caviglioli (1976), Bregolato (2007) e a BNCC (2017) Base Nacional Curricular Comum, documento normativo da educação brasileira que trata a Educação física escolar com as devidas habilidades e competências, esse aspecto já era também previsto pelos princípios da interdisciplinaridade, revelando a importância que os saberes tem entre si e relacionam os mais diversos aspectos da experiência humana, algo que o Esporte nas vivências pedagógicas ensina e promove no ambiente escolar e para além dele.

Palavras-chave: educação física. esporte. saberes.

ABSTRACT

Sport over time has become a practice of great social proportions, gaining a lot of space and importance, especially in the school environment. For a long time, and extending to the present day, Physical Education classes began to be destined, most of the time, for sports practices. As a result, most professionals in the area used sports as hegemonic content to be worked on in school spaces. Faced with this problem, this essay aims to make some notes about Physical Education at school, as well as the way in which most teachers deal with sport in the teaching space. From a theoretical point of view, there is a significant gain with Mattos (2006), Caviglioli(1976), Bregolato(2007) and the BNCC(2017) Base National Common Curriculum, normative document of Brazilian education that deals



with physical education at school with the necessary skills and competences, this aspect was already foreseen by the principles of interdisciplinarity, revealing the importance that knowledge has among themselves and relate the most diverse aspects of human experience, something that Sport in pedagogical experiences teaches and promotes in the school environment and beyond.

Keywords: physical education. sport. knowledge.

INTRODUÇÃO

O esporte seja de qual modalidade, terá sua importância nos processos educativos e interacionais da sociedade. A escola deve promover através do ensino e das práticas, o desenvolvimento cognitivo e motor do ser humano, potencializando as suas habilidades e competências em busca da inserção social de forma que, o indivíduo possa interagir no grupo social e para além desses benefícios, não se pode deixar de citar os benefícios à saúde e tomada da consciência das potencialidades do corpo humano assim como as maneiras diversas de conhecer, cuidar e viver de forma saudável. Esses aspectos dentre outros, são suficientes para justificar o ensino e a prática esportiva em ambiente escolar.

Com tal destaque, o esporte, com o passar do tempo e de forma natural, se fez presente nos espaços escolares e por consequência dentro das aulas de educação física. O esporte pode ser visto sob três óticas diferentes: esporte-educação, que tem como meta o caráter formativo; esporte-participação na qual sua finalidade é o bem-estar e participação do praticante; esporte-performae, objetivando o rendimento dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva.

O esporte promove as condições e as habilidades de trabalhar várias competências dos alunos ao mesmo tempo. Mattos (2006) aponta que a possibilidade de interações sociais que a aula de educação física tem é única, sendo que muitas vezes é nesta disciplina escolar que a criança tem a oportunidade de relacionar-se com as mais variadas formas de comunicação, como linguagem motora, modelos, respeito e cognitivo.

O ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Justificativa

O interesse por esse estudo surgiu mediante a importância da utilização do esporte como uma ferramenta indispensável para se chegar a uma educação de qualidade, é um importante passo que um professor de educação física deve efetivar nas suas aulas.

Segundo Caviglioli (1976) aproximadamente 80% dos alunos consideram a educação física sob uma ótica esportiva. O esporte na escola é fato que mexe positivamente com o aluno, segundo Neuenfeldt (2008) o esporte cativa, envolve e aproxima as pessoas, pois possui uma “magia” que gira em torno de si. Trabalhar sob essa perspectiva, é trabalhar com algo apaixonante para a realidade dos alunos, é importante evitar conflitos visando aulas em que o esporte possa ser tratado de maneira inclusiva e respeitosa.

Objetivos

O objetivo do esporte nas aulas de educação física no ambiente escolar é propor atitudes de respeito mútuo, solidariedade e dignidade entre os alunos. Um ponto importante é inserir o aluno no universo da cultura corporal, e essa inserção visa fazer com que o aluno não apenas participe dessa cultura corporal, mas que o faça praticando o esporte nas suas horas de lazer e também se tornando consumidor crítico do esporte.

O esporte escolar contribui com vários aspectos do desenvolvimento do estudante com idade entre 12 a 14 anos, inclusive com a questão do trabalho em equipe, podendo também trabalhar a cooperação e o companheirismo.

Objetivos específicos

- Ampliar o conhecimento dos alunos em relação a prática esportiva e suas relações com a educação, cultura e saúde;
- Promover a inclusão, minimizando as desigualdades e qualquer tipo de preconceito por condições físicas, sociais, entre outros.
- Contribuir positivamente para a melhoria da qualidade da educação básica.

REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Oliveira (2001), o esporte é um importante fenômeno social e cultural, capaz de exercer grande fascínio nas pessoas de todas as idades, independente de sexo, etnia, condição financeira, entre outros. Em tempos mais remotos, praticar esportes se restringia apenas às pessoas de famílias abastadas, porém, com a modernização do mundo e o avanço de uma educação mais democrática e participativa, essa prática se estendeu às demais pessoas, tornando o esporte algo muito popular.

A partir daí o esporte alcançou novo patamar social, assumindo características como a competitividade e o treinamento, a busca por melhor rendimento físico, a superação de recordes, etc.

A influência do esporte sobre a educação física tem um grande crescimento após a Segunda Guerra Mundial, afirmando-se como elemento hegemônico da cultura corporal. No Brasil, é o período do fim do Estado Novo, do avanço do processo de urbanização, com o desenvolvimento industrial e dos meios de comunicação de massa. (OLIVEIRA, 2005, p.15).

No contexto do pós-guerra, o esporte tornou-se parte integrante da Educação Física escolar, permitindo ao professor trabalhar a importância das regras, do respeito e da valorização da saúde, em primeiro lugar. Desde então, houve um entendimento de que o esporte educa e, desde que bem explorado por professores capacitados, favorece o desenvolvimento corporal, emocional e social:

Precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização e através do esporte estão relacionados com sistemas de significados e valores mais amplos, que para além da situação imediata do esporte. Assim como vimos, realmente o esporte educa. Mas, educação aqui

significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão se adaptar à sociedade capitalista. (OLIVEIRA, 2005, p. 16).

De acordo com Bregolato (2007), dentre outras coisas, o esporte favorece a interação social, promovendo total valorização das relações interpessoais estabelecidas no decorrer da sua prática, que requer habilidades físicas e cognitivas, bem como aptidões específicas, que podem ser trabalhados – e desenvolvidos - nos treinamentos oferecidos.

No que concerne à ludicidade, ressalta-se que o esporte só se torna uma brincadeira prazerosa quando incentiva a cooperação e o trabalho em equipe, sem perder as características e os objetivos dos jogos propostos. Tal postura minimiza atitudes de competição desleal, egoísta e discriminatória.

A inserção do ensino do esporte na escola

Não é de hoje que estão sendo realizadas campanhas de incentivo à prática da atividade física, de modo a manter a saúde em dia e evitar a ocorrência de doenças provenientes do sedentarismo e nesse aspecto, destaca-se que investimentos têm sido feitos pelas autoridades civis e pelas mudanças curriculares, visando à criação de centros de treinamento, escolinhas de vôlei, futebol, basquete, ginástica olímpica.

O compromisso da escola e referenciais curriculares em priorizar o ensino da prática esportiva, identifica e valoriza potenciais talentos para competir em jogos de grande visibilidade nacional e mundial, tais como as competições intermunicipais e interestaduais, os mundiais, as Olimpíadas. Assim, a escola tem papel fundamental em buscar e direcionar os talentos, motivar as inteligências para que a educação física promova o bem-estar do corpo e a saúde mental dos alunos.

É sabido que essas concepções de ensino promovem competições de grande relevância e integração social. No entanto, segundo Stigger e Lovisolo (2009), faz-se necessário destacar que os atletas de ponta se destacaram, primeiramente, nas escolas – mais especificamente, nas aulas de Educação Física – o que demonstra a necessidade de investimentos urgentes em capacitação de professores, bem como na compra de materiais esportivos, favorecendo sua prática como rotina escolar.

Trabalhar o esporte na escola é incentivar futuros talentos, ajudando-os a adquirir gosto pela prática esportiva é também tarefa da escola. O esporte auxilia o desenvolvimento de valores e normas de comportamento positivas nos estudantes, aumentando o seu rendimento – inclusive em outros componentes curriculares, o que denota, o princípio da interdisciplinaridade, já que ao inserir o aluno no aprendizado das práticas esportivas, esse ato pedagógico faz relação direta com os outros campos do saber e melhora a performance social deste aluno.

(...) paulatinamente, o esporte impõe-se à EF, ou seja, instrumentaliza a EF para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Esse processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da EF, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da EF, que passa a ser sinônimo do esporte na escola. A reação dá-se tardiamente, como já observado na década de 1980. (STIGGER; LOVISOLO, 2009, p.14).

As maneiras através das quais o esporte pode ser abordado nas aulas de Educação Física, são variadas e relaciona ensino e aprendizagem do aluno e assim, o professor pensa

sobre qual metodologia melhor se adapta à realidade da escola, enfatizando os benefícios que esta pode proporcionar, bem como os cuidados que são necessários para tornar a aula verdadeiramente proveitosa.

Sendo assim, é necessário que o professor planeje e desenvolva suas aulas de Educação Física a partir de uma perspectiva crítico-pedagógica, incentivando a destreza e a capacidade motora para a prática de esportes, levando seus alunos a superarem os desafios propostos e conduzindo-os então à conquista dos resultados almejados:

Portanto, o esporte tratado e privilegiado na escola pode ser aquele que atribui um significado menos central ao rendimento máximo e à competição, e procura permitir aos educandos vivenciar também formas de prática esportiva que privilegiem antes o rendimento possível a cooperação. (STIGGER; LOVISOLO, 2009, p. 20).

A Educação Física está diretamente – e intimamente - ligada ao esporte, devendo ser visto como um ponto positivo no planejamento escolar. Nem todos os alunos gostam das aulas de Educação Física e vários outros demonstram inaptidão para a prática de esportes, e de posse dessa realidade, o professor esclarece sua relevância, mas, por outro lado, respeita as subjetividades de alguns e as preferências por esta ou aquela modalidade esportiva. E quando assim pensa e age o professor, evita uma rejeição pelas várias modalidades esportivas.

É fato que a competição é algo inerente à prática de esportes, no entanto, ela deve ser trabalhada com cuidado, de modo que a rivalidade não extrapole o campo do necessário, existindo apenas de modo saudável e sendo capaz de contribuir para o crescimento e o amadurecimento pessoal:

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defender o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” adversário. (SOARES *et al.*, 1999, p. 70).

Os professores devem trabalhar com seus alunos as habilidades e competências de autovalorização, convivência e respeito mútuo ensinando-os a não se preocupar com a habilidade e a competência esportiva dos seus colegas. Não é raro encontrar estudantes que se privam de participar das atividades por acreditarem serem incapazes de oferecer resultados, fazendo diferença na sua equipe.

Tal pensamento pode acarretar desmotivação, sobretudo pela influência negativa que exerce no processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que a prática de esportes auxilia na busca pelo conhecimento, favorecendo a concentração e a capacidade cognitiva dos alunos:

Sob essa ótica, esperamos que as pessoas tenham como referência para comparação a evolução de seus próprios resultados. Assim sendo, o melhor salto de 5 metros ou a média de 3 metros da turma não deverá ser empecilho para aquele aluno “gordinho” se sentir satisfeito e realizado, motivado a melhorar cada vez mais seu salto de 2 metros. Talvez numa outra oportunidade, provavelmente em um arremesso, esse aluno obtenha uma distância maior em comparação com o restante da turma, sem que isso seja um desalento para os demais alunos. (FERREIRA, 2000, p. 99).

A escola é a manifestação dos pensamentos e da postura da sociedade e, sendo assim, faz-se necessário que, na mesma, seja trabalhada a cultura esportiva, usufruindo de

todos os benefícios da prática de esportes e implantando-os nas aulas de Educação Física.

A partir daí, como afirma Oliveira (2001), torna-se possível que o professor demonstre para os seus alunos o quanto o esporte é positivo e o quanto este é capaz de contribuir com o seu aprendizado, por meio da introdução dos estudantes no universo cultural das atividades físicas, preparando-os para usufruir dos seus benefícios ao longo da sua trajetória escolar e da sua vida, de um modo geral.

As aulas de Educação Física e os esportes têm muito a contribuir com a evolução de uma pessoa desde os primeiros anos da sua vida escolar. Desde que bem explorados, são capazes de levar o aluno a construir regras, fazendo uso de cada uma delas de forma democrática e espontânea, participando, assim, efetivamente da construção de uma realidade que o leve ao exercício pleno da sua cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte sendo um dos conteúdos da Educação Física escolar, acaba sendo muito procurado pelos alunos e encontra alguns desafios, tais como: práticas desmotivadoras em função do espaço escolar não dispor de quadras de esportes e material básico para a prática do esporte.

No entanto, é a partir do olhar do professor que se encontra a possibilidade de mudança deste paradigma e desafios a serem superados nas práticas de educação física escolar.

É através do profissional de Educação Física que ao intermediar os conteúdos de ordem teórica e de cunho prático na escola, não deve priorizar o ensino do esporte com um fim em si mesmo, mas sim, utilizar-se do esporte como um meio para se chegar à educação e formação do aluno. O esporte tem esse papel dentro do ambiente escolar, cabe ao professor saber usar isso positivamente para melhorar o conhecimento, disciplina do aluno na escola.

Ao término deste ensaio, fica o aprendizado sobre a importância da Educação Física na escola e a motivação que o educador deve revestir a sua prática e priorizar no planejamento o ensino e a vivência dos esportes na escola e para a vida.

É papel educação principalmente deste século, buscar e intermediar o valor do esporte e a importância que tem para a sociedade, para as trocas culturais e o respeito mútuo que se constrói nesse ambiente, é papel da escolar acolher o esporte como elemento que promove além da aprendizagem formal como conteúdo curricular, também ensina e promove a aquisição de saberes que permeiam a vida do aluno por outros espaços além da escola assim como a construção de novos atletas nas diversas áreas do esporte.

REFERÊNCIAS

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: Educação é a Base. Terceira versão. Ministério da Educação: Brasil, 2017.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. Cultura corporal do esporte. 2.ed. São Paulo: Ícone, 2007.

FERREIRA, Marcos Santos. A Competição na educação física escolar. Revista Motriz, Rio Claro, SP, vol. 6, num. 2, p. 97-100, jul. / dez. 2000.

MATTOS, M. G. Educação Física Infantil: Construindo o Movimento na Escola. São Paulo, SP: Phorte Editora, 2006.

NEUENFELDT, D. J. Esporte, Educação Física e Formação Profissional. Lajeado, RS: Editora Univates, 2008.

OLIVEIRA, Sávio Assis. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.

_____. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. 3.ed. Campinas: Papirus, 1999.

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo. Esporte de rendimento e esporte na escola. São Paulo: Autores Associados, 2009.

O uso de métodos no ensino prático de avaliação ambiental em ecossistema aquático no município de Oiapoque, Amapá

The use of methods in the practical teaching of environmental assessment in aquatic ecosystem in the municipality of Oiapoque, Amapa

Ana Paula Figueiredo Costa

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Esthefanne de Araújo Leitão

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Thayeweres Gustavo Alves Silva

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Geiza Patrícia Gomes da Silva

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Kleyton Pereira de Freitas Marques

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Adriano Lucas Castilho Jean Jacque

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Rulienderson Soares Pantoja

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional

RESUMO

Na tentativa de conciliar a metodologia de ensino entre a teoria e prática, este estudo surge com o objetivo de se fazer uso de métodos práticos de ensino e pesquisa, utilizando-se para tanto os Protocolos de Avaliação Rápida (PAR), como de diversidade de habitat (PARDH) e diversidade biológica (PARDBio), para caracterizar as condições ecológicas e ambientais em um ecossistema aquático de uma região da Amazônia Oriental. Este trabalho foi realizado no Igarapé Molongó, no município de Oiapoque-AP. Em cada um dos determinados trechos do igarapé estudado foi aplicado o



PARDH contendo 22 parâmetros ambientais para análise de fatores abióticos. No PARDBio da macrofauna aquática foram realizados a partir de dois métodos de coletas do material biológico, um por busca ativa e outra pela utilização de armadilha, como a rede de plâncton, estabelecendo um tempo determinado de 30 min. de coletas. Os dados obtidos pelo PARDH indicaram que todos os trechos analisados no Igarapé estudado estão naturais e em condições ecológicas relativamente conservados, pontuando acima de 61 pontos em todos os trechos do igarapé. Pelo PARDBio foi possível evidenciar uma boa diversidade de organismos aquáticos, com 122 espécimes coletados, sendo 84 da rede de plâncton e 38 na busca ativa, alguns considerados como bons bioindicadores de qualidade de água, como os Ephemeroptera. Em síntese, estes protocolos constituem-se em excelentes instrumentos ou alternativas no ensino prático de graduação, proporcionando aos estudantes eficientes recursos didáticos para a avaliação da integridade ambiental de um ecossistema em que se deseja estudar.

Palavras-chave: biodiversidade. educação. amazônia oriental.

ABSTRACT

In an attempt to reconcile the teaching methodology between theory and practice, this study arises with the objective of making use of practical methods of teaching and research, using both the Rapid Assessment Protocols (PAR) and the diversity of habitat (PARDH) and biological diversity (PARDBio), to characterize the ecological and environmental conditions in an aquatic ecosystem in an eastern Amazon region. This work was carried out in Igarapé Molongó, in the municipality of Oiapoque-AP. In each of the specific stretches of the studied stream, the PARDH was applied, containing 22 environmental parameters for the analysis of abiotic factors. In the PARDBio of the aquatic macrofauna, two methods of collection of biological material were carried out, one by active search and the other by the use of a trap, such as a plankton net, establishing a determined time of 30 min. of collections. The data obtained by PARDH indicated that all stretches analyzed in the studied Igarapé are natural and in relatively conserved ecological conditions, scoring above 61 points in all stretches of the igarapé. Through PARDBio, it was possible to show a good diversity of aquatic organisms, with 122 specimens collected, 84 from the plankton network and 38 from the active search, some considered as good bioindicators of water quality, such as Ephemeroptera. In summary, these protocols constitute excellent instruments or alternatives in undergraduate practical teaching, providing students with efficient didactic resources for assessing the environmental integrity of an ecosystem in which they wish to study.

Keywords: biodiversity. education. oriental amazon.

INTRODUÇÃO

Considerando que os igarapés são de extrema importância para a manutenção da biodiversidade local, assim como ajudam também na subsistência da população que reside nas proximidades, compreender a diversidade biológica desses meios aquáticos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de preservação e conservação desses ecossistemas aquáticos (SILVA; SILVA, 1993).

Muitos organismos se encontram no meio aquático, como os macroinvertebrados bentônicos (artrópodes, moluscos, anelídeos e outros), o zooplâncton e a ictiofauna. Diversos destes organismos podem ser considerados bioindicadores ambientais, uma

vez que sua presença e quantidade fornecem consideráveis informações sobre diversos aspectos como, por exemplo, a qualidade da água (MARQUES, 2017).

As ações antrópicas sobre os ecossistemas aquáticos causam perturbações, sendo assim, a aplicação de um Protocolo de Avaliação Rápida é fundamental para mensurar as consequências destes impactos, assim como para verificar as circunstâncias dos habitats e a preservação e conservação de ambientes naturais utilizando uma estratégia simples e rápida, como afirmam Santos e Silva (2002) “[...] se faz necessário para que se obtenha conhecimentos a despeito dos casos ainda omissos, e que estratégias e medidas de prevenção e resolução sejam tomadas e efetivadas.”

Cada vez mais se tem retratado, no país, através dos Projetos Pedagógicos dos Cursos estratégias de ensino nas universidades, e foi dentro desse contexto que as aulas práticas se tornaram uma ferramenta ou alternativa importante no ensino, cita-se em especial, o curso de Ciências Biológicas (Bacharelado/Licenciatura). Conforme Santos (2011) “as aulas práticas de campo e laboratório no ensino são fundamentais para a interação entre os alunos, concretizando, na prática, as teorias do conhecimento, atuando na construção e reconstrução de conceitos científicos”. Sabe-se que é de suma importância oportunizar aos estudantes o contato com estas atividades, pois elas despertam a curiosidade e quando investigativas contribuem para uma melhor aprendizagem, além de incentivar a pesquisa, interpretação e reflexão.

Os métodos diferenciados, como as atividades práticas de campo e laboratório, proporcionam aos estudantes um processo de ensino e aprendizagem voltado para a formação crítica-cidadã. Um ensino que vá além dos conceitos, um ensino que esteja presente não só na sala de aula, mas também na sua vida cotidiana. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de atividades práticas trabalhadas envolvendo os conhecimentos prévios resultam nos educandos a um ambiente propício para uma metodologia investigativa e, conseqüentemente, os levam a construir novos conceitos, fazendo deles o sujeito deste processo (TRIVELLATO *et al.*, 2004).

Para Krasilchik (2004), as demonstrações não podem ser comparadas as aulas práticas, sendo o professor que o faz, mesmo que exista algo concreto para o estudante. Seguindo esta linha, concorda-se que as aulas práticas exigem da estudante participação, pesquisa, interpretação, tornando-o um agente ativo e assim aprofunde seus conhecimentos.

Dessa forma, o presente estudo buscou através de métodos de ensino prático e de pesquisa utilizar Protocolos de Avaliação Rápida, tanto na diversidade de habitat como na diversidade biológica, para caracterizar as condições ecológicas e ambientais em um ecossistema aquático no município do Oiapoque, Amapá.

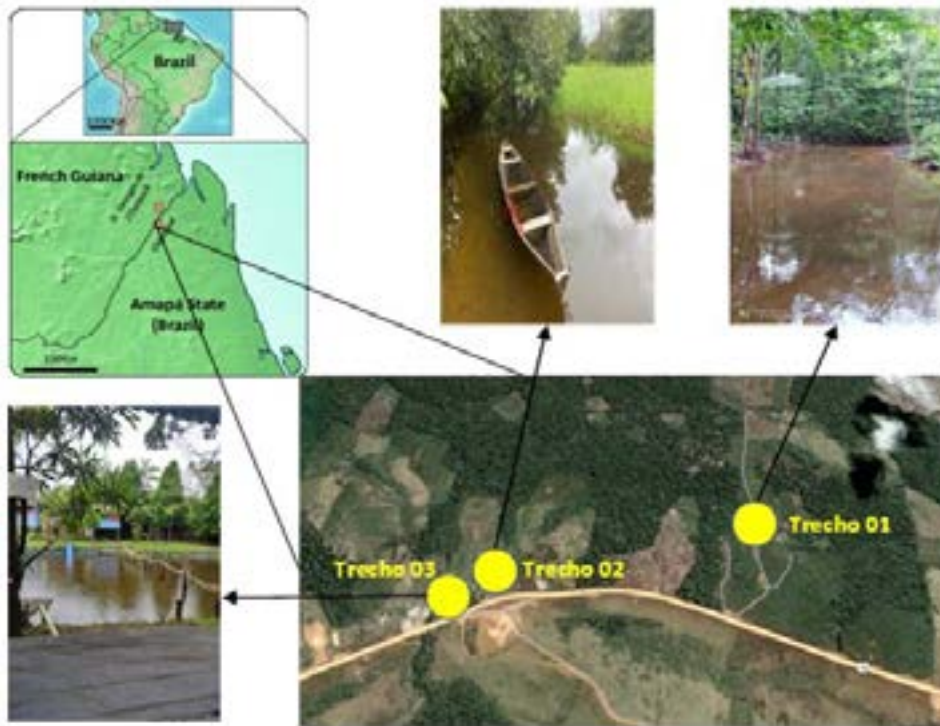
METODOLOGIA

Caracterização da área estudada

Este trabalho foi realizado em um dos afluentes do rio Pantanari, conhecido como Igarapé Molongó, situado ao longo da rodovia BR-156, no município de Oiapoque-AP.

Foram selecionados 3 trechos com as seguintes coordenadas geográficas (Figura 01): Trecho 1 - 3°47'42,59"N, 51°46'41,55"O; Trecho 2 - 3°48'23,87"N, 51°46'51,84"O; Trecho 3 - 3°48'29,92"N, 51°46'54,47"O.

Figura 1 - Mapas e Imagens da Área de Estudo. Os Protocolos de Avaliação Rápidos foram aplicados nos 3 trechos situados no Igarapé Molongó, ao longo da BR-156, no Município de Oiapoque, Amapá, Brasil.



Fontes: Santos, T.V., (2019); Google Earth, (2023); Autores, (2023).

Métodos de ensino prático com a utilização de Protocolos de Avaliação Rápida para os parâmetros abióticos e bióticos

Os estudantes foram orientados sobre como aplicar os protocolos, assim como divididos em grupos contendo 7 integrantes, perfazendo um total de 21 acadêmicos e distribuídos em alguns trechos ao longo dos ecossistemas aquáticos no município de Oiapoque. Neste trabalho, entretanto, foi dada ênfase aos estudos nos trechos do igarapé Molongó.

Protocolos de Avaliação Rápida de Diversidade de Habitats (PARDH)

Em cada um dos determinados trechos da microbacia hidrográfica conhecida como Molongó, afluente do rio Pantanari, foi aplicado o PARDH contendo 22 parâmetros ambientais para análise de fatores abióticos. O tempo necessário para a aplicação deste Protocolo em cada trecho no igarapé foi de 30 minutos (min.). Os parâmetros foram preenchidos com base na observação direta e antes de se iniciar as atividades bióticas (Imagem 01A). Desta forma foi possível observar se os trechos selecionados estavam naturais, alterados ou impactados, como base nas perguntas dos Quadros 01 e 02.

Quadro 1 - Protocolo de Avaliação Rápida de Diversidade de Habitat (modificado do protocolo da Agência de Proteção Ambiental da cidade de Ohio EUA por CALLISTO et al., 2002) aplicado em trechos do igarapé Molongó, afluente do rio Pantanari, município de Oiapoque, Amapá.

Descrição do Ambiente			
Localização:			
Data de Coleta: / /		Hora da Coleta:	
Tempo (situação do dia):			
Modo de coleta (coletor):			
Tipo de Ambiente: Córrego () Rio ()			
Largura média:			
Profundidade média:			
Temperatura da água:			
PARÂMETROS	PONTUAÇÃO		
	4 pontos	2 pontos	0 ponto
1. Tipo de ocupação das margens do corpo d'água (principal atividade)	Vegetação natural	Campo de pastagem/ Agricultura/ Monocultura/ Reflorestamento	Residencial/Comercial/ Industrial
2. Erosão próxima e/ ou nas margens do rio e assoreamento em seu leito	Ausente	Moderada	Acentuada
3. Alterações antrópicas	Ausente	Alterações de origem doméstica (esgoto, lixo)	Alterações de origem industrial/ urbana (Fábricas, siderurgias, canalização, retificação do curso do rio)
4. Cobertura vegetal no leito	Parcial	Total	Ausente
5. Odor da água	Nenhum	Esgoto (ovo podre)	Óleo/Industrial
6. Oleosidade da água	Ausente	Moderada	Abundante
7. Transparência da água	Transparente	Turva/cor de chá-forte	Opaca ou Colorida
8. Odor do sedimento (fundo)	Nenhum	Esgoto (ovo podre)	Óleo/Industrial
9. Oleosidade do fundo	Ausente	Moderado	Abundante
10. Tipo de fundo	Pedras/Cascalho	Lama/Areia	Cimento/Canalizado

Fonte: Callisto et al. (2002); Carvalho et al. (2014).

Quadro 2 - Protocolo de Avaliação Rápida de diversidade de habitat (modificado do protocolo de HANNAFORD et al. (1997) por CALLISTO et al. (2002) aplicado em trechos do igarapé Molongó, afluente do rio Pantanari, município de Oiapoque, Amapá.

PARÂMETROS	PONTUAÇÃO			
	5 pontos	3 pontos	2 pontos	0 ponto
11. Tipos de fundo	Mais de 50% com habitats diversificados; pedaços de troncos submersos; cascalho ou outros habitats estáveis.	30 a 50% de habitats diversificados; habitats adequados para a manutenção das populações de organismos aquáticos.	10 a 30% de habitats diversificados; disponibilidade de habitats insuficiente; substratos frequentemente modificados.	Menos que 10% de habitats diversificados; ausência de habitats óbvia; substrato rochoso instável para fixação dos organismos.
12. Extensão de rápidos	Rápidos e corredeiras bem desenvolvidas; rápidos tão largos quanto o rio e com o comprimento igual ao dobro da largura do rio.	Rápidos com a largura igual à do rio, mas com comprimento menor que o dobro da largura do rio.	Trechos rápidos podem estar ausentes; rápidos não tão largos quanto o rio e seu comprimento menor que o dobro da largura do rio.	Rápidos ou corredeiras inexistentes.
13. Frequência de rápidos	Rápidos relativamente frequentes; distância entre rápidos dividida pela largura do rio entre 5 e 7m.	Rápidos não frequentes; distância entre rápidos dividida pela largura do rio entre 7 e 15m.	Rápidos ou corredeiras ocasionais; habitats formados pelos contornos do fundo; distância entre rápidos dividida pela largura do rio entre 15 e 25m.	Geralmente com lâmina d'água "lisa" ou com rápidos rasos; pobreza de habitats; distância entre rápidos dividida pela largura do rio maior que 25m.
14. Tipos de substrato	Seixos abundantes (prevalecendo em nascente).	Seixos abundantes; cascalho comum.	Fundo formado predominantemente por cascalho; alguns seixos presentes.	Fundo pedregoso; seixos ou lamoso
15. Deposição de lama	Entre 0 e 25% do fundo coberto por lama.	Entre 25 e 50% do fundo coberto por lama.	Entre 50 e 75% do fundo coberto por lama.	Mais de 75% do fundo coberto por lama.
16. Depósitos sedimentares	Menos de 5% do fundo com deposição de lama; ausência de deposição nos remansos.	Alguma evidência de modificação no fundo, principalmente como aumento de cascalho, areia ou lama; 5 a 30% do fundo afetado; suave deposição nos remansos.	Deposição moderada de cascalho novo, areia ou lama nas margens; entre 30 a 50% do fundo afetado; deposição moderada nos remansos.	Grandes depósitos de lama, maior desenvolvimento das margens; mais de 50% do fundo modificado; remansos ausentes devido à significativa deposição de sedimentos.
17. Alterações canal no do rio	Canalização (retificação) ou dragagem ausente ou mínima; rio com padrão normal	Alguma canalização presente normalmente próximo à construção de pontes; evidência de modificações há mais de 20 anos.	Alguma modificação presente nas duas margens; 40 a 80% do rio modificado.	Margens modificadas; acima de 80% do rio modificado.
18. Características do fluxo das águas	Fluxo relativamente igual em toda a largura do rio; mínima quantidade de substrato exposta.	Lâmina d'água acima de 75% do canal do rio; ou menos de 25% do substrato exposto.	Lâmina d'água entre 25 e 75% do canal do rio, e/ou maior parte do substrato nos "rápidos" exposto.	Lâmina d'água escassa e presente apenas nos remansos.

PARÂMETROS	PONTUAÇÃO			
	5 pontos	3 pontos	2 pontos	0 ponto
19. Presença de mata ciliar	Acima de 90% com vegetação ripária nativa, incluindo árvores, arbustos ou macrófitas; mínima evidência de desflorestamento; todas as plantas atingindo a altura "normal".	Entre 70 e 90% com vegetação ripária nativa; desflorestamento evidente mas não afetando o desenvolvimento da vegetação; maioria das plantas atingindo a altura "normal".	Entre 50 e 70% com vegetação ripária nativa; desflorestamento óbvio; trechos com solo exposto ou vegetação eliminada; menos da metade das plantas atingindo a altura "normal".	Menos de 50% da mata ciliar nativa; desflorestamento muito acentuado.
20. Estabilidade das margens	Margens estáveis; evidência de erosão mínima ou ausente; pequeno potencial para problemas futuros. Menos de 5% da margem afetada.	Moderadamente estáveis; pequenas áreas de erosão frequentes. Entre 5 e 30% da margem com erosão.	Moderadamente instável; entre 30 e 60% da margem com erosão. Risco elevado de erosão durante enchentes.	Instável; muitas áreas com erosão; frequentes áreas descobertas nas curvas do rio; erosão óbvia entre 60 e 100% da margem.
21. Extensão de mata ciliar	Largura da vegetação ripária maior que 18m; sem influência de atividades antrópicas (agropecuária, estradas, etc.).	Largura da vegetação ripária entre 12 e 18m; mínima influência antrópica.	Largura da vegetação ripária entre 6 e 12m; influência antrópica intensa.	Largura da vegetação ripária menor que 6m; vegetação restrita ou ausente devido à atividade antrópica.
22. Presença de plantas aquáticas	Pequenas macrófitas aquáticas e/ou musgos distribuídos pelo leito.	Macrófitas aquáticas ou algas filamentosas ou musgos distribuídas no rio substrato com perifiton.	Algas filamentosas ou macrófitas em poucas pedras ou alguns remansos, perifiton abundante e biofilme.	Ausência de vegetação aquática no leito do rio ou grandes bancos macrófitas (p.ex. aguapé).

Fonte: Callisto et al. (2002); Carvalho et al. (2014)

Para avaliar o grau de dificuldade ao interpretar/analisar cada parâmetro do protocolo pelos estudantes foi aplicada uma ficha de avaliação onde cada parâmetro foi pontuado de 0 a 10. As notas abaixo de 3 foram atribuídas aos componentes de grande dificuldade; entre 4 e 6 de dificuldade moderada; entre 7 e 8 pouca dificuldade; e acima de 9 não apresentaram dificuldades na interpretação, seguindo as metodologias de Callisto *et al.* (2002) e Carvalho *et al.* (2014). Estas perguntas foram enviadas aos estudantes no formato de Questionário pelo "Google Forms", onde foi gerado o seguinte link: <https://forms.gle/JAAHzQDMRw37qXMz7>.

Protocolos de Avaliação Rápida de Diversidade Biológica (PARDBio)

No PARDBio da macrofauna aquática (fatores bióticos) foram realizados a partir de dois métodos de coletas do material biológico, um por busca ativa e outra pela utilização de armadilha, como a rede de plâncton, estabelecendo um tempo para cada amostra. Desta forma, foram coletadas 3 amostras por busca ativa e 3 amostras na rede de plâncton em cada um dos trechos estudados.

O trabalho de campo foi iniciado com a utilização da rede de plâncton ao longo do igarapé Molongó durante 3 vezes no decorrer de 10 min., perfazendo um gasto de tempo

total aproximado de 30 min. por cada trecho amostrado. Esta rede foi arrastada ao longo do igarapé para a captura dos seres vivos existentes neste meio aquático (Imagem 01B). Ao finalizar o tempo de 10 min., a amostra da rede era retirada e o material biológico depositado em um recipiente de vidro, contendo apenas água, para posterior análise no laboratório.

Na busca ativa foi retirada amostras biológicas durante 3 vezes no decorrer de 10 min., perfazendo também um total de 30 min. por cada trecho amostrado. O grupo deslocava-se pelo igarapé coletando material biológico, com o auxílio de uma peneira de 30 cm de diâmetro e malha 2 mm, uma vez coletado o material era transferido para uma bandeja plástica branca (Imagem 01C), com o intuito de realizar limpeza e uma pré-triagem do material biológico coletado durante a busca ativa no igarapé estudado.

Imagem 1 - A) Preenchimento do Protocolo de Avaliação Rápida de Diversidade de Habitats; B) Utilização da armadilha de rede de plâncton; C) Pré-triagem de material biológico coletado no Igarapé Molongó durante a busca ativa, utilizando bandeja plástica e pinças durante a atividade de campo.



Fontes: Costa, A.P.F. & Marques, K.P.F., (2023).

Triagem, identificação do material biológico e análises abióticas no Laboratório Multidisciplinar de Ciências Biológicas (LMCB)

O LMCB foi inaugurado no dia 05/03/2016. Este Laboratório atende as demandas das práticas de ensino dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Enfermagem, Intercultural Indígena e áreas afins (cursos relacionados as práticas de ensino que podem ser desenvolvidos neste tipo de Laboratório), campus Binacional de Oiapoque - UNIFAP. O LMCB tem a funcionalidade também no campo da pesquisa e extensão da supracitada Instituição.

Após a coleta de material biológico em campo era encaminhado para o LMCB. As amostras de cada rede de plâncton foram preparadas em lâminas, contendo gotas d'água coletadas na localidade estudada para a observação do material em microscópio óptico, nas objetivas e oculares que proporcionavam um aumento de 100 a 400 vezes (Imagem 02). Posteriormente, os táxons coletados na busca ativa passavam por uma nova triagem, além de identificados quando necessário fazendo uso de um estereomicroscópio e chaves de identificação presentes nos livros dos pesquisadores (HAMADA *et al.*, 2014; BRUSCA *et al.*, 2018) e transferidos para potes de vidro contendo álcool etílico 70%, contendo etiquetas

de procedência e de identificação. Ao finalizar todas as análises necessárias no laboratório, o material foi organizado e incorporado as coleções de meio líquido do LMCB.

Imagem 2 - Identificação e análise do material biológico em microscópio óptico (100x a 400x), no Laboratório Multidisciplinar de Ciências Biológicas, campus Binacional de Oiapoque - UNIFAP.



Fonte: Santos, E.M., 2023.

Foi possível também fazer uma análise do pH da água do igarapé Molongó com o auxílio de um pHmetro. Outros parâmetros físicos também foram registrados na localidade estudada.

Análise Estatística

Para a apresentação dos resultados, foi feito uso de banco de dados para gerar os gráficos, tabelas e porcentagens, assim como estatística descritiva como média e desvio padrão utilizando o programa Microsoft Excel (2016), no intuito de explicar mais adequadamente os dados registrados neste estudo. Para avaliar se houve diferença estatística nos parâmetros ambientais, entre os trechos estudados no igarapé Molongó, foi aplicada uma análise de variância (One-Way ANOVA). Para avaliar a significância estatística de diferença entre as respostas sobre o grau de dificuldade ao interpretar/analisar cada parâmetro do protocolo feitas pelos estudantes, foram realizados testes “t” de Student. O programa utilizado para análise destes dados foi o PAST 4.13 (HAMMER, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Protocolo de avaliação rápida dos habitats estudados

A partir da observação dos trechos estudados foi possível atribuir pontuação em cada parâmetro do protocolo e ao final todos os valores foram somados para se chegar a um resultado sobre o nível de condições ecológicas e ambientais do ecossistema aquático estudado. Diante dos resultados obtidos observou-se que apesar de ações antrópicas sobre os trechos do Igarapé Molongó foi registrado em uma situação de estado natural (Tabela 01). A análise de variância entre os trechos estudados neste igarapé ficou demonstrado estatisticamente não existir diferença significativa entre os trechos analisados (ANOVA F

= 2,74; $p = 0,07$). Entretanto, foi verificada algumas diferenças no tipo de ocupação das margens do corpo d'água, na largura dos cursos d'água e tipos de substratos encontrados ao longo do leito do igarapé estudado.

Na perspectiva do pensamento de Ferreira *et al.* (2012) o ambiente consegue absorver um certo grau de perturbação do homem, sendo somente mais prejudicado quando um grande contingente se estabelece sem menor planejamento e saneamento básico, desta forma mesmo havendo atividade humana na margem do igarapé, consegue se manter natural devido ao grau de interferência mínimo e reduzido em seu ambiente.

Segundo Fernandez e Sander (2006) o protocolo de avaliação rápida de diversidade de habitats proposto por Callisto *et al.* (2002) mostrou-se com uma aplicação fácil e rápida, proporcionando um panorama preliminar do grau de alteração dos cursos d'água. Nos seus estudos conduzidos nos trechos do igarapé Caxangá, em Boa Vista - RR, identificaram uma forte alteração das condições naturais dos igarapés. Esta facilidade transforma o protocolo num instrumento de suma importância para educação ambiental.

Segundo Carvalho *et al.* (2014) o protocolo de avaliação rápida de diversidade de habitats utilizado em seus estudos, constituiu-se em uma ferramenta simples e dinâmica para atividades de campo e, principalmente, em um eficiente recurso didático para explorar questões relacionadas à avaliação da integridade de ambientes lóticos. O protocolo é útil em atividades de ensino de graduação, na formação de profissionais nas áreas de ecologia e ciências ambientais, mesmo com pouco treinamento na área de estudo. No entanto, enquanto instrumentação global para avaliação de impacto ambiental de bacias hidrográficas tornam-se necessários novos estudos, principalmente no que tange os aspectos locais e regionais dos ambientes lóticos.

Tabela 1 - Resultados das pontuações atribuídas a cada parâmetro e total final do Protocolo de Avaliação Rápida de Diversidade de Habitat aplicado em cada trecho do Igarapé Molongó, município de Oiapoque.

Parâmetros	Trecho 01	Trecho 02	Trecho 03
1	4	2	0
2	4	4	2
3	4	4	0
4	2	4	4
5	4	4	4
6	4	4	4
7	4	2	2
8	4	4	4
9	4	4	4
10	2	4	4
11	5	5	5
12	2	3	5
13	5	5	5
14	5	3	2
15	3	5	3
16	5	5	3
17	5	5	3
18	5	5	5

Parâmetros	Trecho 01	Trecho 02	Trecho 03
19	3	5	3
20	5	5	3
21	5	5	3
22	5	5	5
Total	89	92	73
Resultado	Natural	Natural	Natural

Fonte: Autores, (2023).

Na análise do questionário utilizado para avaliar o grau de dificuldade apontado por todos os estudantes na utilização do protocolo nos ecossistemas aquáticos estudados no Oiapoque, foi registrado pontuações semelhantes (Gráfico 01) não apresentando diferença significativa ($t = 0,1751$; $p = 0,86$). Na avaliação por apenas 7 estudantes na utilização deste mesmo protocolo foi registrado entre os trechos do igarapé Molongó no Oiapoque pontuações também semelhantes (Gráfico 01) não apresentando diferença significativa ($t = 0,1863$; $p = 0,85$). Utilizou-se da análise de variância para verificar se houve diferença no grau de dificuldade nas respostas de todos os estudantes em diferentes ecossistemas aquáticos estudados no município de Oiapoque e as respostas dos estudantes feitas apenas nos trechos do igarapé Molongó, foi demonstrado não existir também diferença significativa entre os dados analisados (ANOVA $F = 1,73$; $p = 0,22$).

Gráfico 1 - Grau de dificuldade apontado por todos os estudantes na utilização do protocolo nos igarapés estudados e na avaliação por apenas 7 estudantes na utilização entre os trechos do igarapé Molongó no Oiapoque. Valor de média \pm desvio padrão dos pontos registrados nos ambientes aquáticos.

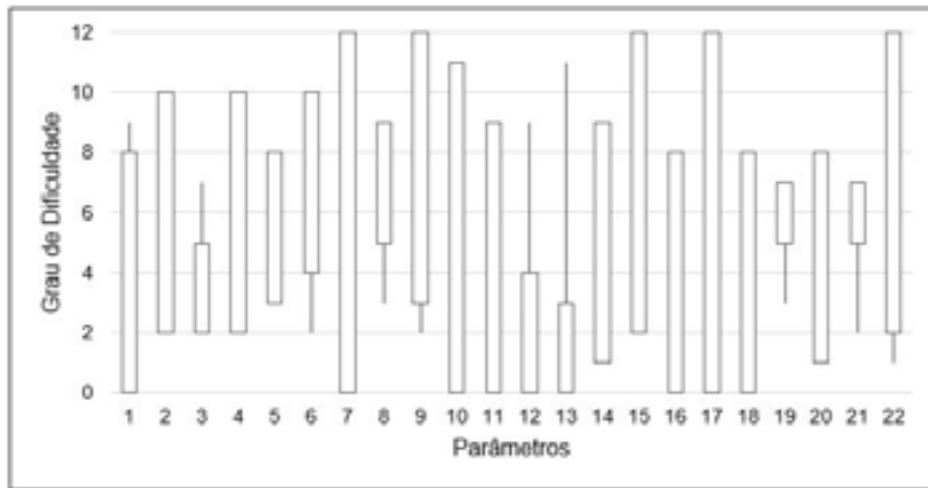


Fonte: Autores, 2023.

Segundo Carvalho *et al.* (2014) na sua análise do questionário utilizado para avaliar o grau de dificuldade apontado pelos estudantes na utilização do protocolo foi registrado pontuações semelhantes significativamente nos cursos d'água estudados (riachos Curral de Arame e Água Boa), em Dourados (MS). Ainda foi registrado que 55% nas respostas dos estudantes apresentaram "pouca dificuldade", 45% "não apresentaram dificuldade na interpretação" e nenhuma resposta foi atribuída a "grande dificuldade" ou "dificuldade moderada". Este mesmo questionário foi aplicado pelos estudantes do curso de Ciências

Biológicas do campus Binacional – UNIFAP, em 3 trechos do igarapé Molongó no Oiapoque (AP), onde foi registrado que 50,0% destes estudantes “não apresentaram dificuldade na interpretação”, 21,4% “dificuldade moderada”, 20,8% “pouca dificuldade” e 7,8% “grande dificuldade” (Gráfico 02).

Gráfico 2 - Média \pm desvio padrão do grau de dificuldade de interpretação de cada parâmetro utilizado do Protocolo de Avaliação Rápida de Diversidade de Habitat em trechos do igarapé Molongó.



Fonte: Autores, 2023.

O padrão de respostas dos avaliadores poucas vezes apresentou distorções ou divergências entre os itens nos locais avaliados, indicando assim que o protocolo utilizado apresenta a confiabilidade necessária para aplicações dessa natureza (CALLISTO *et al.*, 2002; CARVALHO *et al.*, 2014). Assim foi observado nestes estudos corroborando com as assertivas destes autores.

Outros parâmetros abióticos foram registrados e analisados nos trechos do igarapé Molongó. No trecho 01 a temperatura foi registrada em torno de 25,6 °C e pH em torno de 4,7, já no trecho 02 foi registrado temperatura de 26,5 °C e o pH de 4,6 e no último trecho 03 a temperatura ficou em 25,0 °C e o pH de 4,6. Segundo Monteiro-Santos (2008) e Sioli (1991) registram que estes parâmetros de temperatura e pH estão dentro das condições ambientais registradas para os tipos de água clara e cristalina da região Amazônica.

Alves *et al.* (2012) expressam que na Amazônia é comum que as águas apresentem valores ácidos, pois recebem influência do processo de lixiviação dos solos ácidos, além disso, a quantidade elevada de matéria orgânica que se encontra no meio ambiente ao sofrer decomposição forma ácidos orgânicos, o que não representa riscos ao meio aquático. Pelo contrário “revelam uma necessidade de adequar a legislação vigente, no sentido de flexibilizar a adoção de parâmetros e padrões de qualidade compatíveis com as características dos ecossistemas amazônicos”.

Protocolo de avaliação rápida de diversidade biológica

Os resultados obtidos através da coleta de campo foram em torno de 122 espécimes, sendo 84 da armadilha de rede de plâncton e 38 da busca ativa (Tabela 02). Embora os números não sejam altos, ainda assim é possível notar a diversidade biológica presente ao longo do Igarapé Molongó, onde a maioria dos animais encontrados foi do Filo Arthropoda,

Subfilo Hexapoda e Classe Insecta. A coleta apresentou grupos interessantes como Ephemeroptera que, como explanam Rezende *et al.* (2012) é um importante bioindicador de qualidade ambiental visto que organismos dessa ordem são sensíveis a modificações ambientais possuindo baixa tolerância a poluição, fato esse que comprova a pontuação dos parâmetros no PARDH nos trechos categorizados como naturais, registrado acima de 61 pontos pelo protocolo adotado neste estudo.

Tabela 2 - Resultado da coleta feita utilizando a armadilha rede de plâncton e busca ativa nos 3 trechos estudados no igarapé Molongó. UTO = Unidade Taxonômica Operacional; (+) Presença do táxon; (-) Ausência do táxon.

UTO (Filo/Subfilo/Classe/Subclasse/Ordem/ Subordem/Família/Gênero)	Métodos de coletas nos trechos do ig. Molongó					
	Rede de Plâncton			Busca Ativa		
	Trecho 01	Trecho 02	Trecho 03	Trecho 01	Trecho 02	Trecho 03
Arthropoda/Crustacea/Branchiopoda/Diplostroca/Cladocera	-	+	-	-	-	-
Arthropoda/Crustacea/Malacostraca/Eumalacostraca/Amphipoda	+	+	-	-	-	-
Arthropoda/Crustacea/Malacostraca/Decapoda	-	-	-	-	+	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Ephemeroptera/Leptohyphidae	-	-	+	-	-	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Ephemeroptera/Baetidae	-	-	+	-	-	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Ephemeroptera/Leptophlebiidae	-	-	-	-	-	+
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Hemiptera/Nepidae	-	-	-	+	+	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Hemiptera/Veliidae	-	-	-	+	-	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Hemiptera/Naucoridae	-	-	-	-	+	+
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Odonata/Libellulidae	-	-	-	+	+	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Odonata/Gomphidae	-	-	-	+	+	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Odonata/Coenagrionidae	-	-	-	-	+	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Diptera/Chironomidae	+	-	-	-	-	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Diptera/Ceratogonidae	+	-	-	-	-	-
Arthropoda/Hexapoda/Insecta/Diptera/Culicidae	+	-	-	-	-	-
Arthropoda/Arachnida/Araneae	-	-	-	-	-	+
Chordata/Osteichthyes/Actinopterygii	-	-	-	-	+	+
Annelida/Clitellata/Hirudinoidea	-	-	-	+	-	-
Mollusca/Gastropoda	-	-	-	+	-	+
Ciliophora/Paramecium	+	+	+	-	-	-
Ciliophora/Stentor	+	-	-	-	-	-
Ciliophora/Didinium	-	-	+	-	-	-
Blastocelomados/Rotifera	+	+	-	-	-	-
Blastocelomados/Nemata	+	-	-	-	-	-

Fonte: Autores, (2023).

Os Bioindicadores são espécies selecionadas por sua tolerância a diversos tipos de poluição (orgânica ou inorgânica). O uso das respostas biológicas como indicadores de degradação ambiental é vantajoso em relação às medidas físicas e químicas da água, pois estas registram apenas o momento em que foram coletadas, como uma fotografia do curso d'água, necessitando assim de muitas análises temporais eficientes. Os defensores dos PAR argumentam que as respostas multimétricas são mais apropriadas do que as baseadas em uma única métrica (índices bióticos, por exemplo) e, portanto, mais robustas (WASHINGTON, 1984; METCALFE, 1989, BARBOUR *et al.*, 1996; BUSS, 2003, CALLISTO *et al.*, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo método de ensino prático de uso do protocolo de avaliação rápida de habitats ficou demonstrado que em todos os trechos analisados do Igarapé Molongó estão naturais, ou seja, que o nível de condições ecológicas e ambientais deste ecossistema aquático ainda não sofreu severas ações antrópicas, podendo considerar como relativamente conservado. Apresentando também condições físicas e químicas do leito do igarapé relativamente normais e dentro dos padrões registrados em outros cursos d'água da região Amazônica. No que tange ao uso do protocolo de avaliação rápida de diversidade biológica foi possível evidenciar uma boa diversidade de organismos aquáticos, alguns considerados como bons bioindicadores de qualidade de água. Em síntese, estes protocolos constituem-se em excelentes instrumentos ou alternativas no ensino prático de graduação, desenvolvendo atividades de campo de forma rápida e dinâmica, proporcionando aos estudantes eficientes recursos didáticos para a avaliação da integridade de condições ecológicas e ambientais de um ecossistema em que se deseja estudar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I.C.C; EI-ROBRINI, M; SANTOS, M.L.S; MONTEIRO, S.M; BARBOSA, L.P.F; GUIMARÃES, J.T.F. Qualidade das águas superficiais e avaliação do estado físico do Rio Arari (Ilha de Marajó, norte do Brasil). *Acta Amazônica*. Ilha do Marajó, v. 42, n. 1, p. 115-124, 2012.
- BARBOUR, M.T.; GERRITSEN, J.; GRIFFITH, G.E.; FRYDENBORG, R.; McCARRON, E.; WHITE, J.S.; BASTIAN, M.L. A framework for biological criteria for Florida streams using benthic macroinvertebrates. *Journal of the North American Benthological Society*, v. 15, n. 1, p. 185-211, 1996.
- BRUSCA, R.C.; MOORE, W.; SHUSTER, S.M. *Invertebrados*. 3ª Ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- BUSS, D.F.; BAPTISTA, D.F.; NESSIMIAN, J.L. Bases conceituais para a aplicação de biomonitoramento em programas de avaliação da qualidade da água de rios. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p 465-473, 2003.
- CALLISTO, M.; FERREIRA, W.R; MORENO, P.; GOULART, M; PETRUCIO, M. Aplicação de um protocolo de avaliação rápida da diversidade de habitats em atividades de ensino e pesquisa (MG-RJ). *Acta Limnologica Brasiliensia*. Belo Horizonte, v.14, n.1, p-91-98, 2002.

- CALLISTO, M; GONÇALVES, J.F; MORENO, PABLO. Invertebrados Aquáticos como Bioindicadores. *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*. Belo Horizonte, v.6, n.1, p. 71-82, 2003.
- CARVALHO, E.M.; RUSSO, M.R.; NAKAGAKI, J.M. Utilização de um protocolo de avaliação rápida da diversidade de habitats em ambientes lóticos. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais*, Aquidabã, v.5, n.1, p. 129-139, 2014.
- FERNANDEZ, O.V.Q.; SANDER, C. Aplicação de um protocolo simplificado de avaliação de habitats aquáticos no igarapé Caxangá, Boa Vista, RR. In: VI Simpósio Nacional de Geomorfologia/Regional Conference on Geomorphology, 06 a 10.09.2006, Goiânia-GO. Anais ... Goiânia: União da Geomorfologia Brasileira, p. 01-07, 2006.
- FERREIRA, S.J.F; MIRANDA, S.A.F; MARQUES FILHO, A.O; SILVA, C.C. Efeito da pressão antrópica sobre igarapés na reserva florestal Adolpho Ducke, área de floresta na Amazônia Central. *Acta Amazônica*. Manaus, v.42, n.4, p. 533 – 540, 2012.
- HAMADA, N.; NESSIMIAN, J.L.; QUERINO, R.B. Insetos aquáticos na Amazônia brasileira: taxonomia, biologia e ecologia. Manaus-AM: Ed. INPA, 2014.
- HAMMER, Ø. *PAleontological STatistics* (4.13). Natural History Museum, University of Oslo, 2023. Disponível em: <https://www.nhm.uio.no/english/research/resources/past>. Acesso em: 13/04/2023.
- KRASILCHIK, M. *Prática de ensino de Biologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- MARQUES, D.S. *Estudo sobre ecologia de organismos aquáticos*. Capitão Poço, 2017.
- METCALFE, J.L. Biological water quality assessment of running waters based on macroinvertebrates communities: history and present status in Europe. *Environmental Pollution*, v. 60, n. 1, p. 101-139, 1989.
- MONTEIRO-SANTOS, E. Simuliidae (Diptera: Nematocera) associados às bacias do leste do Estado do Pará, com ênfase na Serra dos Martírios-Andorinhas. 100 f. Tese (Doutorado) em Zoologia da Universidade Federal do Pará em convênio com o Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém-PA, 2008.
- REZENDE, R.S; SANTOS, A.M; JUNIOR. J.F.G. Avaliação ambiental do Rio Pandeiros utilizando macroinvertebrados como indicadores de qualidade da água. *Ecología austral*. Florianópolis, v. 22, n.3, p. 159 0 169, 2012.
- SANTOS, E.A.V; SILVA, C.F. Aplicação de um protocolo de avaliação rápida da diversidade de habitats em três ecossistemas aquáticos no semiárido paraibano. In: Anais II CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO, Campina Grande: Realize Editora, 2017.
- SANTOS, J. N. Recursos pedagógicos: o fazer pedagógico para um olhar teórico prático. In: SANTOS, J. N. (org.). *Ensinar Ciências: reflexões sobre a prática pedagógica no contexto educacional*. Blumenau: Nova Letra, 2011. 75p.
- SILVA, E.N.S; SILVA, C.P.D.S. A Expansão de Manaus como Exemplo do Processo de Extinção dos Igarapés. In: *Bases Científicas para Estratégias de Preservação e Desenvolvimento da Amazônia*. 1ª ed., v.2., Manaus-AM: Ed. INPA, 1993.

SIOLI, H. Amazônia: Fundamentos da ecologia da maior região de Florestas Tropicais. 3ª Ed., Petrópolis: Vozes, 72 p., 1991.

TRIVELLATO, J.; TRIVELLATO, S.; MOTOKANE, M.; LISBOA, J.F. & KANTOR, C. Ciências Natureza & Cotidiano: criatividade, pesquisa, conhecimento. 5ª série. São Paulo: FTD, 2004.

WASHINGTON, H.G. Diversity, biotic and similarity indices. A review with special relevance to aquatic ecosystems. *Water Research*, v. 18, n.1, p. 653-694, 1984.

Educação ambiental e horta na escola: reflexões

Environmental education and garden at school: reflections

Juno Januário da Silva Neto

RESUMO

O estudo que aqui se apresenta, discute a Educação Ambiental a partir de práticas como a construção de horta escolar. Na intenção de relacionar teoria e prática a partir das vivências dos conteúdos fundamentais à educação desta e futuras gerações. Vale lembrar que aspectos como plantar e cultivar o próprio alimento é um dos pilares fundantes da Educação em relação ao meio ambiente. Assim, a pensar na horta escolar, pensa-se também em educação alimentar, relação profícua entre os temas e que elaboram os indivíduos que devem aprender como cuidar do planeta como afirma Boff (2008) ao pensar sobre ecologias, educação do cuidar – relação que deve ser priorizada na escola e na sociedade.

Palavras-chave: educação ambiental. horta escolar. aprendizagens.

ABSTRACT

The study presented here discusses Environmental Education based on practices such as building a school garden. With the intention of relating theory and practice from the experiences of fundamental contents to the education of this and future generations. It is worth remembering that aspects such as planting and growing your own food is one of the founding pillars of Education in relation to the environment. Thus, thinking about the school garden, one also thinks about food education, a fruitful relationship between the themes and which elaborate individuals who must learn how to take care of the planet, as stated by BOFF (2008) when thinking about ecologies, care education - a relationship that should be prioritized in school and society.

Keywords: environmental education. school vegetable garden. apprenticeships.

INTRODUÇÃO

A ideia de implantar a horta na escola surge a partir de várias necessidades, dentre elas destacam-se: a necessidade de uma prática



pedagógica que desperte um maior envolvimento e responsabilidade por parte dos alunos, pois a questão da “indisciplina” é uma das principais problemáticas discutidas na educação e em questão, além da urgência de encontrar uma temática que possibilitasse a valorização a interação entre alunos e ambiente escolar.

Em um mundo em que predominam práticas errôneas em relação à alimentação, observar e refletir sobre o lanche servido às crianças nas unidades escolares é de extrema importância. A riqueza natural do nosso País, especificamente no que diz respeito aos produtos da agricultura, aliada ao desenvolvimento tecnológico, tem propiciado mudanças nas formas de alimentação e todas estas modificações, a maioria visando à saúde, precisa chegar às nossas escolas. Isso, ainda mais, considerando que, em grande parte dos casos, a merenda escolar é a principal refeição de muitas crianças cujos pais, sem condições financeiras.

A horta escolar, pode contribuir para o desenvolvimento de ações nas unidades educativas, utilizando este espaço verde para a promoção da Educação Ambiental e alimentar. Desenvolver a prática de cultivo de hortaliças na escola ainda serve de laboratório para que o professor desperte nos educandos um interesse pelo meio ambiente, algo já previsto no currículo escolar.

O aluno aprende a plantar, transplantar mudas, regar, arar o solo, remover pragas, colher, reconhecer diferentes cultivares, identificar as diferentes características dos vegetais, bem como a nutrição e adubação necessárias.

Assim, o indivíduo em formação, reconhece e se nutre de saberes, conhecimentos e experiências dos atores sociais envolvidos em processos de desenvolvimento rural, incorporando o potencial endógeno e sociocultural, na perspectiva de avançar em direção a patamares crescentes de sustentabilidade e mais do que tratar sobre o manejo adequado ou ecológico dos recursos naturais, constitui um campo de conhecimentos científicos que pretende contribuir para que o redirecionamento do curso alterado da com evolução social e ecológica, nas suas múltiplas inter-relações e mútua influência.

Objetiva-se ainda, propor mudanças efetivas no cardápio da unidade de ensino em questão como forma de os estudantes serem melhores nutridos. Esta abordagem é relevante, pois chama a atenção, primeiramente, para a importância do ato de repensar o cardápio do lanche escolar nas escolas públicas levando em consideração alimentos mais saudáveis. Analisar a importância do cultivo de hortas escolares a partir da relação teoria e prática da sua relação entre homem-natureza.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação Ambiental é uma referência em mudanças na maneira de educar e construir práticas significativas em relação ao planeta e como o indivíduo se posiciona como aquele que cuida, respeita e mantém as culturas e espécies, já praticada em alguns países, foi proposta em 1999 no Brasil, responde também pelos processos educativos e por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, a implantação de hortas nas escolas é muito importante, pois ela ajuda os alunos terem uma visão mais

sustentável e mais disciplinar.

Como consequência da Educação Ambiental, os educandos vão se alimentar melhor, obter conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Com esse pensamento, as pessoas irão cuidar mais do meio ambiente, cultivando melhor os alimentos, com atitudes e ações que preservem melhor o ambiente.

A Educação Ambiental contribui fortemente para o processo de conscientização levando a mudanças de hábitos e atitudes do homem e sua relação com o ambiente. Destacamos ainda que a Educação Ambiental traz a questão de que há uma necessidade de se buscar a democratização da cultura, do acesso e permanência na escola bem como da melhora do nível cultural da população para compreender o que é ciência, os avanços científicos e tecnológicos e as possibilidades de solução para diversos problemas de nossa época. (LOUREIRO, 2004, p.89).

A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social com objetivos claros que é contribuir com ensinamentos na escola, destacando como podemos melhorar nossa vida com uma alimentação mais saudável, fazendo com que a direção da escola disponibilize na merenda escolar os alimentos que está sendo priorizados no cultivo na horta escolar.

Outro ponto positivo são esses educandos poderem levar esse conhecimento para a própria vida em família e sociedade. Assim, dividirão esses saberes com pessoas ao redor que não tenha esse conhecimento, consequência disso, vão ter uma alimentação mais saudável com mudanças de hábitos na alimentação das pessoas, fazendo com que a população tenha melhores atitudes em relação a Educação Ambiental.

Carvalho (2004) informa que isso é de suma importância, pois está diretamente ligada a melhoria da qualidade de vida de todos. Cabe destacar que estamos falando da Educação Ambiental Crítica cujo objetivo é “contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um sujeito ecológico”.

A questão do desenvolvimento sustentável tem sido assunto em várias instituições privadas, públicas e, inclusive, em âmbito internacional, devido à importância na criação de projetos que visam à sustentabilidade. O crescimento desordenado da população e o mau uso dos recursos naturais causaram vários impactos ambientais, sociais e econômicos ao longo dos anos, essa situação é bem delicada e obriga a população a ter mudanças.

Essas mudanças começam nas práticas educativas com o componente curricular Ciências Naturais e outros componentes que congregados, poderão pela interdisciplinaridade, experienciar e enriquecer as práticas pedagógicas pelo viés da troca de saberes.

Escola, ensino e aprendizagem atrelados a questão da horta importa à comunidade escolar, pois estão inter-relacionados pelo fato dos alunos conviverem mais com a natureza, acompanhando o crescimento dos legumes, das verduras e estando diretamente ajudando, cuidando desses alimentos isso tem consequências, uma delas é esses alunos passam a ter um cotidiano pedagógico significativo, a partir do cuidado de irrigar a horta para que os alimentos cresçam no tempo correto sem nenhum problema que prejudique as proteínas e vitaminas, fundamentais ao organismo, esse é um processo que educa essa e as futuras gerações na perspectiva da vivência com o Meio ambiente:

A construção de uma outra sociedade mais justa, solidária, pacífica e sustentável se apresenta cada dia mais utópica e distante e ao mesmo tempo urgente, necessária e pertinente. Assim se multiplicam em todo o mundo os espaços de encontro dos anônimos e anônimas que investem seu tempo e energia na construção dessa sociedade que não sabemos muito bem como será, e de que temos apenas alguns indícios de como queremos que seja. (REIGOTA, 2004).

Um desafio encontrado na criação de uma horta é a questão da água. Apesar do nosso país ser considerado rico em água, a região Nordeste sempre sofreu com esse problema, por isso é preciso ter um bom planejamento para que o trabalho da manutenção e cuidados com a água na horta não seja prejudicado, a rega da horta deve ser constante e com economia, mas sempre tendo o cuidado de não faltar água, que é indispensável para que a horta seja bem-sucedida:

A Ecologia constitui-se num novo território de saber, marcado pela interseção de vários campos de saberes, como estes já citados, além de muitos outros. Podemos chamar os problemas ecológicos de problemas híbridos. (GALLO, 2000).

Muitas empresas se esforçam para que as pessoas consumam mais alimentos saudáveis. A *Organização das Nações Unidas* para alimentação e Agricultura (FAO), criada em 16 de outubro de 1945 sempre se dedicou a esse trabalho. Ao pensar e propor a horta escolar, esse trabalho precisa estar elaborado a partir dos objetivos da Educação Ambiental, ou seja, os alunos devem ter acesso a esse conhecimento do preparo da horta, manuseio da terra e enriquecimento do solo e conhecimento do plantio das hortaliças e legumes priorizados para o cultivo:

Cada vez mais, instituições nacionais de saúde e agricultura, representantes da indústria e de organizações internacionais, incluindo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), têm trabalhado para acessar esses obstáculos e discutir formas de promover o consumo de frutas, legumes e verduras ao redor do mundo” (FAO, 2006; GOMES, 2007).

A intenção de fazer uma horta na escola, além de poder mudar hábitos alimentares, e mudar para a melhor. É bom destacar segundo Guimarães (2004) que ao estimular nos educandos mudanças de atitudes diárias, entre elas proporcionar o respeito entre os seres humanos e os demais seres vivos, promover hábitos de alimentação saudável e um trabalho coletivo por meio de uma prática prazerosa e significativa no processo de ensino e aprendizagem para esses educandos.

A implantação de uma horta orgânica no espaço escolar, pode também ajudar na transformação da realidade de vidas das pessoas que estão envolvidas nesse trabalho, fazendo com que essas práticas educativas ajudem a combater um grande problema que a sociedade tem provocado em várias frentes, a crise socioambiental.

Nesse tipo de trabalho que envolvem alunos e funcionários da escola, é bom destacar que é de muita importância realizar uma coleta de dados, um relatório para que possa ter uma ideia melhor do tema trabalhado com os envolvidos, o objetivo disso é ter um levantamento da situação que se encontra esses alunos e funcionários em relação esses conhecimentos com esses alimentos que estão sendo trabalhado na horta escolar:

A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento. (Silva e Menezes, 2000).

Com o conhecimento adquirido com a horta na escola, os alunos vão valorizar mais todos os aspectos biológicos, sociais e econômicos a partir dessa prática ambiental e pedagógica, o educando passa a ter possibilidade de aprender a plantar, selecionar o que plantar, planejar o que plantou, transplantar mudas, regar, cuidar, colher. Essa maneira de atuar na Educação Ambiental elabora nas envolvidas atitudes de partilha desses conhecimentos na sociedade e família, gerando a consciência de ser que atua para a preservação do Meio ambiente:

Uma das metas básicas da Educação Ambiental é lograr que as pessoas e as comunidades compreendam o caráter complexo do meio ambiente natural e artificial, resultante da inter-relação de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, e adquiram os conhecimentos, os valores, as atitudes e as aptidões que permitam participar, de forma responsável e eficaz, do trabalho de preservação e resolução de problemas ambientais, e na gestão apropriada ao meio ambiente. (Panachão, 2008).

Esses saberes podem ser socializados na escola e transportados para a vida familiar dos alunos, por meio de estratégias, como mecanismo capaz de gerar mudanças na cultura alimentar, ambiental e educacional. Portanto, a horta escolar deve ajudar a obter o conhecimento necessário para a compreensão da complexidade ambiental, por meio de uma integração das atividades educativas, a fim de proporcionar uma visão mais integrada do meio ambiente, e fomentar valores éticos, econômicos e culturais:

Valores esses que favoreçam o desenvolvimento de comportamentos compatíveis com a preservação e melhoria do meio ambiente, assim como uma ampla gama de habilidades práticas necessárias à concepção e aplicação de soluções eficazes aos problemas ambientais. (DIAS:1994).

A construção de uma horta escolar tem inúmeros benefícios para a escola e principalmente para o educando, pois além de terem o conhecimento da importância desses alimentos, vão também poder ver isso na prática socioeducativa e de construção de uma sociedade que se ajuda:

A possibilidade de tratar o Meio Ambiente como tema transversal, também através do espaço horta ficou fortalecida em 1999, com a promulgação da Lei nº 9.795 que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. "A presença de uma horta na escola pode significar a existência de um espaço onde o ensino e o exercício de algumas atividades, auxiliariam a administração e a assimilação de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, na direção de uma construção em Educação Ambiental.". (BIANCO E ROSA, 2005).

Quando os educandos e comunidade escolar tiverem o dever, o trabalho de cuidar da horta, regando na hora certa, acompanhando o nascimento dos legumes, das verduras, cuidando com base nos saberes adquiridos entre a teoria e a prática nas aulas de Ciências Naturais.

Esses indivíduos se preocuparão em dividir saberes, responsabilidades e a mudança de atitude frente ao Meio ambiente. Esse modo de entender e participar da vida vai ao encontro do que BOFF (2008) preconiza como educação do cuidar: cuidar é mais que um ato; é uma atitude e, portanto, abrange uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro e com o planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões priorizadas neste artigo revelam que a Educação Ambiental tem um valor que não pode ser esquecido. Ao pensar e saber que o cultivo de hortas na escola pode trazer muitos benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, colaborando, sobretudo na motivação dos alunos para aprender os conteúdos estudados em sala de aula e que ao adotar métodos que proporcionam ao aluno sair da rotina, seu aprendizado é muito mais eficaz pelas aprendizagens significativas.

É importante destacar também a atenção para um dos aspectos mais preocupante no cultivo de hortas e também de outros tipos de produtos agrícolas, trata-se do uso de agrotóxicos para o controle das pragas que costuma aparecer nas plantações. Isso é bastante preocupante, pois pode alterar a qualidade do alimento que consumimos e causar danos muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente.

O uso de agrotóxicos é tão sério que pode afetar muito mais que apenas o tipo de alimentos consumido pelo homem. A utilização dos agrotóxicos pode afetar a terra, o ar e até a água, principalmente da forma que são aplicados, geralmente em grande escala, aumentando ainda mais a extensão do seu poder de alcance na natureza.

Os danos ao meio ambiente é um dos maiores problemas da atualidade e tem sido motivo de muita preocupação para humanidade, a partir deste trabalho fica claro que todos devem cuidar do meio ambiente. Certamente, a escola deve ser uma das instituições que se responsabiliza por esta tarefa, mostrando que o homem deve cuidar da natureza para não comprometer o futuro da humanidade.

Nessa perspectiva, este artigo se preocupou em discutir a relação da horta orgânica na escola e a educação alimentar. Espera-se que as reflexões aqui propostas, possam abrir novos e possíveis caminhos para uma educação que seja ambiental e voltada para a qualidade de vida dos alunos e a mudança de hábitos nada ecológicos, para posturas socioambientais.

REFERÊNCIAS

- BIANCO, S.; ROSA, A. C. M. da; Instituto Souza Cruz. Hortas escolares: o ambiente horta escolar como espaço de aprendizagem no contexto do Ensino Fundamental: livro do professor. 2. ed. Florianópolis: Instituto Souza Cruz, 2002.
- CARVALHO, I. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/ Diretoria de Educação Ambiental, 2004, p.13-24.
- BOFF, Leonardo. Ecologia, mundialização, espiritualidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- DIAS, G.F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1994.
- GALLO, S. Transversalidade e meio ambiente. In: Ciclo de palestras sobre o meio ambiente. Brasília: MEC/SEF, 2001.

GUIMARÃES, M. A formação de educadores ambientais. Campinas: Papirus, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

PANACHÃO, E.I. Experiência de implementação de horta orgânica em unidade de ensino não-formal na zona norte de Londrina - PR. Anais do XI EPEA, Londrina- PR, 2007.

REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. São Paulo: Brasiliense, 2004. 64 p.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

Organizadora

Denise Pereira

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura, (UEPG), Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG); Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria EAD (FABRAS); Especialista em Gestão Educacional (IBRA), Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA). Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da UEPG, Professora Orientadora de TCC da UFRN, Coordenadora Geral Acadêmica da FASU.

Índice Remissivo

A

abordagem 12, 21, 25, 76, 101, 118, 121, 126, 130
acolhimento 12, 13, 19, 21, 24
adaptação 12, 13, 24, 26
ambiente 13, 15, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30,
31, 32, 33, 34, 38, 39, 42, 43, 50, 53, 57, 59, 65, 66,
67, 69, 70, 72, 73, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89
ambiente educacional 15, 38, 69, 72
amostragem 36
análise 36, 38, 40, 41, 45, 47, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 74,
78, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 97, 102, 103, 121, 123,
128, 130, 131, 132, 133, 144, 146, 150, 151, 153
aprendizagem 12, 15, 20, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 38, 39,
42, 44, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 66, 69, 70,
72, 75, 77, 79, 80, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97,
98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 111, 116, 117, 118,
119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130,
131, 132, 133, 139, 140, 141, 145, 161, 162, 164
assistencialismos 12
autônoma 27
autonomia 12, 13, 19, 22, 23, 24

B

biodiversidade 144
brinquedoteca 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34
Bullying 62, 63, 66, 67, 71, 72, 74, 76, 77

C

cidadania 37, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66,
67, 68, 69, 72, 74, 75, 77
conhecimento 12, 13, 16, 19, 20, 29, 30, 34, 38, 39, 44,
47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 60, 65, 69, 80, 81, 82,
85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101,
102, 111, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 128,
129, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 141, 145,
158, 161, 162, 163
conhecimentos 13, 20, 21, 22, 24, 30, 39, 44, 49, 50,
51, 54, 60, 66, 68, 69, 82, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100,
101, 108, 114, 117, 121, 133, 134, 145, 160, 161,
162, 163
coordenação 28, 32, 70, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 86, 87,

88, 89

creche 12, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25

crianças 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33

D

democracia 38, 50, 59, 62, 63, 65, 68, 74, 75

desenvolvido 15, 38, 79, 80, 85, 86, 88, 94, 100, 110, 131, 132

desenvolvimento 12, 13, 15, 16, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 44, 47, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 108, 114, 116, 119, 120, 122, 125, 126, 128, 132, 137, 138, 139, 144, 145, 148, 149, 160, 161, 163

disciplina 131, 132, 133, 134, 135

discussão 21, 36, 40, 56, 60, 62, 78

diversidade 64, 65, 66, 75, 88, 102, 121, 143, 144, 145, 148, 152, 154, 156, 157

docência 22, 28, 40, 77, 78, 79, 80, 90

E

ecossistema 26, 143, 144, 145, 151, 156

educação 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 115, 119, 124, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 152, 159, 160, 161, 163, 164, 165

educação física 136, 137, 138, 139, 141, 142

eletrodinâmica 116, 117, 118, 121, 122, 125, 126

ensino 14, 15, 20, 23, 27, 29, 37, 38, 39, 42, 44, 45, 47, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 108, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165

espaço educativo 27

esporte 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

F

fenômenos 64, 70, 103, 116, 117, 118, 121, 127, 128, 129
ferramenta 29, 30, 32, 95, 96, 97, 98, 128, 137, 145, 152
ferramentas 57, 59, 110, 111, 123, 124, 128
fisioterapeuta 131, 134
formação 15, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 30, 31, 32, 35, 39, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 131, 132, 134

G

gestão escolar 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89

H

habilidade 30, 78, 80, 140
habilidades 22, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 66, 73, 80, 96, 118, 120, 136, 137, 139, 140, 161, 163
hábitos 15, 161, 162, 164
história 14, 17, 18, 26, 35, 51, 55, 93, 94, 97, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115
horta 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

I

ideologias 75
inclusão 18, 36
instrumento 12, 47, 54, 98, 110, 114
instrumentos 31, 40
internet 38

L

laboratório 116, 118, 127, 128, 129
legislação 36

linguagem 23, 32, 33, 66, 75, 93, 94, 105, 114, 120, 122, 128, 130

literatura 106, 107, 109, 111, 115

lúdica 27, 29, 30, 32

lúdico 29, 32, 33, 34, 35, 99, 107

M

meio ambiente 53, 65, 154, 159, 160, 161, 163, 164

metodologia 26, 32, 53, 54, 101, 111, 116, 121, 122, 129, 140, 143, 145

metodológico 95, 103, 107, 108, 111, 114

métodos 12, 21, 26, 33, 34, 41, 72, 80, 122, 132, 133, 134, 143, 144, 145, 149, 164

motricidade 30, 120, 122, 128

O

oralitura 107

oratura 107, 108, 109

P

pedagogia 39

pedagógica 14, 15, 16, 25, 31, 32, 34, 43, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 71, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 101, 103, 106, 108, 114, 130, 131, 132, 133

pedagógicas 20, 21, 24, 59, 66, 69, 70, 87, 88, 79, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 106, 112, 130, 136

pedagógico 17, 23, 27, 32, 34, 49, 59, 68, 72, 73, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 98, 100, 101, 103, 108, 132, 134, 139, 157, 161

prática pedagógica 56, 60, 81, 96, 101, 103, 106, 108, 114, 142, 157, 159

pré-escola 12, 13, 14, 19

processo 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 32, 34, 38, 39, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 68, 70, 72, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 139, 140, 145, 154, 161, 162, 164

processos 19, 35, 43, 51, 58, 70, 77, 86, 87, 91, 99, 100,

101

professor 137, 138, 139, 140, 141

profissionais 131, 132, 134

psicológicos 35, 72, 77, 78

psicopedagogia 62, 72, 73, 75

R

raciocínio lógico 28, 29, 120, 122, 126

reciclável 116

responsabilidade 5

S

sala de aula 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124,
125, 127, 128, 129, 130

saúde 137, 138, 139

sistema 5

socialização 12, 22, 27, 28, 30, 32, 33

sociedade 14, 16, 17, 18, 19, 39, 45, 47, 48, 49, 50,
51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66,
67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 80, 82, 97, 98, 99,
104, 108, 115, 137, 139, 140, 141, 159, 161, 162,
163

socioambientais 164

socioambiental 162

socioeconômicas 54, 67, 78

sociopolítica 47, 55, 58, 59

sociopolíticas 47

sucedida 162

sustentabilidade 52, 160, 161

T

tecnológico 54, 57, 58, 124, 160

